

# SEU ZEZINHO

A Estrela Eterna do Sumaré

Cláudia Sabadini

cachoeira  
**cult**  
EDITORA

# SEU ZEZINHO

A Estrela Eterna do Sumaré

José Basílio de Souza foi para nós simplesmente Seu Zezinho. Um homem simples que nos ensinou a virar o jogo sempre, sem medo, com respeito e ética. Exigente dentro do campo, um pai fora dele.

Na história que se segue veremos o quanto a imagem, a memória e o exemplo de Seu Zezinho continuam vivos nos depoimentos de mais de setenta entrevistados. Gente que se juntou a esse sonho porque acredita na importância de revelar a essência do velho mestre aos mais jovens, às crianças que, assim como nós, um dia ansiaram por alguém que acreditasse no nosso talento, no nosso valor.

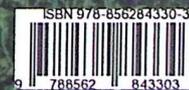
Seu Zezinho é o símbolo da nossa geração.

No ano do centenário do clube, nada mais marcante que lembrar aquele que dedicou mais de sessenta anos de sua vida a cuidar de meninos que tinham como maior sonho jogar no Estrela. Estávamos devendo isso a Seu Zezinho...

Este livro mostra que José Basílio de Souza não é chamado de mestre por acaso.

Luiz Carlos de Freitas

cachoeira  
**cult**  
EDITORA



José Basílio de Souza,  
o Seu Zezinho,  
treinador do Infantil  
do Estrela do Norte,  
nasceu em Cachoeiro  
de Itapemirim, em 17  
de novembro de 1905.  
Filho de Cândida Angélica  
do Carmo e Antônio Basílio  
de Souza, morou até a  
adolescência no bairro  
Coronel Borges e,  
mais tarde, se mudou para  
a rua Carlos Silva,  
no bairro Sumaré, vizinho  
ao Campo do Estrela.

Casou-se com Maria de  
Lourdes Almeida de Souza,  
mais conhecida como  
Dona Filinha,  
em 25 de junho de 1928.  
Tiveram cinco filhos:  
Osvaldo, que nasceu em  
23 de maio de 1929;  
Ormelinda, em 7 de maio  
de 1930; Joel, em 4 de  
março de 1931; Horeny,  
em 22 de setembro de  
1940; Verly, em 26 de  
agosto de 1942 (estes já  
falecidos); Nely em 9 de  
novembro de 1936 e  
Ronaldo em 24 de  
novembro de 1946.

Da união de Verly e Ildete  
nasceram Alexandre,  
Anderson e Andressa.  
Ronaldo e Vanderli  
tiveram Fábio e Bruno.  
De Nely e Nelson nasceu  
Ronaldo. Ormelinda e  
Wilson não tiveram filhos.  
Vieram os bisnetos:  
Bianca; Ana Luísa; Artur  
e Lucca; Guilherme  
e Letícia;  
Emily e Evelyn.

Cláudia Sabadini

# Seu Zezinho

## A Estrela Eterna do Sumaré

Idealização: Luiz Carlos de Freitas

Projeto: Editora Cachoeiro Cult

Organizadores: Fernando Gomes e Marcelo Grillo

Editora Cachoeiro Cult  
Cachoeiro de Itapemirim - ES  
2016

ISBN 978-85-62843-30-3

S117s Sabadini, Cláudia Aparecida Ferrari  
Seu Zezinho: a estrela eterna do Sumaré / Cláudia Aparecida Ferrari Sabadini -  
Cachoeiro de Itapemirim: Editora Cachoeiro Cult, 2016.  
201p.

1. Biografias I. Título

CDD: 920

Copyright © by Editora Cachoeiro Cult Ltda

**Capa e projeto gráfico:**

Diego Scarparo

**Pesquisas e entrevistas:**

Cláudia Sabadini

Fernando Gomes

**Revisão:**

Fernando Gomes

Marcelo Grillo

**Diagramação:**

Marcelo Grillo

**Ilustração:**

Júlio Míqueline Bicalho

**Fotos:**

Márcia Leal

**Impressão:**

Gracal

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

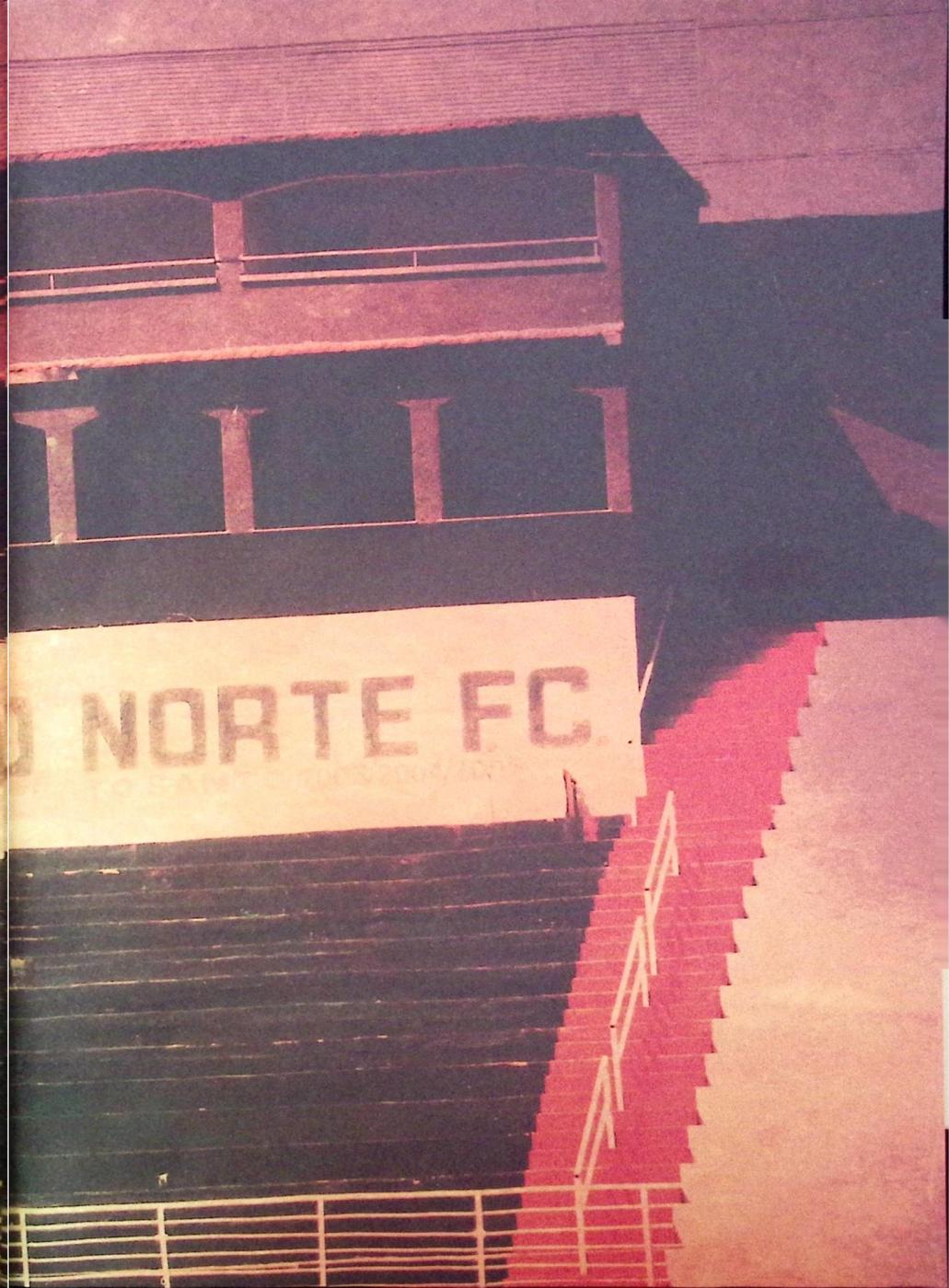
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, sem a autorização expressa do autor. Todo abuso será considerado violação da propriedade intelectual, nos termos do Código Civil e Penal. A violação dos direitos autorais é punível como crime (Art. 184 e parágrafos do Código Penal, cf. Lei nº 5.998, de 14.12.73, Lei dos Direitos Autorais).

**Editora Cachoeiro Cult Ltda**

Praça Jerônimo Monteiro, 15  
Ed. San Pablo - Sala 308  
29.300-170 - Centro  
Cachoeiro de Itapemirim - ES  
cachoeirocult@oi.com.br  
28 3511-0867



Para Seu Zezinho,  
Herói da nossa infância  
no Estrela do Norte Futebol Clube





“A força não provém da capacidade física.  
Provém de uma vontade indomável.”  
Mahatma Gandhi



## Apresentação

Há um tempo, um sonho me persegue: o de contar para essa e as futuras gerações sobre um treinador que passou pelo Infantil do Estrela do Norte e deixou uma imensa saudade e ensinamentos para sempre guardados em nossas melhores recordações.

José Basílio de Souza foi para nós simplesmente Seu Zezinho. Um homem simples que nos ensinou a virar o jogo sempre, sem medo, com respeito e ética. Um treinador sem grandes estratégias, mas de muitas teorias. Que conhecia como ninguém seus jogadores e adversários. Sabia ler o jogo.

Exigente dentro do campo, um pai fora dele. Neste livro veremos o quanto a imagem, o exemplo, a memória de Seu Zezinho continuam vivos nos depoimentos de mais de setenta entrevistados. Gente que se juntou a esse sonho porque acredita na importância de revelar a essência do velho mestre aos mais jovens, às crianças que, assim como nós, um dia ansiaram por alguém que acreditasse no nosso talento, no nosso valor.

Seu Zezinho é o símbolo da nossa geração. Com o escudo estrelense como paixão, nos levou às mais inesquecíveis batalhas. Para um menino, um jogo é sempre uma batalha. E, assim, com sua energia e vibração, liderou a todos nós com seus bordões: “Põe a cabeça na bola, menino!”, “Passa a bola! Quer jogar sozinho?”

Tivemos que exercitar a memória para trazer de volta histórias esquecidas com o Mestre Zezinho. Mas como foi bom resgatar esses momentos para apresentá-los à nova geração de estrelenses apaixonados! Como foi importante destacar a importância desse treinador na vida acadêmica e profissional de seus meninos. Entender a responsabilidade que ele teve de não apenas ensinar futebol, mas apontar caminhos para uma educação de qualidade.

Sabemos que todo livro biográfico sempre traz muitas polêmicas. Sempre falta alguém importante na lista e as escolhas dos nomes são sempre difíceis. Sem dúvida, faltarão nomes. Seu Zezinho passou pela vida de muita gente. Mas esperamos que, acima disso, tenhamos feito justiça à sua memória e ao seu trabalho no Estrela do Norte.

No ano do centenário do clube, nada mais marcante que lembrar aquele que dedicou mais de sessenta anos de sua vida a cuidar de meninos que tinham como maior sonho jogar no Estrela. Estávamos devendo isso a Seu Zezinho.

Este livro mostra que Seu Zezinho não é chamado de mestre por acaso.

**Luiz Carlos de Freitas**

(Batata)



## Prefácio

### **Pelos mil que era num só...**

Uma tarefa quase eucarística, escrever um livro retratando a personalidade virtuosa de Seu Zezinho. E foi. A autora, sem exagero, buscou as dobras da vestimenta de um ídolo quase eterno. A história de Seu Zezinho, a rigor, é muito mais que um drible de Garrincha, uma jogada genial de Pelé, um lançamento de Gérson ou um elástico de Rivelino. Ele é tudo isso e muito mais. Em determinado momento, pode ser a vibração da torcida do Estrela com um gol de Alcenir, com a defesa de Itim ou com o desarme de uma jogada por Pedrinho. Ou o gol de Batata no Infantil do Estrela. De Lominha ou Maizé. Ou, ainda, a cena bíblica da entrega do pão aos vizinhos. Imperturbavelmente, é mais duradoura.

Aliás, como dizia o poeta, existe ser humano mais nobre que o padeiro? Ele não pensa que é Deus. Ele realiza sua majestosa e humilde tarefa de amassar, colocar no forno, dourar e entregar o pão de cada dia, como uma obrigação comunitária. Penso que a fundamental lição que Seu Zezinho deixou registrada para Cachoeiro é essa consciência comunitária. Passou a vida assim, tentando transformar as condições que rodeiam o homem, com a entrega da mercadoria: pão, verdade, vinho e sonhos.

Disso vocês vão ter a certeza, na perspectiva deste precioso livro que Batata sempre sonhou em registrar, unindo passado, presente e futuro. E a Cachoeiro Cult fê-lo com Claudinha, Fernando e Marcelo. Com emoção, carinho, talento, competência e sensibilidade.

Newton Braga dizia que Seu Zezinho não formava só jogadores de futebol, não formava só homens – forjava, sobretudo, caracteres. Hoje entendo bem o que dizia o poeta: “É com adolescentes que duram um certo número de anos que a vida faz os mais velhos”. Escrevendo este prefácio, estou me sentindo mais perto de mim, de minhas inexploradas origens.

Foi um dos dias mais felizes de minha vida. Conto.

Ainda jovem, tímido, cheguei ao campo, comprei um amendoim torrado na cantina e me postei no portão de entrada para o gramado. O Infantil do Estrela, em jogo amistoso, perdia de um a zero para um time de Rio Novo do Sul. Seu Zezinho apitava o jogo, que parecia infundável. Daí a pouco ouço um grito que ecoou lá de dentro do gramado. “Wilson, entra em campo!”. Outra vez: “Wilson, entra em campo!”. Era seu Zezinho. Não acreditei. Mas, quando vi um jogador saindo, vesti a camisa e fui logo entrando. O time perdia e não conseguia chegar à área adversária.

Fiquei pensando o que fazer para não decepcioná-lo. Até que peguei uma bola no meio de campo e fui com ela até a linha de fundo, pela direita, em direção ao “gol do morro do Careca”, como se dizia à época. Aí pensei: “Se levantar a bola na área, ele vai marcar pênalti, pois o nosso infantil não pode perder”. Dito e feito. Centrei a bola, formou-se um tumulto na pequena área e ele apitou, apontando para a marca do pênalti. Era a chance do empate.

Mais uma surpresa para mim. Ele grita de lá: “Wilson, bate!”. Ele ali, caro leitor, era juiz e treinador do nosso Infantil. Entrei em pânico. O jogo já passara dos 100 minutos. Pensei: “Jesus, se perco esse pênalti, encerro minha carreira – e que decepção pra Seu Zezinho!”. Rezei muito naquele momento. E suei frio.

Bati o pênalti e soltei o grito de gol. Placar de 1x1. Seu Zezinho reinicia o jogo e, imediatamente, o encerra. O Infantil do Estrela nunca

perdera uma partida, ainda mais em seu campo e sob o seu comando. À noite, em sua vitrola, rolou o hino do Estrela: “Ô Estrela, Ô Estrela/ É o clube de meu coração/ Quando há jogo, pega fogo, / Na torcida do meu campeão”.

Minha carreira foi muito curta, apesar da amizade de Batata, Lominha e Maizé. Inobstante, nunca fiquei muito tempo sem ver Seu Zezinho. Pela manhã, ele caminhava pela cidade, claro, em busca de saúde e o contato com sua terra. Dava uma volta grande por Baiminas, Coronel Borges. Já o encontrei na Ilha da Luz, passos curtos, pisando um pouco pra fora, magrinho. Resolvi colocá-lo em meu livro “Fotocrônicas”, como uma espécie de ícone para todas as gerações e, sobretudo, por ser um homem sem qualquer preconceito, apesar de sincero e quase duro.

Um dia – ele já encostava nos 84 anos – parei em frente a ele, numa de suas muitas caminhadas. Perguntei: “O senhor tá me conhecendo?”. Ele levantou a cabeça, olhou, baixou a cabeça e disse: “Não”. Dei-lhe um abraço, com lágrimas, e me afastei, deixando no ar se seria mais uma de suas ironias ou se a memória falhara. Não queria saber. Se não lembrava, é porque não tive importância na vida dele. E se a memória falhou, não queria vê-lo assim, maltratado necessariamente pelo tempo. Guardo comigo até hoje essa dúvida cruel: esse Rosebud, do filme de Orson Welles, “Cidadão Kane”.

Quando Seu Zezinho morreu, eu estava em Brasília – morei lá pouco tempo. Soube através de amigos cachoeirenses. Lembrei-me imediatamente do poeta: “Pelos mil que era num só se fez único/ficando no seu primeiro/ caráter de bom cachoeirense/ jamais morrerá/ e sempre será”.

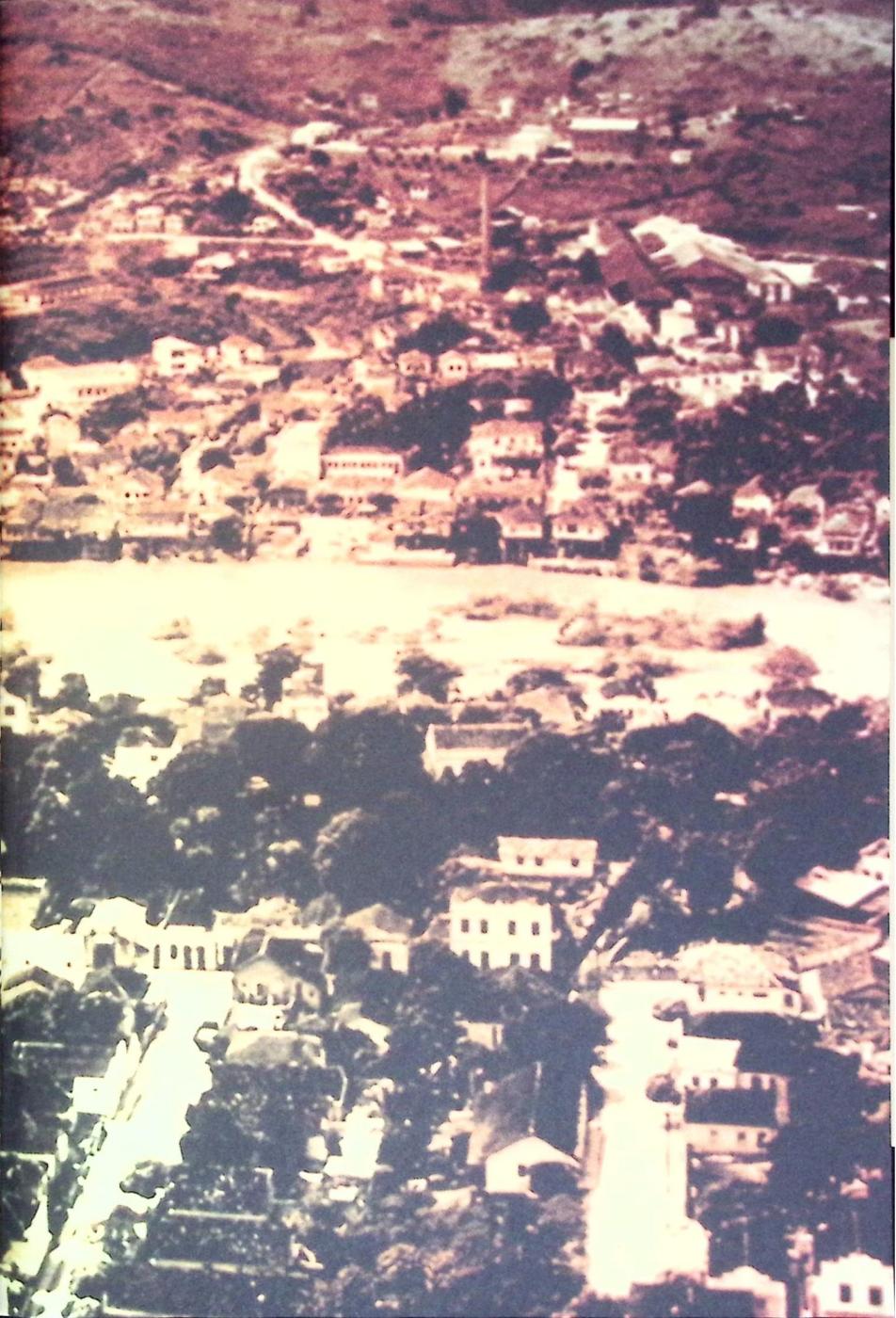
Leiam o livro e suportem as emoções, como eu suportei.

**Wilson Márcio Depes**



## Sumário

É o padeiro!	21
Sinônimo de Estrela	27
O herói da família	35
De zelador a treinador	55
A Era Zezinho	61
Tá indo pra onde, menino?	73
Zezinho e Estrela: as histórias se confundem	79
O adeus ao Mestre	87
As lições do Mestre	93
O ídolo Zezinho	127
Unanimidade na imprensa	135
Ídolo consagrado	145
Por que não temos mais Zezinhos?	155
Esse era Seu Zezinho	160



*capítulo 01*



## É o padeiro!

**H**ouve um tempo em que os moradores do bairro Sumaré não precisavam ir até à padaria do Sr. Álvaro Dâmaso para comprar o pão costumeiro. Bastava abrir a janela que lá estava ele, o alimento sagrado de todas as manhãs, embrulhado numa sacola de pano. Era a década de 1930, tempo em que no Morro da Palha – como era conhecido o bairro que abriga o Estádio Mário Monteiro – havia poucas casas e todos se conheciam pelo nome.

O pão era deixado silenciosamente, de forma que nenhum cliente sabia a que horas havia sido entregue. No entanto, o autor da mágica matinal era sempre o mesmo: o padeiro José Basílio de Souza, o Seu Zezinho, que saía da sua casa à rua Carlos Silva, 22, todos os dias às três da manhã, religiosamente, para produzir os pães na Padaria Brasil. Essa rotina se repetiria por muitos anos, tempo em que se dedicou à profissão.

Madrugar, portanto, era tarefa diária do humilde Zezinho, que talvez jamais tivesse inspirado Rubem Braga na crônica escrita em 1956, sobre um padeiro que, ao deixar o pão à porta do apartamento, apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava, gritando: “Não é ninguém, é o padeiro!”. Rubem quis saber: “Então você não é ninguém?”

Diferente do personagem da crônica – alguém cansado de ouvir

que não era ninguém –, Seu Zezinho foi um padeiro de hábitos comuns à profissão, um madrugador como Rubem Braga, repórter que deixava a redação tarde da noite. Mas os dois tinham em comum a responsabilidade de deixar o pão e o jornal cedinho na casa das pessoas. Duas coisas que, quando faltam pela manhã, nos dão a sensação de que o dia ainda não começou.

Na solidão dos fornos e das máquinas, o padeiro e o jornalista têm a difícil tarefa de atrair os olhares e atenções não para si, mas para a sua arte. Quem, na manhã seguinte, saborearia o pão por horas preparado ou teria uma longa conversa com alguém ao lado sobre a notícia apurada noite adentro?

O pão, sustento de Seu Zezinho e de sua família, também faz parte da história de uma geração de meninos que treinou no Infantil do Estrela do Norte, comandado por ele por mais de sessenta anos. Assim conta Luiz Carlos de Freitas, o Batata, que jogou por dez anos sob o comando de Seu Zezinho:

“Nosso treinador sempre distribuía pão com salame para todos os jogadores no final das partidas. Certa vez, num jogo em Mimoso do Sul, eu e Mário Braga resolvemos tirar o salame de todos os pães para comer. Coisa de menino. Quando Seu Zezinho descobriu, levamos a maior bronca!”

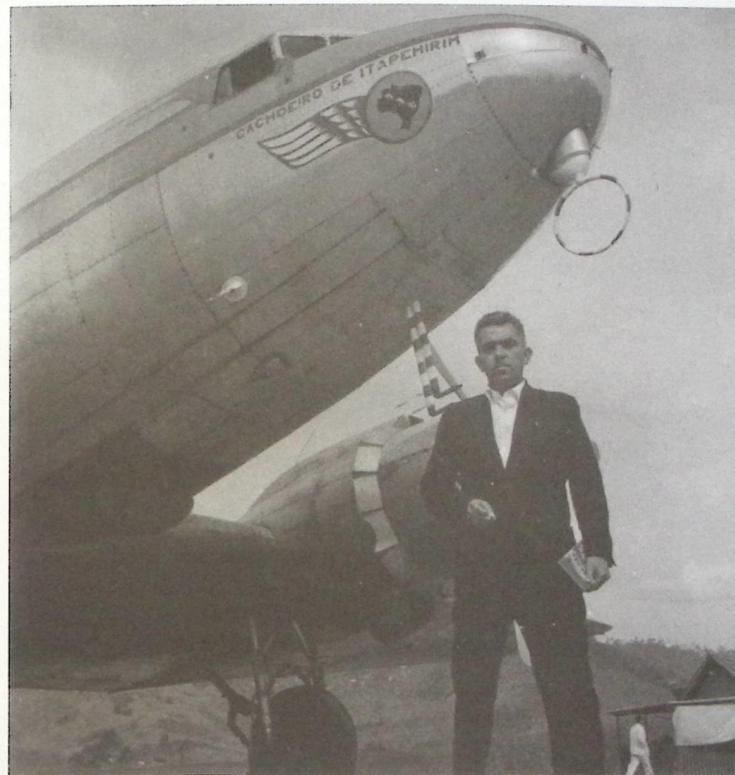
As travessuras eram constantes. Em 1949, Seu Zezinho levou para o campo, como premiação para o time vencedor, um enorme pão em formato de jacaré, finamente preparado com mãos de artesão. Durante a partida, um moleque mais gaiato roubou e, com certeza, comeu o rabo do jacaré. Na hora da premiação, Seu Zezinho deparou com a peça faltando um pedaço. “Seu Zezinho, que já era de pouco riso, não apreciou nem um pouco a brincadeira”, conta o ex-jogador do Infantil do Estrela, Aldir Meireles de Souza, o Gatinha.

“O pão com salame era a maior compensação nas viagens que fazíamos para fora da cidade, de caminhão, sentados nas tábuas de madeira da carroceria. Era preparado com muito carinho”, lembra Geraldo Cerqueira, grande atleta na história do Estrela e do futebol capixaba.

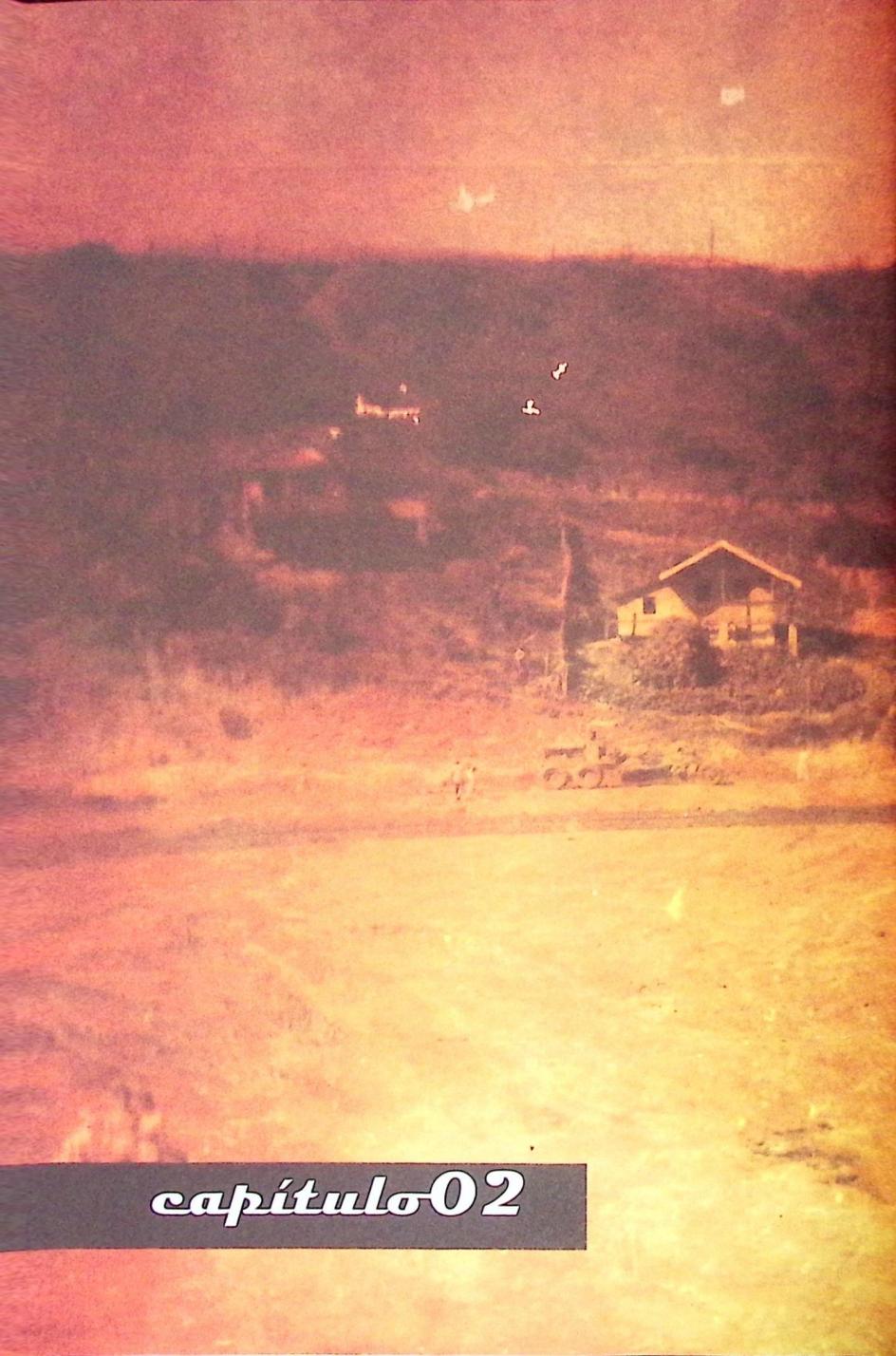
Assim, na simplicidade de padeiro, Seu Zezinho talvez tenha

utilizado ensinamentos de seu ofício nos gramados do Sumaré. Era detalhista na produção dos pães, tal como na escolha de cada atleta. Criativo para atrair clientes com diferentes formas de produtos, sabia, como ninguém, atrair os olhares da equipe. Na padaria, sabia trabalhar sozinho durante a maior parte do tempo; mas também gostava de conversar, como fez a vida inteira como técnico do Infantil do Estrela do Norte Futebol Clube.

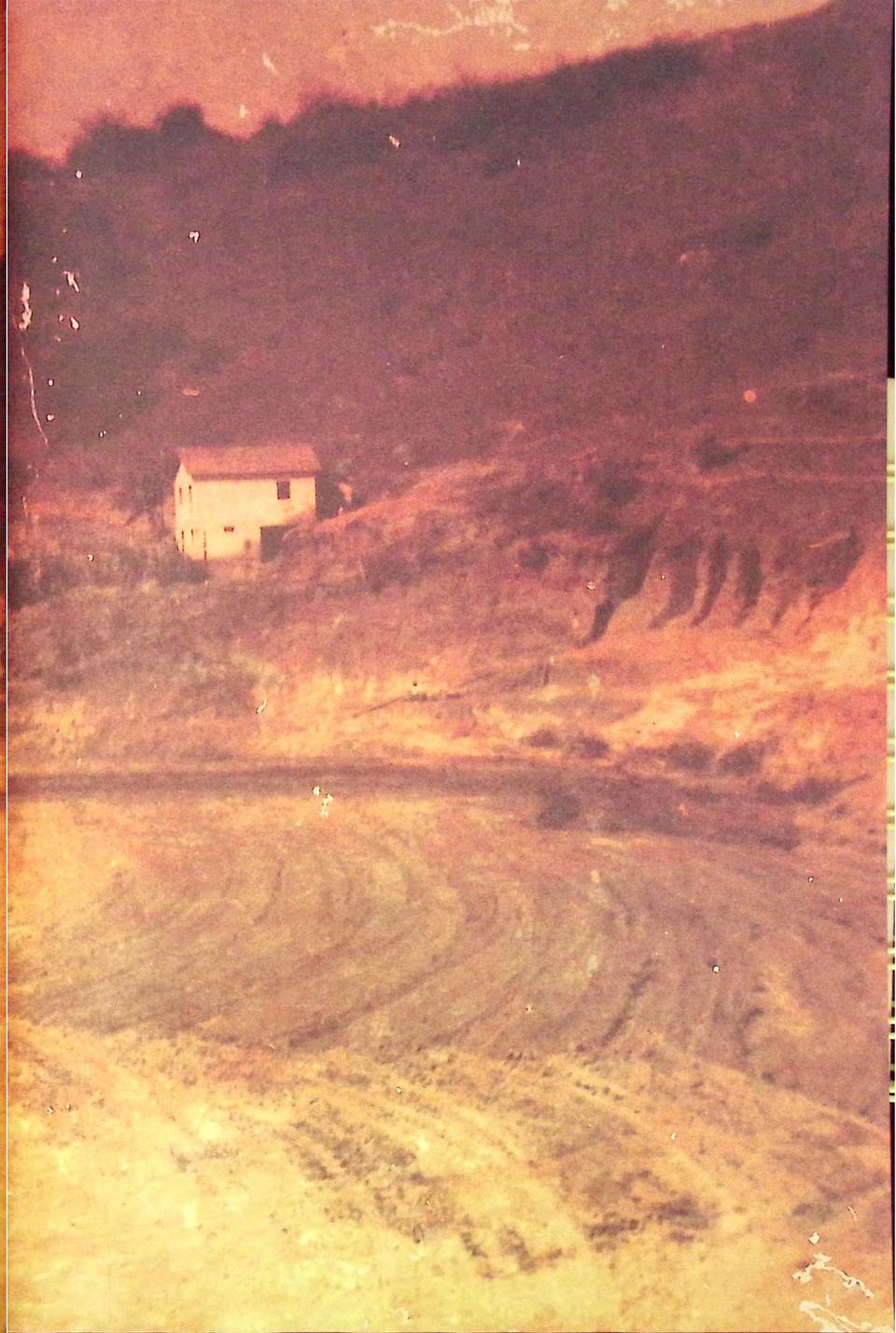
O padeiro ensinou àqueles meninos que, na vida, é primordial saber quem você é. Ele sabia. Era padeiro dos bons e fazedor de craques.

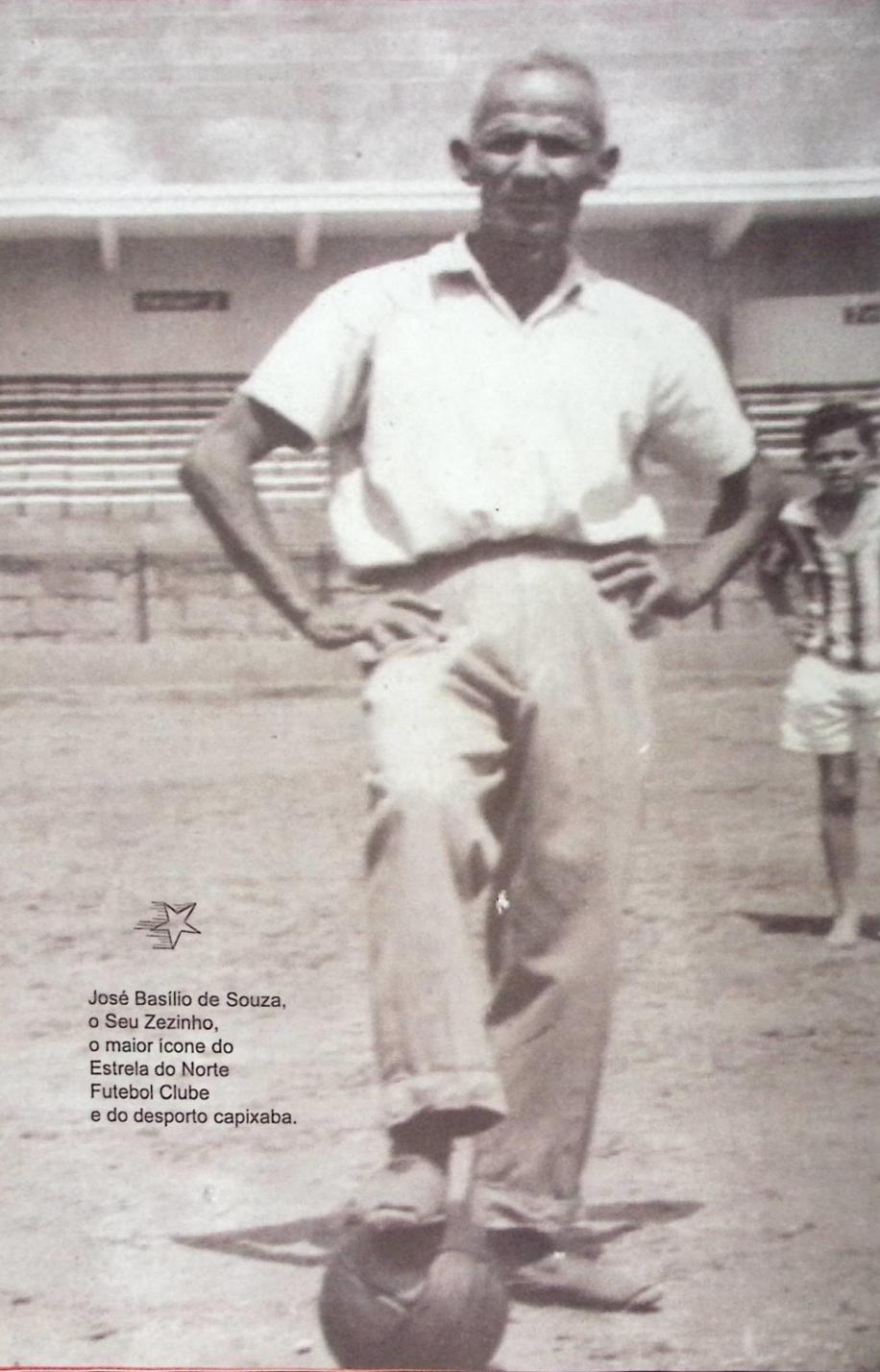


Rubem Braga, Cachoeirense Ausente de 1951, e Mestre Zezinho tinham um dever comum às suas funções de padeiro e repórter: madrugar.



capítulo 02





José Basílio de Souza,  
o Seu Zezinho,  
o maior ícone do  
Estrela do Norte  
Futebol Clube  
e do desporto capixaba.



## Sinônimo de Estrela

**O** Sumaré é um lugar cercado de lembranças, onde seus moradores viram ser erguido, a partir da década de 1930, o Estádio Mário Monteiro, cujo nome é uma homenagem ao ex-presidente e um dos primeiros entusiastas na construção do campo.

De sua rua, ainda barrenta, Seu Zezinho viu o tempo girando desde os tempos do aterro do campo, as primeiras tábuas e bambus mais tarde substituídos por muros, as arquibancadas de madeira dando lugar às construídas por José Cocco e Otávio Mesquita, na década de 1950, sob a orientação de Ormando Moraes. Alfredo José Duarte Abreu, Amarílio Lunz e Antônio Mello cuidaram das melhorias na iluminação do estádio, e Darcy Brum, Délio Lima, Gérson Moura e José Cocco construíram vestiários, alambrados, traves e aumentaram arquibancadas. Era tempo de progresso, de novidades no bairro Sumaré.

Tempo em que os ingressos para os jogos eram vendidos no Armazém Estrela, do Sr. Oswaldo Lima, que dividia clientela com Jorge Meneguelli, com o padeiro Elmino Martins do Santos, com o turco Farid e com Aildo Fonseca, o Rei da Miscelânea. O bairro do Mercado tinha um comércio intenso, com muitos empórios comerciais e secos e molhados, onde se encontrava de tudo: doces, bebidas, artigos de armarinho, gaiolas, armas e munições, objetos para cozinha, cereais, embutidos e conservas.



Cândida Angélica do Carmo,  
genitora de José Basílio de Souza.

A rotina do Sumaré nunca mais foi a mesma depois do Campo do Estrela, a segunda casa de Seu Zezinho por mais de sessenta anos. Mas sua história começou no bairro Coronel Borges, onde José Basílio de Souza nasceu, em 17 de novembro de 1905. O filho de Cândida Angélica do Carmo e Antônio Basílio de Souza cresceu na região norte da cidade, onde de concentrava grande parte das residências e também seu movimento comercial.

Os velhos e românticos lampiões a querosene já estavam sendo substituídos pelas lâmpadas em Cachoeiro, primeira cidade do Espírito Santo e terceira no país a receber iluminação elétrica. Conta Evandro Moreira, no livro “Cachoeiro – uma história de lutas”, que, à época, 1902, o povo compareceu, eufórico, à Ilha da Boa Esperança para a inauguração da usina, que teve projeto e execução técnica do engenheiro Florentino Avidos. O bispo Dom Fernando Monteiro batizou o local de Ilha da Luz.

Tempo das velhas locomotivas, que tanto desenvolvimento trouxeram para a cidade; dos primeiros pios de caça de Maurílio Coelho, que chegou a Cachoeiro em 1903; de inaugurações de instituições históricas como o Centro Operário, em 1907, inspiração do funcionário da Estrada de Ferro Caravelas, Atanagildo Francisco Araújo; do início da construção da Ponte de Ferro e da cobrança de pedágio para quem quisesse atravessar pontes municipais.

Em 1905, ano de nascimento de José Basílio, Cachoeiro era o centro político mais importante do Estado, embora a capital fosse Vitória. Continua Evandro Moreira, no livro “Cachoeiro – uma história de lutas”: “...bastando dizer que entre nossos vereadores estavam Pinheiro Junior, Joaquim Teixeira de Mesquita e Bernardino Monteiro”. As primeiras décadas do século XX ficaram marcadas como os anos dourados da política capixaba, com Jerônimo Monteiro, Marcondes Alves de Souza, Bernardino Monteiro, Nestor Gomes, Florentino Avidos e Aristeu Aguiar.

Na cultura, poucas opções de entretenimento havia na cidade além dos saraus festivos e reuniões literárias, onde as senhoras mais prendadas se apresentavam aos pianos. Começavam a surgir as primeiras sociedades musicais, e, nos carnavais, quem diria?, os foliões aproveitavam para fazer críticas sociais e políticas. Os cachoeirenses se divertiam nas cavalhadas, nas simples corridas, na prática da caça e da pesca.

Manoel Gonçalves Maciel, no livro “Voltando ao Cachoeiro Antigo”, também destaca que Cachoeiro foi a primeira cidade no Espírito Santo a ter água encanada. Ainda assim, a velha tradição das lavadeiras no Rio Itapemirim seguiu por muitos anos, inspirando Newton Braga a dedicar um poema para elas. O autor diz ainda que, no início do século passado, “as famílias viviam unidas e felizes, e a simplicidade da vida lhes ensinava a crer nas afeições que se tornavam muito sólidas e costumemente duradouras”.

Foi nesse tempo que Seu Zezinho nasceu e recebeu as primeiras recomendações de seus pais, quando o sonho dos meninos se resumia a estudar e jogar futebol. Foi apresentado à bola aos oito anos, numa época de total amadorismo no futebol. Não havia rádio, muito me-

nos TV – nenhuma tecnologia que registrasse as geniais jogadas dos humildes garotos em campos de terra batida. Era 1920 e o menino Zezinho iniciava sua paixão pelo Estrela do Norte. As cores verde e amarelo estampavam a camisa do time e o clube tinha apenas quatro anos de existência.

O clube ainda se erguia pelas mãos dos fundadores Laurentino Lugon, Mário Sampaio, Orlando Nunes, Amphilófilo Braga, João Viana, Estulano Braga, Deusdedit Cruz, Fernando Reis e Francisco Penedo, este último escolhido como o primeiro presidente do Estrela. A primeira sede funcionava onde é hoje o prédio do Tiro de Guerra e o primeiro campo foi o pátio da Escola Liceu Muniz Freire, localizada no bairro Coronel Borges, zona norte da cidade – daí o nome Estrela do Norte.

Seu Zezinho jogaria por pouco tempo no Estrela. Conta-se que uma contusão no joelho o afastou do futebol. Coisas da vida. O Estrela perdeu um jogador mas ganhou um técnico que faria história no time, com paixão e dedicação incondicionais. Paixão dividida apenas com o Botafogo, time pelo qual torceria por toda a vida e que viu jogar no Sumaré contra o Estrela, em 1961. Histórica, a partida terminou em 6 a 2 para o time carioca – na época, base da Seleção Brasileira campeã do mundo. Alcenir fez os dois gols do Estrela. O time contava ainda com Cuca, Geraldo Latufe, Adilson Caetano, Gregório, Pedrinho, Mário José, Zinho, Osmar, Jurandir e Wolmir. No Botafogo, nada mais nada menos que Garrincha, Nilton Santos, Zagalo, Manga, Cacá, Zé Maria, Chicão, Airton, Didi, Amoroso e Amarildo.

No esporte, Seu Zezinho mostrou que a “Estrela Solitária” em branco e preto seria sua missão de vida, sua alma, fé e conduta. E, como muitos confirmarão ao longo dessa história, ele não ensinou seus meninos apenas a jogar futebol, mas também a jogar em equipe, a ter disciplina e a amar o Estrela.



Gérson Moura, Deneval Guizan Alves e Délio Moreira Lima supervisionando a construção da arquibancada do Sumaré, em meados da década de 1950.



Operários construindo o muro de arrimo.





*capítulo 03*







Filhos, netos e noras do casal Zezinho-Filinha.

Morro da Palha, foi construída em 1938, inicialmente de madeira, e um tempo depois reformada pelo construtor José Cocco, vizinho e amigo do casal. É uma casa de dois pavimentos, sendo que no andar de cima moravam o casal e os filhos solteiros; o andar térreo abrigou, inicialmente, Verly com a família e, depois, outros familiares. Seria uma casa como outra qualquer se ela não guardasse histórias memoráveis de um homem que reservou um cômodo para servir de sala de troféus do time do Infantil, que fazia doces no fogão à lenha no quintal, cultivava frutas e verduras, criava galinhas e construiu uma pequena piscina de azulejos azuis para os netos. Nesse mesmo quintal simples recebeu, em suas festas de aniversário, amigos do futebol e autoridades das áreas política e jurídica e empresários importantes. Todos queriam estar perto de Seu Zezinho.

Do quintal, os vizinhos Jorge Meneguelli, Seu Néelson e Dona Menininha, Chiquito e Emília Bongosto, Seu Aroldo e Dona Nélia, e Seu



Dona Filinha e Seu Zezinho recebendo o abraço do amigo Deusdedit Baptista.



O casal cercado pelos amigos Sergio Bermudes, Hélio Carlos Manhães e Juracy Magalhães Gomes.





Sala da residência com diplomas e comendas recebidas por Seu Zezinho por seu grande trabalho em prol do esporte.



A simplicidade da copa era o retrato da simplicidade do casal.

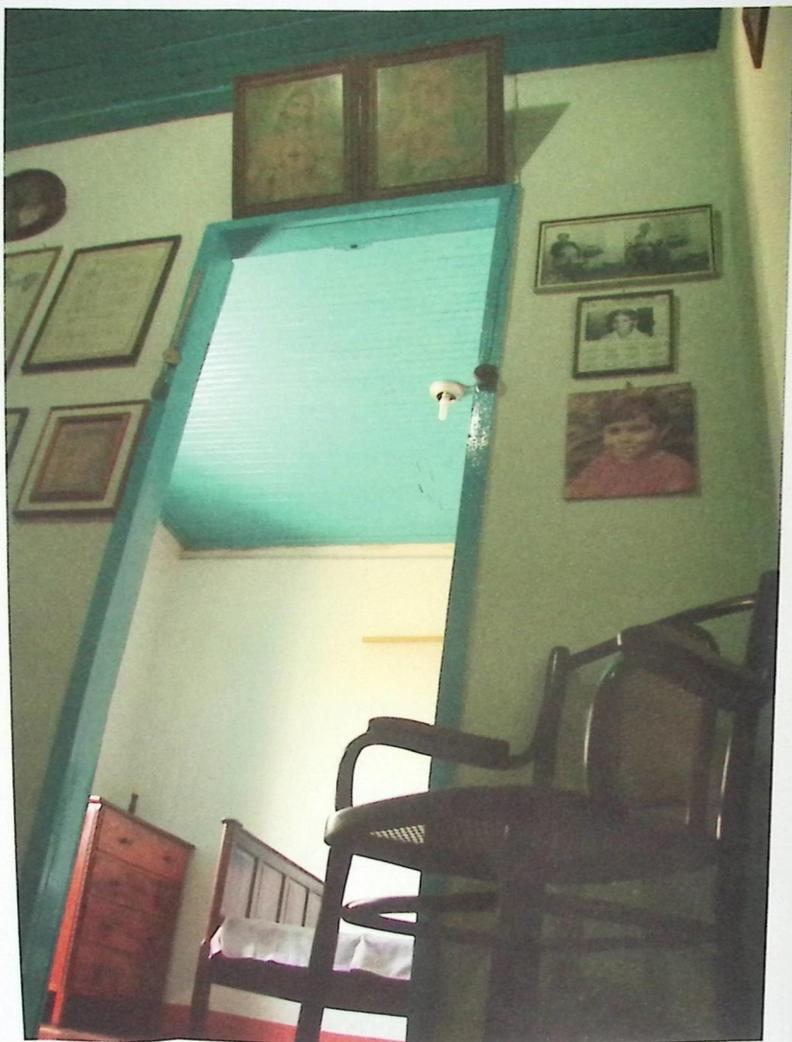


O interior do quarto do casal mostrava a religiosidade da família.



Na copa, o aparador com as placas que homenagearam o grande desportista.





A cadeira em que Seu Zezinho se sentava enquanto a família rezava, às dezoito horas, diante dos quadros do Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria.

José Cocco, sentiam o cheiro da cocada – receita jamais revelada – com pouco açúcar, molhada, com coco de sobra; e também do amendoim torrado sempre às tardes, num tacho grande e pesado. Ali, agachado, Seu Zezinho descascava as laranjas que seriam distribuídas entre os jogadores do Infantil e também vendidas no bar do Estrela. Naquele pequeno espaço atrás da casa e de frente para o Campo do Sumaré, ele deixou o viço de sua passagem e as lembranças de uma vida doce, do alvoroço de crianças que nunca o deixaram só.

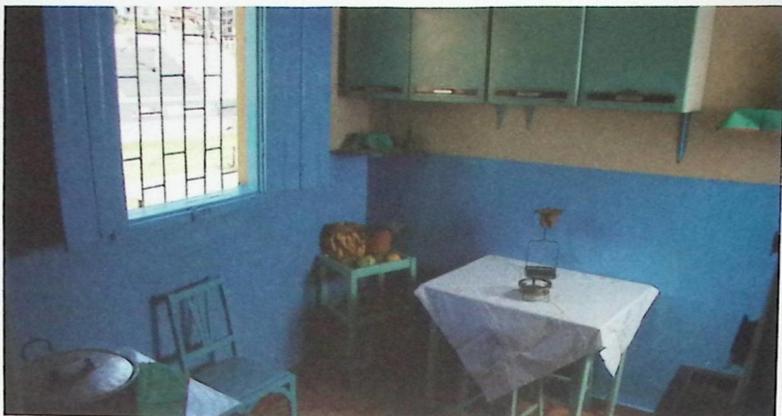
A velha casa seria comum se dela não se pudesse contemplar o gramado do Sumaré. Da janela da cozinha D. Filinha ouvia o apito do amado comandando os treinos, o chamamento de seus meninos, a correria dos atletas no calor das manhãs. Dali a matriarca vigiava os netos, sempre à sombra do avô, participativos no trabalho de cuidar do campo.

O casal era muito discreto, mesmo dentro da família, mas procurava manter rituais religiosos, como rezar com filhos e netos a Ave Maria, às seis da tarde, ajoelhados em frente aos quadros do Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria pregados acima da porta do



A janela da cozinha: para ele, o quadro mais bonito já pintado: o Estádio do Sumaré.





Da janela, Dona Filinha observava o marido em seu trabalho diário no gramado do Sumaré.



Sala onde a família fazia suas refeições. Na parede, a foto do time do Botafogo, segunda paixão de Seu Zezinho.



quarto do casal. Seu Zezinho acompanhava a oração da copa, sentado à mesa de jantar, com os olhos fechados, em sinal de respeito. Não era religioso, mas encaminhou os filhos no catolicismo.

“Eu e Verly tínhamos que ir à missa das cinco e quinze da tarde, todos os domingos, na Matriz Velha. Lembro-me que, por conta de acordarmos muito cedo para treinarmos, dormíamos muitas vezes sentados nos bancos da igreja. Quando chegávamos em casa, minha mãe perguntava sobre o evangelho e a homilia do padre. Como não tínhamos prestado atenção, inventávamos alguma coisa na hora. Se quiséssemos jogar bola no domingo, tínhamos que ir à missa”, lembra o filho Ronaldo.

José Basílio e Filinha raramente se ausentavam de casa. Não gostavam de festas, passeios, nem viagens. O casal gostava de manter o costume de todas as noites se reunir com Verly, Ildete e as crianças para um ritual: Seu Zezinho ligava a vitrola e, num gesto quase automático, colocava para tocar três músicas, nessa ordem:

“Ô Estrela, Ô Estrela  
É o clube do meu coração  
Quando há jogo, pega fogo  
Na torcida do meu campeão

Alvinegro preferido  
De vitória em vitória se fez  
Pega a bola, leva a bola, chuta a bola, não dá bola  
Vence um, vence dois, vence três

Brilham, também os refletores  
Sua cores, suas cores  
Ele é tradição do esporte  
Como é forte, como é forte  
O meu Estrela do Norte.”

(Hino do Estrela do Norte Futebol Clube, composto por Raul Sampaio Cocco)

Depois, não é difícil imaginar o próximo hino: o do Botafogo, de autoria de Lamartine Babo:

“Botafogo, Botafogo,  
Campeão desde 1910  
Foste herói em cada jogo,  
Botafogo, por isso é que tu és  
E hás de ser nosso imenso prazer  
Tradições aos milhões tens também  
Tu és o glorioso,  
Não podes perder,  
Perder para ninguém!

Em outros esportes,  
Tua fibra está presente,  
Honrando as cores do Brasil de nossa gente  
Na estrada dos louros, um facho de luz  
Tua estrela solitária te conduz!”

A próxima música, lembra a neta Andressa, seria uma sutil declaração de amor diária a Dona Filinha, já que Seu Zezinho era um marido de raras demonstrações de afeto à esposa perto de outras pessoas. A canção, composta por José Assunción Flores e M. Ortiz Guerrero, foi sucesso na voz de Cascatinha e Inhana, na versão original, e depois nas de Leandro e Leonardo e de Roberto Carlos:

“Índia seus cabelos nos ombros caindo  
Negros como a noite que não tem luar  
Seus lábios de rosa para mim sorrindo  
E a doce meiguice desse seu olhar  
Índia da pele morena  
Sua boca pequena  
Eu quero beijar.  
Índia sangue tupi

Tem o cheiro da flor  
Vem que eu quero lhe dar  
Todo o meu grande amor!”

As lembranças mais simples costumam ser as mais significativas e inesquecíveis. Os netos lembram a pequena piscina de cimento construída pelo avô para aliviar os pequenos do calor de Cachoeiro, no período de férias escolares, e a que daria o nome de “Piscina dos Netinhos”. Depois das atividades no campo e no bar do clube, o avô trazia para casa doces e refrigerantes. Um mimo a que as crianças já estavam habituadas.

“Era uma festa, uma alegria quando ele chegava em casa com aquele saco de pano nas costas. Sabíamos que eram presentes para nós”, diz o neto Bruno.

Os presentes para os netos não causavam surpresa: bolas, chuteiras, luvas, uniformes e carteiras de sócio do Estrela. “Ele bem que tentou me aproximar do futebol, mas não conseguiu. Minha vontade não



A piscina construída no quintal, para a alegria dos netos nas tardes calorentas de Cachoeiro.



O casal em companhia dos familiares no quintal da casa, onde ele preparava a cocada, o amendoim torrado e descascava as laranjas que vendia em seu boteco no campo do Sumaré.

passou da curiosidade de vê-lo, da arquibancada, treinar os meninos no campo”, conta o neto Fábio.

Alexandre, único a seguir a carreira do avô, passou pelo Infantil do Estrela e foi “batizado” no Campo do Sumaré. “Minha mãe contava uma história de que quando nasci, antes de ir para casa, meu avô me tomou nos braços e me levou para o campo. Então, aquela atitude passou a significar que o estádio do Sumaré também seria minha segunda casa”.

Assim, Seu Zezinho selou o destino de Alexandre, que se formou em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, com mais duas especializações na área, iniciando carreira como técnico de futebol no América, depois passando pelo Cruzeiro, Tupi, Nacional – todos times mineiros –, Atlético Petróleos de Luanda, em Angola, e, por fim, sua última experiência, no clube capixaba Rio Branco. Assim, a família Basílio de Souza continua presente no futebol brasileiro.

“Meu avô era um homem à frente do seu tempo. Ele era extremamente criativo em tudo, gostava do novo, do desafio. Lembro-me de uma das comemorações de meu aniversário. Quando acordei pela



O neto Alexandre Grasseli de Souza, técnico de futebol

manhã, meu avô tinha feito um rio no quintal que ia passando por várias corredeiras, com rodas d'água, barcos, tudo feito com isopor e madeira. Ainda no quintal fez um estádio, ou seja, marcou o campo, colocou duas traves e uma placa com o nome “Estádio Alexandre Grasseli de Souza”. Em quase todos os meus aniversários havia uma surpresa maravilhosa”, lembra Alexandre.

Anderson também se formou em Educação Física, por influência direta do avô, do pai e do irmão Alexandre. Como jogador, começou aos dez anos na escolinha do Sesi, dos treze aos quinze jogou no Infantil do Estrela, de onde seguiu, aos dezesseis, para a Categoria de Base do Cruzeiro, de Belo Horizonte.

“Com tantos profissionais do futebol em casa, era impossível não pensar em seguir carreira. Mas, depois de um tempo, vi no segmento de academia uma boa oportunidade de exercer a profissão”, conta o caçula de Verly.

Se, em campo, Seu Zezinho sabia como ninguém atrair a atenção de seus jogadores, em casa não seria diferente. Embaixo da casa organizou um bar, que era aberto para clientes esporadicamente. Fez um balcão, colocou mesas e bancos e dizia que o lucro seria para pagar a escola dos netos. Deu o nome de Bar dos Netinhos. “Ele era de poucas palavras, mas seus gestos ficarão para sempre na memória. O estudo era uma cobrança constante, tanto da parte dele quanto da minha avó”, relata Bruno.

Seu Zezinho valorizava a educação nas mais diferentes formas, desde a que trazemos de casa, na formação familiar, até a que aprendemos na escola. A mesma exigência que teve com boas notas de seus atletas, teve em casa, com seus filhos e netos. Talvez porque soubesse – por experiência própria – o quanto o estudo poderia mudar o destino daquelas crianças. Na sua infância, Seu Zezinho chegou a frequentar os bancos escolares da Escola Fraternidade e Luz, na época localizada à rua 25 de Março. Conta-se que o menino aproveitou o conhecimento da sala de aula por apenas quinze dias. Uma educação esmerada seria um sonho que realizaria com a formação dos filhos, dos netos e dos seus ex-atletas.

Verly formou-se em Educação Física e Ronaldo, em Engenharia Civil. No segundo ano científico, estudando no Liceu, Ronaldo resolveu estudar à noite, contrariando a vontade do pai. A decisão foi comunicada quando Seu Zezinho conferia o boletim do filho. “Disse a papai que queria mudar de turno para trabalhar, mas precisava da assinatura, do consentimento dele no boletim. Ele se recusou e eu insisti dizendo que não era mais criança. Ele chamou minha mãe e apontou para mim com firmeza: ‘Você sabe o que está fazendo?’, perguntou. Eu disse que sim, ele me entregou o boletim e falou que não o assinaria mais dali em diante porque com aquela atitude eu havia mostrado que já era um homem feito.”

No ano seguinte, já no terceiro científico, Ronaldo conta para Seu Zezinho o seu sonho de cursar Engenharia. Cachoeiro não oferecia o curso e ele teria que se mudar para Vitória. O pai ficou preocupado. Como um menino pobre, do interior, de descendência negra, sem sobrenome importante, conseguiria uma formação jamais imaginada na família?

“Ser filho de José Basílio de Souza me abriu muitos caminhos. A boa reputação dele somada à minha determinação e coragem, me deram oportunidades de trabalho tanto em Cachoeiro quanto na capital. Era comum ouvir: sua melhor referência é ser filho de Seu Zezinho”, conta Ronaldo.

Anos depois, já estabilizado no trabalho, Ronaldo incentiva o irmão Verly a cursar Educação Física e o leva para Vitória. Ter dois filhos com formação superior trouxe muita alegria e orgulho para a família. “Nós abrimos um novo ciclo na família, que até então se limitava ao segundo grau. Meu pai foi um grande incentivador das nossas carreiras e, embora, com toda preocupação natural de pai, nunca nos desestimulou”. Seu Zezinho só não participou das solenidades de formatura dos filhos, em Vitória. A simplicidade não deixou. Mas não lhe tirou a satisfação de ver que suas lições sobre a importância do estudo, do conhecimento, haviam sido bem assimiladas por sua família.

Os netos também aprenderam com os pais a importância do estudo na carreira profissional. Fábio seguiu a carreira do pai na Engenharia

e Bruno fez Medicina. Alexandre e Anderson foram para a Educação Física, Ronaldo Neto para o Direito e Andressa escolheu a Pedagogia. Todos lembram com saudade dos conselhos do avô para nunca abandonarem a escola, o conhecimento.

Nas datas comemorativas na família, era comum o presente – simples e modesto, na maioria das vezes – vir acompanhado de um bilhete escrito por Seu Zezinho. Sempre muito carinhoso, o avô chamava a atenção para a importância de obedecer aos pais, ser bom filho e estudar. A mensagem era direta, simples e de caligrafia esforçada. É surpreendente como, com tão pouco estudo, o velho mestre conseguia se expressar e se fazer entender na escrita.

“Seu Zezinho foi um chefe de família exemplar, uma referência em casa como era na sociedade. Ele me ensinou quase tudo o que aplico hoje na minha vida pessoal e profissional e, como ele, procuro sempre olhar pra frente, ser criativo e organizado, além de ter princípios de vida”, diz Alexandre.

Com experiência na área da educação, Andressa reconhece que seu avô deixou um legado importante não apenas no esporte, mas na formação de muitos profissionais que hoje atuam nas mais diversas áreas no país. “Tem uma frase de Rubem Alves que diz que ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais. Essa frase traduz meu avô, uma pessoa que ensinou tudo que sabia, de forma simples, mas inesquecível”.



Bilhete para o neto Anderson,  
em seu primeiro aniversário.



ESTRÊLA DO NORTE F.C.

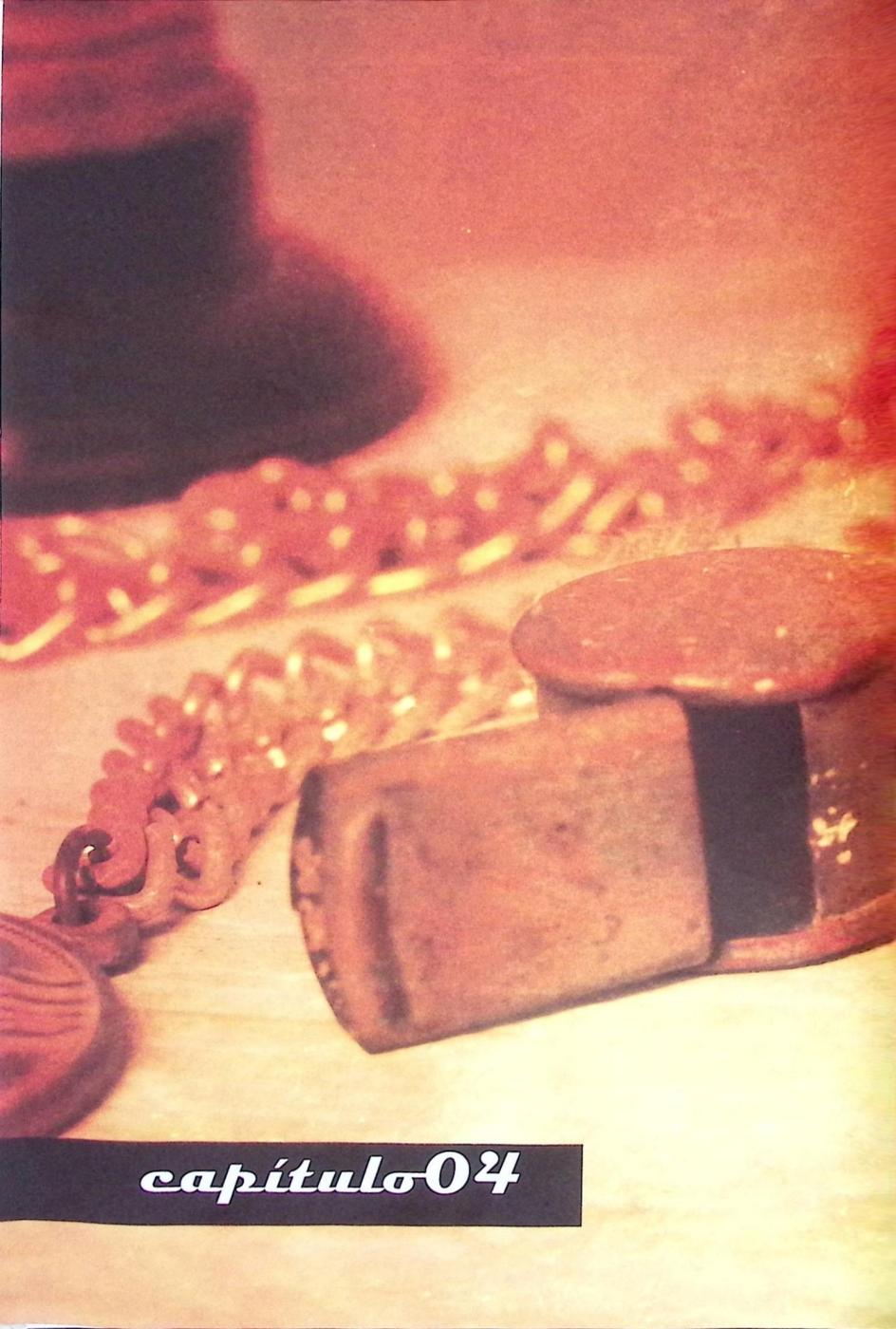
COC 27 075 407/0001-24

FUNDADO EM 16 DE JANEIRO DE 1914

FILIADO À FEDERAÇÃO DESPORTIVA ESPÍRITOSANTENSE

S E D E: Bairro Sumaré - Fone 522-4869 - DDD 027 - Estádio B. Sumaré - Cx. Postal, 226  
CEP 29300 Cachoeira do Itapemirim Espírito Santo

Senhor  
Anderson, grande de fôlego  
Receti. Este presente de vóvo  
vóvo tia hitinda tia Nely tia  
Ronaldo e tia Nitro, não. Repare  
porque, e de pouco, natir, mais  
e, dado com carinho, e também  
com muito amor, anderson  
Nós pedimos, a Deus para, te  
dar, muitos anos de vida, e  
muitos. Anos de Filiação do  
com. todos os seus familiares  
patavos, de vóvo Zezinho  
3 out 29 de junho de 1982  
3 out 29 de junho de 1983



*capítulo 04*





## De zelador a treinador

**S**e paixão pode ser medida pelo tamanho da dedicação a um clube, Seu Zezinho é um raro exemplo de amor incondicional ao Estrela. Vizinho do estádio, não é de admirar que estivesse por ali nos treinos, reuniões e no dia a dia do time, acompanhando reparos, novas obras e manutenção do campo. Era um observador nato, característica determinante que fez com que os dirigentes o convidassem para assumir o cargo de zelador, após o falecimento de Matias, por volta de 1923. José Basílio tinha, à época, 18 anos.

O trabalho como treinador veio logo depois. Tomando como referência uma crônica escrita por Newton Braga em novembro de 1957, Seu Zezinho já atuava como treinador do Infantil do Estrela por volta do ano de 1927.

O começo da conquista de dezenas de títulos do Infantil do Estrela se deu de forma simples. Uma vaga como zelador faria do futuro técnico uma das figuras mais importantes da história do clube e tornariam inesquecíveis as exigências aos seus jogadores de também zelarem pela limpeza e manutenção do campo antes dos treinos.

Fazia parte da tarefa dos meninos, nos treinos, às dezesseis horas das segundas-feiras, chegar duas horas antes para arrancar “vassoura”, uma das ervas daninhas que cresciam no campo. “E não adiantava tentar enganá-lo. Uma vez atrasei um pouco para ver se ao chegar já

estaria tudo limpo; mas quando ele me viu, me apertou: ‘Quer treinar Ademir? Se quiser, deixei um cantinho aqui no campo para você limpar’”, relembra o ex-atacante Batatinha.

Theodorico de Assis Ferraço, prefeito de Cachoeiro de Itapemirim por quatro mandatos e atual presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, foi centroavante no time de Seu Zezinho e também não escapou das atividades extras. “Arrancávamos tiririca na mão e na enxada, no campo inteiro. Ele nos ensinou a arte da bola, mas sua maior preocupação era a formação do caráter e da integridade de seus jogadores.”

Ricardo Ferraço, filho de Theodorico e atualmente senador da República, seguiu os caminhos do pai e também jogou com Seu Zezinho, como ponta e lateral esquerdo, indistintamente. Cortou grama, limpou banheiros e arquibancadas. “Ele exercia um fascínio sobre nós. Fazíamos tudo que ele mandava e não podíamos fazer corpo mole, não. Valeu muito à pena ter passado pelos ensinamentos dele.”

Mesmo nos dias em que não havia treino, Seu Zezinho estava no campo. O cantor e compositor Raul Sampaio, por anos também vizinho do Sumaré e ex-atleta do Estrelinha, Infantil e Juvenil, conta que nas horas vagas visitava o mestre no estádio. “Nem bem eu chegava e ele me mandava cuidar do gramado ou limpar as taças. Era um homem inquieto, aparentemente austero, mas muito doce, sereno e trabalhador”.

“Nos ensinou que somos todos iguais: a maior lição de vida que nos deixou”, diz o engenheiro José Eduardo Moreira, filho de Cora e do médico Édson Moreira, e neto de Gil Moreira, importante comerciante da cidade, que fundou também o Banco Cachoeiro, com capital genuinamente cachoeirense, comprado na década de 1960 pelo extinto Banco Nacional.

Seu Zezinho também tinha veia para o comércio: vendia amendoim torrado, balas, laranjas e refrescos no bar do estádio. Um local muito modesto, onde os torcedores encontravam um comerciante pouco simpático para as vendas, mas cordial e sincero. Tão sincero que um cliente reclamou do refresco que deveria estar gelado e Seu Zezinho, no dia seguinte, providenciou placa que alertava: suco de limão, água

e açúcar. Ou seja, não tinha obrigação de estar gelado. Não havia geladeira no boteco.

O amendoim era torrado no quintal de sua casa de forma artesanal, num forno improvisado, e as laranjas eram levadas para o bar já descascadas. Era comum um ou outro menino ser presenteado por Seu Zezinho após uma ação bem realizada durante a partida. Em 1978, Seu Zezinho prestou homenagem ao presidente do clube, Antônio Carlos Braconi, dando seu nome ao bar.

O trabalho sempre moveu a vida de Seu Zezinho. Como padeiro, zelador, treinador, guardião do Campo do Estrela e das crianças. Desde cedo ensinou seus alunos que cuidar era a forma mais simples de demonstrar amor à camisa e ao clube, significado que muitos entenderiam tempos depois com a degradação dos estádios até mesmo pelas torcidas. O mestre sabia que o esporte conduziria seus alunos a vários caminhos e era preciso mantê-los unidos, motivados e apaixonados pelo time. O gramado, onde até hoje se pode ver dribles geniais e gols de paralisar o coração, era a casa de Seu Zezinho.



Boteco onde seu Zezinho comercializava seus produtos durante os jogos e treinos, localizado na arquibancada nova, construída à época do presidente Antônio Carlos Braconi.



capítulo 05



## O craque imparcial

Evandro Moreira

**L**ouva-se até hoje, nos meios esportivos, a dedicação e o amor de “seu” Zezinho, umà legenda no futebol cachoeirense. A bola era a sua paixão e vivia buscando vocações de craques, treinando, com toda a paciência do mundo, os garotos que, muitos deles, se tornaram depois grandes atletas em nossas equipes. E o Estrela era a sua glória.

Alguém lhe falou de um rapazinho, muito bom de bola. Alguns preconceituosos o diziam “retardado”. Mas o treinador era um espírito desarmado e pensava apenas nas aptidões futebolísticas que, à unanimidade, foram confirmadas pelos que conheciam o moço. E o levaram ao legendário treinador, fabricante de craques já respeitado. E seu Zezinho gostou da atuação do menino em campo, seu papo simplório, sem vaidades. Revelou-se um furacão nos treinos. E foi escalado para o jogo de domingo, quando o alvinegro enfrentaria um adversário respeitável. Mas o Estrela era o Estrela, afinal de contas! Ainda mais contando com um driblador endiabrado daqueles. Vitória certa, não tinha dúvidas.

E o jogo corre, sob o delírio da torcida. Estrela e Cachoeiro sempre balançaram o coração do cachoeirense, dividindo as preferências majoritárias. A partida é bem equilibrada. Mas quando o novo jogador pegou a bola, foi uma apoteose, driblando, negaceando, ultrapassando, enganando, vencendo todos os adversários e encheu a rede. Um a zero. Quase ao fim do primeiro tempo, nova arrancada do garoto, que marcou o segundo tento. Magistral! Fogos e gritos de triunfo. Facilmente chegariam aos 4 x 0, ou mais, para lavar a alma do timão.

No segundo tempo, logo que o garoto pegou a bola, repetiu os lances incríveis, vencendo todos e fez o terceiro gol... na mesma rede, do mesmo lado, ignorando a “virada”. Gol contra. Foi delicadamente chamado à atenção pelo desesperado técnico. Mas reclamou que era naquele gol que teria de chutar. No início foi assim e todos gostaram. Mal acabava de se explicar, recebeu novamente a bola, repetiu os dribles mágicos e chutou certeiro, faturando novo gol, encerrando a partida com o placar de 2 x 2.

O diretor, desolado, vendo fugir a vitória que era garantida, observa ao treinador:

– Esse rapaz num é muito certo não...

E seu Zezinho, balançando a paciente cabeça em concordância confirma a dúvida do chefe.

– É...estou começando a desconfiar que ele tem qualquer coisa...



## A Era Zezinho

**E**mbora não tenha tido fama de boleiro, Seu Zezinho nasceu com talento nato para a liderança em campo e fez desse ofício sua grande paixão. Não era um estudioso do futebol, até porque havia limitações da época no que se refere à informação e tecnologias. Foi mestre nas fórmulas intuitivas de ensinar a seus meninos o domínio da bola, a chegar junto e a marcar o adversário, neutralizando-o com lisura e destreza. Com seu conhecimento empírico, sobretudo da psicologia humana, soube conduzir equipes do Infantil a gloriosas jornadas.

Essa história de que técnico de futebol necessariamente tem que passar pela experiência dos gramados não impediu que treinadores famosos e vitoriosos se destacassem em diversos clubes brasileiros mesmo sem nunca terem sido jogadores. A lista é grande, mas lembremos de Cláudio Coutinho, que foi preparador físico e técnico da Seleção Brasileira, na década de 1970, sem jamais levantar uma taça como jogador. Carlos Alberto Parreira, antes de comandar a Seleção, começou como preparador físico no São Cristóvão, chegando em 1975 ao Fluminense, a partir de onde construiu sua carreira. E Oswaldo de Oliveira, assim como Parreira, formado em Educação Física, assumiu o Corinthians em 1999, conquistando o Campeonato Paulista e o Brasileiro no mesmo ano. Passou pelo Vasco, Fluminense, São Paulo e o Cruzeiro.

Quem questionaria o legado desses homens ao futebol brasileiro?



Criançada se divertindo no gramado do Sumaré. Como sempre, Seu Zezinho se posicionava no canto da foto.

Voltemos a Seu Zezinho. Eram outros tempos, aqueles dos meninos campeões do Infantil do Estrela que, sob a batuta do mestre de vocabulário básico e cartilha simples, conquistaram os títulos dos campeonatos de 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1943, 1957, 1958, 1961, 1964, 1967 e 1981 e os torneios nos anos de 1936, 1937, 1939, 1940, 1943, 1957, 1958, 1961, 1964, 1967 e 1982.

Mesmo que não tenha brilhado nos campos do Sumaré como jogador, Seu Zezinho seguia ensinando a seus garotos os fundamentos do futebol: passe, cabeceio, controle de bola, drible, colocação, lançamento, finalização, além de serenidade e disciplina. Tempo em que o treinador era a figura máxima em campo, sem qualquer interferência de dirigentes. Ele escalava, comandava, tirava de campo, mandava o jogador para o banco.

Ensinava o bom futebol e era implacável na cobrança aos seus jogadores. “Numa série de quinze pênaltis, por exemplo, num treino, se acertássemos quatorze mas errássemos um, ele não aceitava, vinha bronca. Tínhamos que marcar todos os gols”, lembra o meio-campo Ruimar, que começou aos dez anos no Sumarezinho, jogou no Infantil, no Juvenil e na equipe principal do Estrela.



Infantil de 1964.  
Adilson Lázaro, Décio, Elias, Milton, Sérgio, Gilmar, Geraldinho, Paulo, Seu Zezinho, Edival e Chita. Turbay, Bitinha, Mothé, Lelécio, Gilberto, Otacílio, Barbieri e Adilson Roureiro.



O futuro centro-avante Bujica (Flamengo e Botafogo), entre seus pais e Seu Zezinho.



Ruimar não foi hexacampeão no Infantil, mas foi dos pés do jogador que veio o gol do título sulino de 1967. “Realmente foi um tempo de glórias, bons ensinamentos e amizades, e uma relação de extrema confiança entre Seu Zezinho e nossas famílias”.

Das boas e inesquecíveis amizades, Ruimar lembra do amigo Maranhão, o Luiz Raimundo Lamar Pereira da Silva, a quem, por ocasião de sua morte prematura, Seu Zezinho prestou essa homenagem no *Jornal Sete Dias*: “Anos atrás, quando eu ia dar início ao treino do Infantil do Estrela, apareceu na minha frente um menino magro, moreno, e me disse assim: Moço, deixa eu jogar bola? Como foi sempre o meu costume perguntar o nome dos garotos, eu então fiz esta pergunta a ele: Como se chama? Ele me disse: Luiz Raimundo; nome do pai: Euclides Pereira e sua mãe: Mary Pereira. Você é de onde? Eu sou do estado do Maranhão. Continuei dizendo a ele: Você zanga se eu chamar você de Maranhão? Ele me respondeu: Não senhor. Então você senta-se ali até chegar a sua vez. Ele sentou-se. Quando deu uma vaga eu gritei: Vem, Maranhão! Daí ele deu os primeiros pontapés no Campo do Estrela. Desde este momento para frente Maranhão foi acostumando-se com os garotos e com pouco tempo tornou-se o ídolo do Sumaré. Quando o Infantil do Estrela estava perdendo os seus colegas pediam a sua inclusão no time. Ele jogava divertindo os seus companheiros.

Foi aluno da Escola de Comércio, depois transferiu-se para sua terra natal, o Estado do Maranhão. Na terça-feira, dia 16 de janeiro de 1973, eu estava apitando o treino do Infantil do Estrela, quando entra dentro do campo Luiz Raimundo, o popular Maranhão, com aquele sorriso amável que ele sempre teve, me deu um forte abraço. Então eu perguntei a ele: como vai de estudo? Ele me disse: Seu Zezinho, graças a Deus vou bem, estou no 4º ano de Medicina. Eu dei os parabéns a ele. Depois de um bate papo, ele me disse assim: Agora eu vou visitar a minha segunda família. Eu perguntei: quem é? Mas o senhor não sabe? Dona Filinha, Verly, Horeny, Nely, Lilinda e o Nadinho (era como ele chamava o Ronaldo). Quando voltou me disse: Seu Zezinho, já deixei o almoço trato na casa do senhor para o sábado, dia 20.

No dia 20 às 6 horas da manhã, quando eu fui comprar o pão,

encontrei com o amigo Carlos Pepe e este me deu a triste notícia que o Luiz Raimundo, o popular Maranhão, tinha deixado este nosso mundo. Para mim foi o mesmo que receber uma punhalada no coração.

Ele era Vasco, e quando o seu time querido batia no Botafogo, ele chegava perto de mim e dizia assim: Seu Zezinho hoje nós não vamos conversar sobre o futebol do Rio e sim do futebol de Cachoeiro.

Eu tenho que me conformar, sei que Deus também precisa dos bons. Descansa em paz Luiz Raimundo, nós ficamos rezando pela sua alma”.

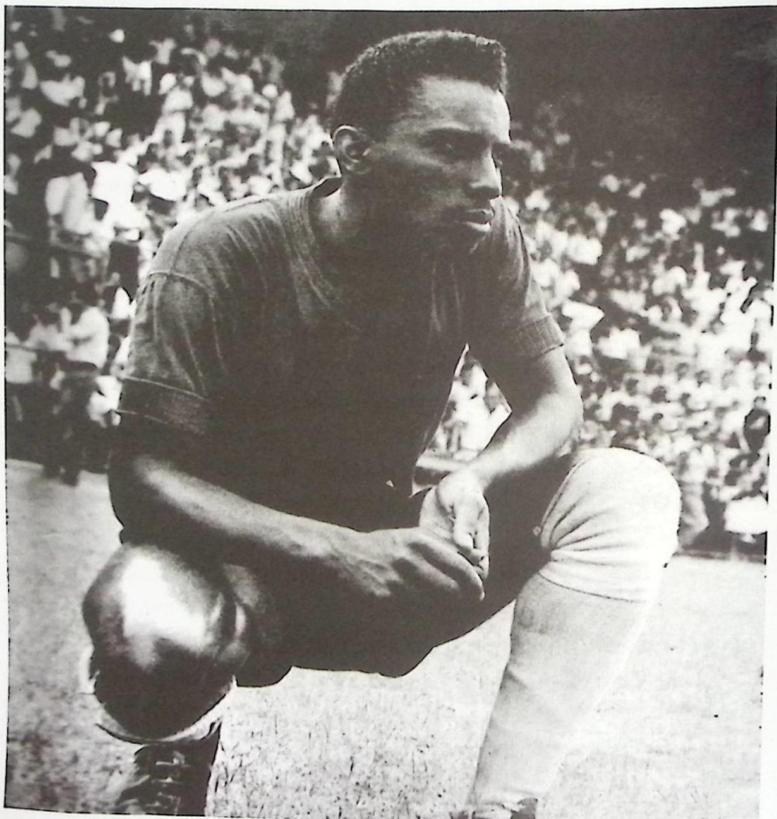
Apesar da “cara de poucos amigos”, por conta da disciplina que precisava manter em campo, Seu Zezinho é até hoje chamado de “Pai-zão” pelos seus ex-comandados, porque sempre teve a rara capacidade de interpretar os sentimentos de seus garotos. Como treinador deixou a grande marca da disciplina e do valor da educação, e, como pai, o poder do exemplo, do respeito e da determinação.

Até mesmo jogador que não passou pelo Infantil de Seu Zezinho reconhece no treinador a figura paterna que auxiliou seus garotos a encontrarem seus caminhos. É o caso de Alcenir, brilhante centroavante do Cachoeiro nos anos 1950, e que, após passagem rápida pelo América (RJ), retorna à cidade para jogar no Estrela, no time principal. “Infelizmente não passei pelos ensinamentos dele. Não tive essa formação no Cachoeiro, que foi um grande diferencial do Estrela pelo brilhante trabalho de Seu Zezinho. Trabalho esse que procuramos, eu e Zininho (Izairço Sabadini) aplicar na escolinha de futebol que comandamos por seis anos. Levamos as mesmas práticas de disciplina, educação e exigência nos estudos”, conta o craque, que encerrou carreira no Caxias, de Vitória, aos 37 anos, fazendo o gol que deu ao clube o seu único título de campeão estadual.

O tempo de Seu Zezinho no Estrela do Norte ficou marcado por um ciclo de muita dignidade no futebol cachoeirense, de arquibancadas lotadas e de um escrete esportivo que fez história nas cabines do Sumaré. Áureos tempos de um senhor franzino que comandava seus meninos com “rigor de um espartano e retidão de um cavaleiro”, frase esculpida pelo jornalista Armando Nogueira nos anos 1980 para definir a diplomacia em campo do jogador vascaíno Ademir Menezes. Botafoguense apaixonado, Nogueira se declarou fã do atacante vascaíno

na crônica “Um artilheiro no meu coração”, no Jornal *O Globo*: “Se eu soubesse que um dia o futebol dele ia acabar, eu teria pedido a Deus que me emprestasse um par de olhos cruz de malta só para que eu pudesse ver, à luz do amor, todos os gols que Ademir fazia contra mim”.

Da mesma forma, a era Zezinho – nos anos românticos do futebol – deixou reconhecimento e respeito a todas as conquistas estrelenses, até mesmo das torcidas adversárias.



O craque Alcenir – para muitos, o melhor atacante que já atuou em Cachoeiro – lamenta que não tenha passado pelo Infantil do Estrela, quando era menino, para que pudesse ter tido a oportunidade de absorver todos os ensinamentos do Velho Mestre.



Seu Zezinho com o Juvenil do Estrela. Ele não gostava que os meninos do Infantil usassem chuteiras. Dizia que, descalços, eles sentiam mais a bola.



Infantil do Estrela transitando para o uso de chuteiras.





## O Fazedor de Craques

Gilson Caroni

Há quinze anos, o nosso saudoso amigo Newton Braga pedia-me que fizesse uma reportagem no jornal, à época, sobre a personalidade e os feitos do Sr. José Basílio de Souza, o Seu Zezinho, que ele mesmo intitulou de o fazedor de craques.

O criador da Festa de Cachoeiro era um apreciador de craques. Aliás, todos que militam ou militaram no futebol cachoeirense não podem deixar de admirar Seu Zezinho. Foi por isso que Joel Pinto, 15 anos após Newton Braga, pede-me para falar algo de José Basílio de Souza.

O homem é humilde e austero ao mesmo tempo. Impõe aos seus pequenos comandados um respeito digno de nota.

Lembro-me das broncas que, nos treinos do infantil do Estrela, ele dava nos jogadores relapsos. Moleques irrecuperáveis, pré-delinquentes, que hoje chamaríamos de egressos do SAM, batiam no campo do Estrela e o Seu Zezinho os acatava com carinho, impondo aos mesmos um sentido de disciplina e respeito que os chinelos dos pais ou a palmatória das professoras não conseguiriam fazê-lo.

Tinha suas manias. Uma delas era a de não gostar de ser driblado em treino, quando eventualmente jogava para cobrir algum jogador faltoso (que sempre mandava um outro justificar a falta).

Zangava e ameaçava suspender o audacioso, ou no mínimo cortava a laranja que nos intervalos ele distribuía entre os craques mirins.

Certa vez, Mímica, um dos maiores craques que Cachoeiro já possuiu, liderou uma rebelião. Saiu do infantil do Estrela levando com ele os cobras do time. Além dele, alçaram voo para o Deslandes Futebol Clube Valadares Miguez, Clésio Braga, Walter e outros.

O Deslandes danou a vencer todo mundo. Só não jogava com o Estrela, pois havia o respeito a Seu Zezinho por parte dos rebeldes. Mas os pernas de pau do time insistiam em jogar com o Clube do Sumaré. Argumentava Assadinho Rei dos Frangueiros: Se nós liquidamos os Engraxates, o Cachoeiro, o Aquidaban, o Cachoeira Grande, por que não arrasar com o Estrela? Assadinho queria se vingar do fato de Seu Zezinho tê-lo chamado de perna de pau e dizer que no Infantil do Estrela não havia lugar para ele no gol. Que ele tentasse a ponta-esquerda, pois nessa posição ele ficava perto da cerca [...]

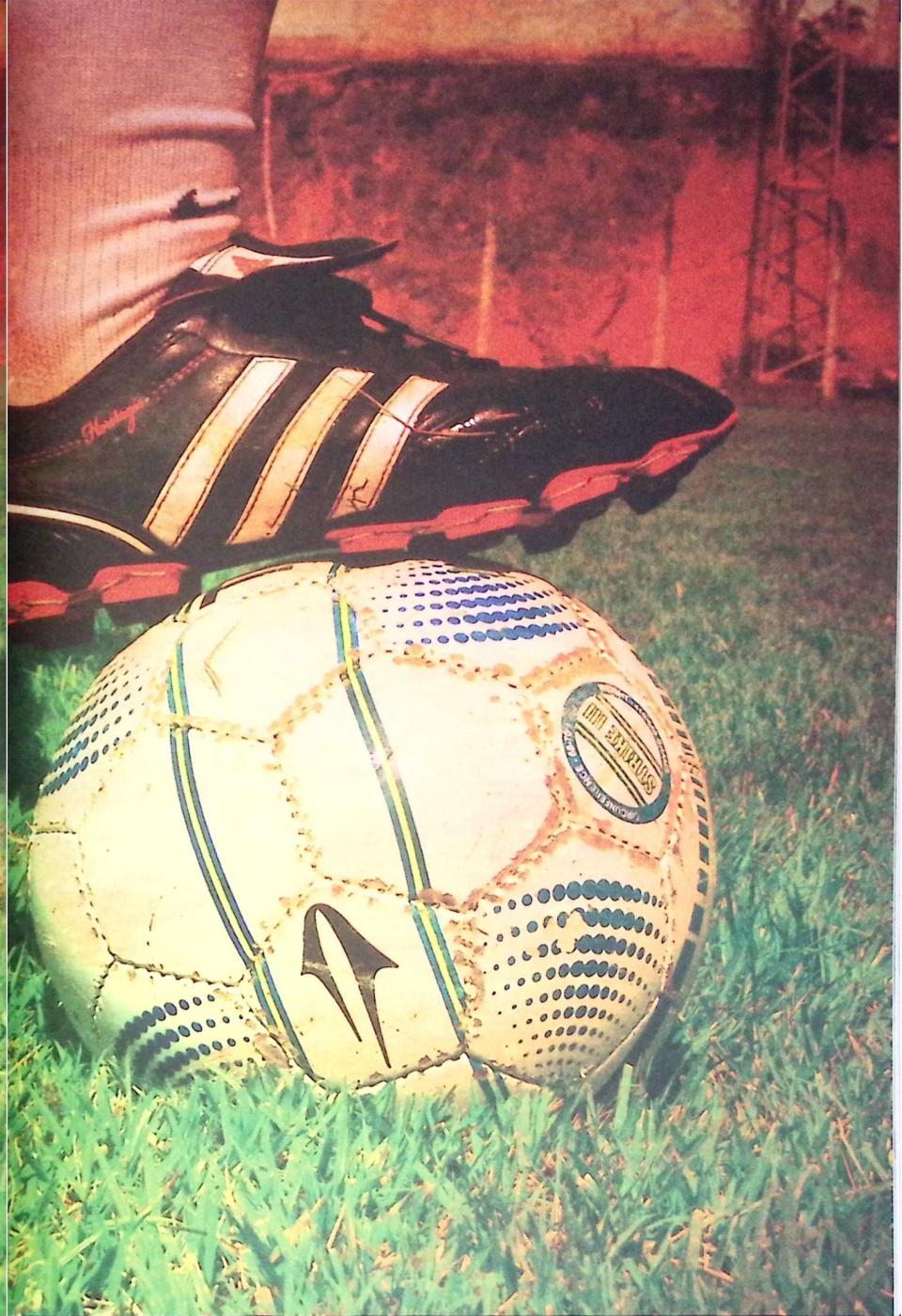
[...] Os rebeldes voltaram ao seu ninho antigo, não sem antes receberem uma reprimenda do técnico Zezinho. Mas Assadinho, no íntimo, estava alegre, pois passou a titular no quadro, e o Deslandes daí em diante passou a ser o detentor do troféu das “carroçadas”. Apanhava, mas só de goleada. Mesmo assim Assadinho estava satisfeito. E ameaçava enfrentar o Estrela no que foi contido pelos mais pendurados.

Assim era Seu Zezinho, o fazedor de craques prudente, judicioso, respeitável e bom. Quantos moleques terríveis, de então, hoje não são ótimos chefes de família graças ao “milagre Zezinho”? Quantos craques atingiram à invejável condição de cobras do futebol carioca, também graças às orientações desse extraordinário Zezinho? E tem mais: hoje, Seu Zezinho dá um presente ao jogador infantil que melhor se classificou na escola.

E por tudo isso que me vêm à mente duas sugestões: 1º Se o Sr. José Basílio de Souza não for nascido em Cachoeiro, que a nossa colenda Câmara dê a ele o título de Cidadão Cachoeirense. 2º Que a mesma Câmara dê o nome de Seu Zezinho à rua junto ao Campo do Estrela. Dirão: Mas já tem nome. Sim. Eu sei, aquilo foi obra de um puxasaquismo transitório. A dama que empresta seu honrado nome à rua poderá ter uma outra, mas aquela não! Aquela é de fato rua Seu Zezinho”.



capítulo 06





Jair Bala  
teve performance  
sensacional no  
América Mineiro,  
onde, em enquete realizada  
em todo o estado de Minas  
Gerais, consagrou-se como o  
Atleta do Século do clube.



## Tá indo pra onde, menino?

**T**á indo pra onde, menino?”. A pergunta feita em voz baixa, porém firme, pelo velho mestre Zezinho fez com que futuros craques pisassem pela primeira vez no gramado do Sumaré e vestissem a camisa alvinegra. Uma espécie de chamamento, recrutamento de garotos que, antes de sonharem com a primeira namorada, queriam levantar troféus pelo Infantil do Estrela. Crianças e adolescentes, filhos da periferia e da mais alta sociedade, do pai sapateiro e da mãe lavadeira, do médico e da professora. Descalços, eram todos iguais.

Descobrir e revelar talentos fazia parte da missão de Seu Zezinho. Quieto e observador, não foram raras as vezes em que o técnico identificou a habilidade de um garoto jogando num campo de terra batida. Assim aconteceu com Jair Bala.

“Estava batendo bola sozinho, quando vi Seu Zezinho, parado, me observando, com um saco de pães nas costas. Ele me chamou e perguntou: ‘Menino, você é filho de quem?’. Eu respondi: ‘Sou filho do Batata e da Conceição’. Então fomos até minha casa conversar com meus pais. Eu morava perto do Liceu, onde eram armados os circos na cidade. Ao chegarmos em casa, Seu Zezinho foi logo dizendo à minha mãe: ‘Comadre, o Batatinha vai ficar comigo no Estrela’. Foi assim que começou minha carreira.”

Jair Bala é filho de Maria da Conceição e de Zózimo Félix da Silva,

um ex-ferroviário e craque do time amador do Leopoldina. O talento com a bola o levou aos 14 anos para o time principal do Estrela. No dia 29 de junho de 1957 o time jogou contra o Flamengo, no Sumaré, e venceu por 1 a 0, com gol de Jair. Nesse dia, após o jogo, o então técnico do time rubronegro, o paraguaio Don Fleitas Solich, o chamou para jogar no clube.

Jogando no Flamengo, na categoria dos juniores, Jair foi artilheiro do campeonato carioca por três anos consecutivos e convocado para a seleção carioca de juniores, para disputar o campeonato brasileiro de seleções. No time profissional, em 1962, conquistou campeonato carioca e o Torneio Hexagonal, no México.

Em 1963, Jair atuou na equipe do Botafogo que conquistou o campeonato carioca e o Torneio de Paris, na França. Sobre ele, Nelson Rodrigues escreveu, naquele ano, na coluna “À sombra das chuteiras imortais”: “Se Jair fosse simplesmente Jair, estaria apodrecendo na obscuridade. A toda hora, em toda parte, nós esbarramos, nós tropeçamos num Jair qualquer.”

Pelo América, em 1964, foi vice-campeão mineiro, artilheiro do campeonato e também eleito o melhor jogador do ano. Em 1966, no Comercial de Ribeirão Preto, ganhou a Chuteira de Ouro e foi convocado para a Seleção Brasileira. No Palmeiras, no ano seguinte, foi campeão brasileiro.

Outro momento marcante na vida do jogador aconteceu quando atuou no Santos, em 1967, dividindo o ataque com Manoel Maria, Pelé e Edu. Ele substituiu o “rei” Pelé após o milésimo gol na partida contra o Vasco da Gama, no Maracanã, no dia 19 de novembro de 1969.

Depois do Santos, Jair passou pelo América, que em 1971 foi campeão invicto do campeonato mineiro, sendo novamente artilheiro e eleito melhor jogador do ano; depois, os times da Ponte Preta, Bahia e Paissandu, onde encerrou sua carreira em 1974.

Depois de uma carreira vitoriosa, iniciada pelo olhar intuitivo de Seu Zezinho, Jair voltaria diversas vezes a Cachoeiro de Itapemirim para participar de eventos realizados por seu ex-treinador no Campo do Sumaré.

Ademir, o Batatinha, outro filho de Zózimo e Maria da Conceição, viria a despontar no Infantil do Estrela, onde chegou aos nove anos. Foi um dos destaques do ataque estrelense, conquistando o bicampeonato em 1968 e 1969. “Seu Zezinho marcou muito minha vida; me ensinou a perder o medo da bola e a cabecear com confiança”, diz, recordando as vezes em que o treinador pedia aos jogadores mais truncudos da equipe para jogar a bola na cabeça dos colegas para que esses perdessem o medo.

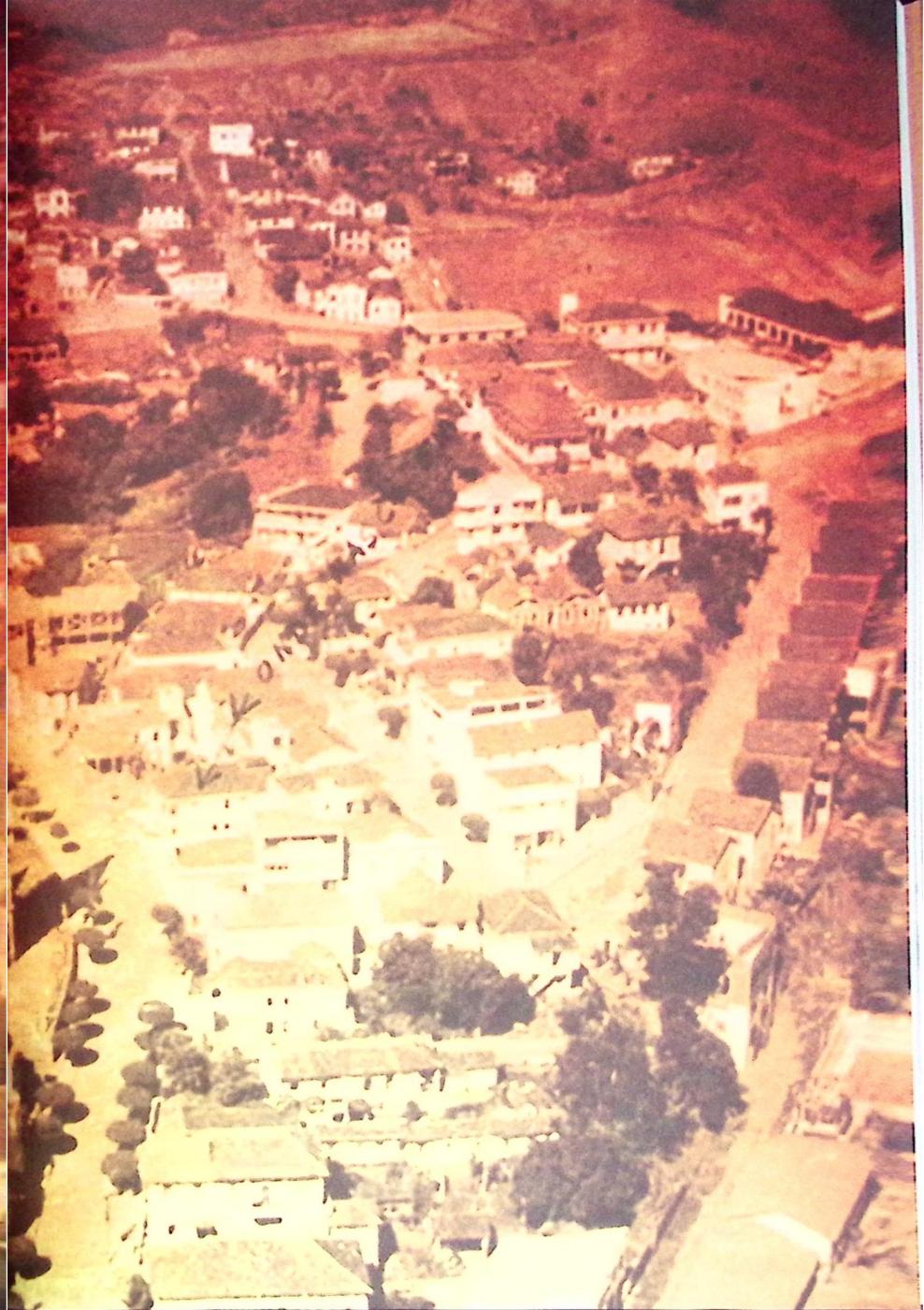
O treinador sabia que o medo era necessário em muitas circunstâncias da vida. Mas no campo exigia coragem e determinação da equipe. Certamente acreditava nas crianças, porque elas são leais e aprendem com facilidade os valores repassados pelos adultos. Ele levou as equipes que por ele passaram a acreditar que eram grandes. De fato eram: Seu Zezinho só as ajudou a descobrirem.



Ademir Batatinha ao lado de seu pai, Seu Zózimo Félix da Silva, também uma lenda do futebol cachoeirense.



*capítulo 07*



Os sete dias do mês de Abril do ano de 1942, no  
gabinete de administração, Estado do Espírito Santo, em a sua  
Rua Capitão Castanheira, nº 22, às 20 horas, sob a presidência de  
José Moyses e presentes todos os demais membros da Diretoria, fo-  
ram, declarada aberta a sessão:

Deliberação a Diretoria nomear para exercer o cargo, de "Di-  
retor Técnico", o sr. Elias Apolinário e para o seu auxiliar, o sr. José  
responsáveis pelo preparo, respectivamente, do 1º e 2º quadros, e pelo  
Juvenil. Deliberou, ainda, designar o amador João Augusto  
para Capitão do 1º Quadro.

Oficiar à Liga Espírito-Santense, pedindo, diretamente a sua fi-  
delidade com a exigência da nova Lei esportiva.

Resoluiu ser o Diretor Técnico e o Capitão do Quadro, do  
quadro, tomarem parte nas reuniões da Diretoria, com direito a voto.

Resoluiu a Diretoria comparecer à reunião do dia 13 do corrente  
da Liga Esportiva F.C.

Oficiar ao Cachorro F.C., contra o voto dos senhores Fernando de  
Castro, 2º Secretário e do sr. Raul Sampaio, 1º Tesoureiro, para a ma-  
de uma partida amistosa, em nosso campo, no próximo domingo, dia 12  
mediante as seguintes condições: a) Renda dividida em partes iguais,  
das as despesas necessárias com propaganda, marcação de campo, etc.; b)  
do Espírito terão franca entrada.

Foi apresentada e aceita a proposta do amador Wilson J. de Sant-  
oforçada, mais haver a tratar, iniciou-se a presente sessão  
assimada. O sr. Helio Garcia, Secretário, a escreveu.

José Moyses  
Raul Sampaio  
Jeruquim de  
Helio Garcia



## Zezinho e Estrela: as histórias se confundem

A história do Estrela do Norte começou em 16 de janeiro de 1916. Já a de José Basílio com o clube, a partir de 1923. Nas atas de reuniões do clube há diversos registros de sua atuação como zelador, auxiliar de diretores de esporte e treinador do Infantil. Nos documentos, fica clara a participação próxima e direta de Seu Zezinho nos primórdios da história alvinegra, desde a aquisição de terreno a construção de estádio próprio, às mudanças de dirigentes, criação e extinção de cargos, contratação de jogadores, jogos e campeonatos. Apesar de não ter tido poder de decisão, documentos do clube apontam o prestígio e o respeito dos dirigentes por Seu Zezinho.

A ata de 16 de janeiro de 1960, redigida pelo secretário Acyr Coelho da Rocha, dá posse a José Basílio como diretor do Infantil junto de Antônio Miguel na diretoria do Juvenil. No registro, Acyr define Seu Zezinho como "incansável" na condução de seu trabalho.

Pelo clube, que tradicionalmente enfrenta dificuldades financeiras desde sua fundação, passaram distintos colaboradores e personagens. Na presidência passaram Francisco Penedo, Mário Monteiro, Elizeu Viana, Antônio Carlos, Hélio Grecchi Rosa, Sandro Sartório Munhões, Geraldo Fonseca, Theodorico de Assis Ferraço, Ewerton Miranda Treggia, Pedro Camargo Turini, Natal Moury Martins, Antônio Carlos Braconi, João Cardoso, Alfredo José Duarte Abreu, João Manoel Cassa,

Solimar Cagnin, Jorge Vasconcelos, Walter Vargas, Anarim Albino da Silveira, Mário Conde, Renato Pinto, Antônio Melo, Antônio Carlos Lima, Gérson Moura, Délio Moreira Lima, Byron Tavares, Murilo Alves, João Santos Filho, José França, Juracy Magalhães, Ryve Campos Barbosa, Darcy Brum, Ermínio Coutinho, Eduardo Bernardino, Paulo Roberto da Costa Mattos, José de Assis Valory, Milton Cade e João Lima. Atualmente, Adilson Conti preside o clube.

“A história do Estrela se confunde com a de Seu Zezinho. Não tem como falar de um sem falar do outro. Seu Zezinho marcou a história do clube e de todos que conviveram com ele. Eu o conheci quando tinha dez anos. Pela minha estatura, fui escolhido goleiro do time. Ele tinha uma visão de jogo e posicionamento de jogadores formidável, sabia escolher suas equipes e lutou até o fim pelas categorias de base”, lembra Adilson.

O clube conquistou cinco Vice-Campeonatos Capixaba de Futebol (1987, 2003, 2004, 2005 e 2006); três Copas Espírito Santo (2003, 2004 e 2005); dois Campeonatos Capixaba da 2ª Divisão (1996 e 1999) e dois Vice-Campeonatos Capixaba da 2ª Divisão (2010 e 2012). Foi por seis vezes Campeão Sulino Capixaba (1954, 1955, 1964, 1965, 1966 e 1968); três vezes campeão da Taça Newton Braga (1963, 1964 e 1965) e campeão do 2º Turno do Campeonato Capixaba em 2000.

Nas categorias de base, faturou o Campeonato Capixaba de Juniores (1991 e 2004), o Campeonato Sulino de Infantil de 1997, o Campeonato Sulino Juvenil (1996 e 1997) e o Campeonato Sulino de Juniores de 1982.

Porém, o título mais esperado, o Campeonato Capixaba, veio somente em 2014, numa disputa final contra a equipe do Linhares. A vitória por 1 x 0, em Aracruz, deu o título de campeão aos alvinegros. Uma alegria para milhares de torcedores espalhados pelo país e que certamente, se ele estivesse aqui, seria a realização de um sonho de José Basílio.



Uma das primeiras diretorias do Estrela, em 1923: Laurentino Lugon, Serafim Peron, o poeta Benjamin Silva, Lauro Pinheiro, Jayme Santos, Luiz Semprini e Estulano Braga.



Time do Estrela de 1925.





Time do Estrela, aparecendo na foto, já como ex-atleta e de terno escuro, o poeta Newton Braga. Ao seu lado, de branco, o maestro Raul Sampaio.



Time do Estrela na década de 1940, destacando-se: Pacaparra (sentado), o goleiro Elias Apolinário e Newton Braga (agachado).



Estrela do Norte, Campeão da Cidade de 1942.



Atletas do Estrela em jogo contra o Cachoeiro em 20.03.1938. Aparecem: Newton Braga (o primeiro à esquerda), Ennes de Carvalho (o quinto, filho de Álvaro Dâmaso, proprietário da Padaria Brasil) e Manoel Correlogo (o último à direita).



capítulo 08

REMETENTE  
DEPUTADO NELIO CARLOS MANHAES  
RUA ALBERTO NETO 963/701 P. DO CANTO  
VITORIA/ES

21556 G ESVM

Temas que nos com-  
municam as desigualdades de Deus.  
Em minhas orações, pedirei sua  
alma.

Despedindo-me, peço que trans-  
mita aos familiares, a minha, e a de todos os meus familiares,  
meas condolências.

Meus respeitos,  
*Paulo Soares*  
Paulo Soares

21391 Z ESCI  
21102 A RJTO  
18/1410  
FSG2054 1812 1154 STT/RS(O)  
FLORIANOPOLIS/SC

URGENTE  
VERLY SOUZA E FAMILIA  
RUA BENJAMIN SILVA SUMAREM  
CACHOEIRODEITAPEMIRIM/ES(2)

SENTIMENTO PELA PERDA DO M  
LUIZ CARLOS DE FREITAS

REMETENTE  
LUIZ CARLOS DE FREITAS

CASTILHO DE SOUZA  
SUMAREM

SENTIMENTO DO NOSSO  
CORACAO NA DOR COM ORACOES

URGENTE  
LAMENTAMOS COM FIDELIDADE  
O FALLECIMENTO DO NOSSO  
AMIGO SENHOR ZEZINHO  
A CADA UM ABRACOS  
DAVID-DARIO E FAMILIA

REMETENTE  
DARIO CRUZ  
RUA CELSO CALMON  
VITORIA/ES

URGENTE  
A FAMILIA DO SENHOR  
(SENHOR ZEZINHO)  
RUA NECA BOMGOSI  
CACHOEIRODEITAPEMIRIM/ES

URGENTE  
21391 Z ESCI  
21556 G ESVM  
18/1345  
FEV10807 1812  
VITORIA/ES

# A BOCA

Nº 251 — DIREÇÃO JOEL PINTO

20 - 12 - 90



## Morte dá baixa no livro da vida aos dois últimos ídolos de Cachoeiro

O Natal, cruel pela recessão ainda acrescentou para nós de Cachoeiro perdas que a gente custa acreditar nas figuras do popular e humilde José Basílio de Souza e de maior cronista de todos os tempos no Brasil, o cachoeirense Rubem Braga.

O cruel das perdas é que elas representam o fim de duas épocas: a do mestre de um futebol em decadência e o fim de uma criatura rara, dotada de um poder de oração até então nunca igua-

lado nas letras nacionais. Rubem Braga reconhecido, unanimemente, por todo o juízo maior da literatura brasileira como o símbolo do bom cronista merecia ainda com dosagens mais erúdis a sua vida quando tudo faz, até na morte, por aliar o seu grande amor, eterno amor por sua Cachoeiro de Itapemirim.

Valeu, Rubem, o seu povo vai receber as suas cinzas como um legado de um grande coração ao coração de sua terra e de seus irmãos.

## Pelo Natal de hoje o temor pelo dia de amanhã

Em 43 anos de jornalismo e de vivência e convivência com esta terra e sua gente, este Natal, sem sombra de dúvida, é, a um só tempo, o mais triste, o mais angustiante, o mais trágico, e, por que não dizer, o mais negro.

Tudo se mostra em tons cruéis e opacos, traduzindo uma espécie de inquietude que se alonga, que toma corpo e sentido, que vai assumando espaço, diluindo expressões alegres e formando uma imagem que nenhum Natal, de 47 pra cá, mostrou em nuances tão agudas e em cores de uma tonalidade que tem pouco de cinzenta e muito de escura e negra.

Será este o Natal da redenção, ou é apenas o prenúncio da loucura?

Não se sabe (agora com certo temor) até onde o trágico, presidente e sua ministra vão fazer da cobra de todos nós, ou um algo venturoso, ou um semitério em cujas lápides os sonhos mais caros estarão sepultados pelo peso da inflação e da irresponsabilidade.

Pela recessão e suas consequências, pela amarga amostra sem luzes de otimismo é possível, pelo Natal de hoje, fazer uma idéia do Brasil de amanhã.

Deus queira que o vaticínio não se concretize.

Este país e seu povo precisam viver e prosperar.

## O adeus ao Mestre

Na madrugada de 18 de dezembro de 1990, o coração de Seu Zezinho parou. Da forma como ele sempre dizia que seria, parou devagar, embora com pouco tempo para despedida. A família relata que, a caminho da Santa Casa, hospital bem próximo a sua casa, dentro do táxi onde estavam o filho Verly, o neto Ronaldo e o genro Wilson, o velho mestre deu seu último suspiro diante do lugar que foi sua vida, sua alma e religião: o Campo do Estrela. Partiu da forma que sempre disse que gostaria que fosse: como um passarinho, sem sofrimento, discretamente como sempre viveu.

“Vovô parou de respirar em frente ao campo. Quando chegamos ao hospital não havia mais nada a fazer. Certamente isso tem um grande significado para nós. Foi um adeus tranquilo, sereno, em paz”, lembra Ronaldo.

A imprensa da época destacou a morte daquele que sempre seria considerado ícone do Estrela e do futebol capixaba.

O primeiro momento da despedida ocorreu na casa da família, na sala, que ficou pequena para tanta gente. Depois o corpo de José Basílio foi velado no meio do Campo do Estrela, onde centenas de pessoas, amigos, ex-jogadores e admiradores do técnico foram prestar a última homenagem.

Os netos acompanharam o velório e o sepultamento. Bruno tinha

Em 92: Osvaldo Secchin

oito anos e seguiu no carro do Corpo de Bombeiros, vestido com a camisa do Estrela. “Lembro que as pessoas acenavam, aplaudiam e buzonavam para homenagear meu avô. Um sentimento mesmo de gratidão que nunca vou esquecer”.

Os demais foram a pé, seguindo o cortejo até o Cemitério do Coronel Borges, onde o corpo de Seu Zezinho está enterrado. “Minha lembrança desse dia é: tudo acabou, os jogos, as comemorações, as brincadeiras no campo. Meu avô era nosso cordão umbilical com o Estrela”, diz a neta Andressa.

O Estrela jamais seria o mesmo para a família de Seu Zezinho. Verly ainda ficaria por um tempo, na tentativa de fortalecer as categorias de base do clube, ideal pelo qual o pai lutou a vida inteira. Mas ficou pouco tempo no cargo.

Nesse mesmo dezembro, um dia após a morte de José Basílio, Cachoeiro também choraria a perda de um de seus ícones na literatura e jornalismo, o cronista Rubem Braga. O padreiro e o jornalista seguiriam nova jornada.

## José Basílio de Souza: 1905 a 1990

Perdeu Cachoeiro um ídolo, um marco, um sinônimo, o maior, do mais autêntico professor de futebol.

José Basílio de Souza, o «Seu Zezinho», nasceu em 1905 e foi, em vida, padreiro e mestre da arte de jogar bola. Morreu aos 85 anos, deixando um nome que é bem mais expressivo que muita gente ilustre que vive por aí.

Dêle, em próxima edição, vamos mostrar a figura e a obra simples desse homem que era um dos mais destacados e destacáveis exemplos do desportista humilde, o- peroso, autêntico e maravilhosamente inigualável. Talvez o único.

Deixa um vazio, deixa saudade, deixa muito mesmo em imagem e em valor.



Jornal A Boca



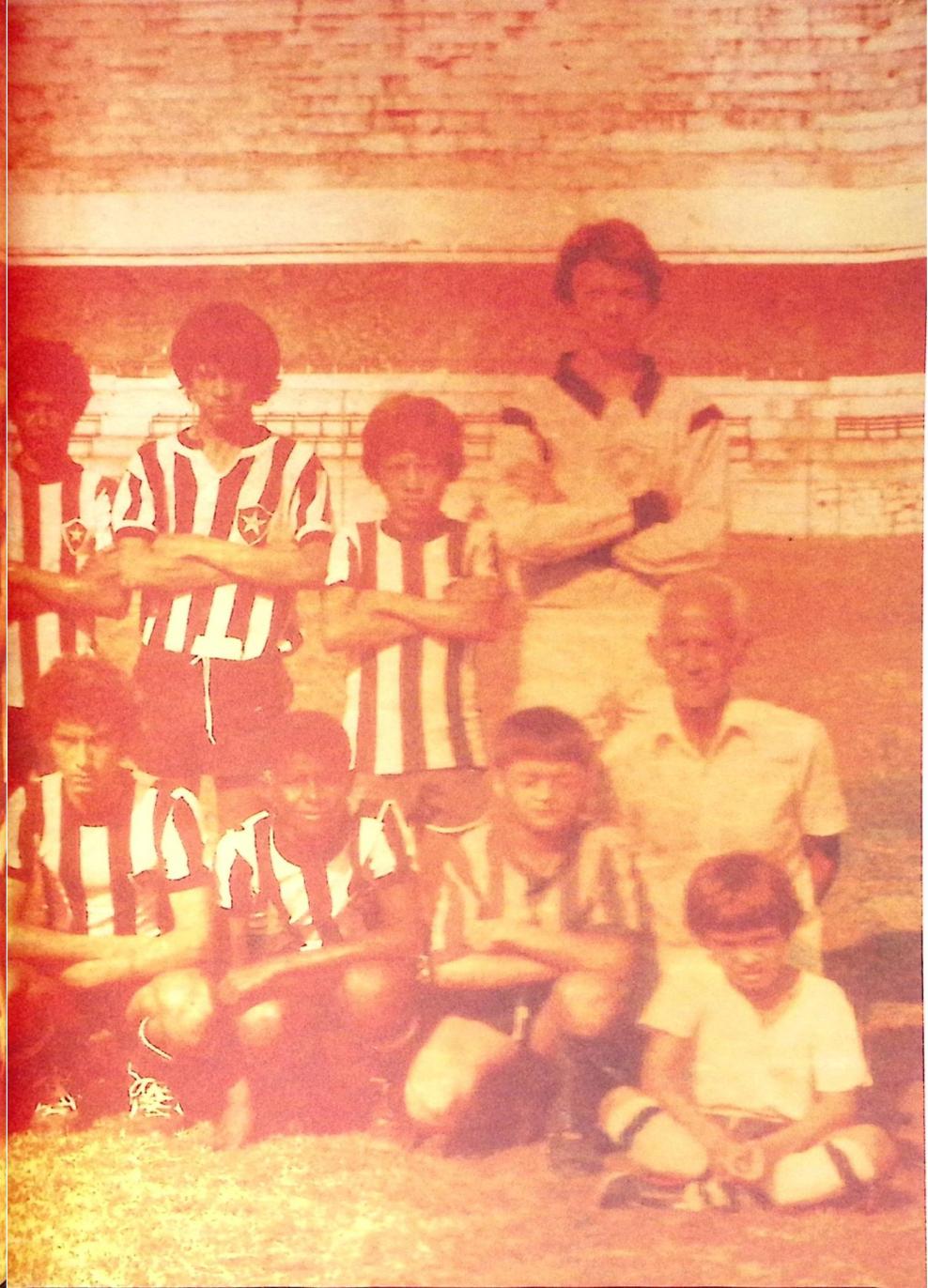
Jornal Sete Dias



85 anos, um exemplo de pai e uma página de gloriosos feitos no esporte de Cachoeiro, mais de 60 anos de Estrela do Norte FC, José Basílio de Souza («Seu Zezinho»), morreu na manhã (4.45 horas) do último dia 18, após se sentir mal em sua residência. Com sua morte, parte da história do futebol de Cachoeiro desaparece. Ei-lo ao lado de D. Filinha, na festa de seu último aniversário.



capítulo 09





## As lições do Mestre

**J**osé Basílio de Souza marcou a vida de várias gerações de estrelenses, dentro e fora do Sumaré. Suas lições não se limitaram apenas aos gramados, onde os sonhos dos meninos eram apenas jogar bola e fazer amigos. Seu Zezinho deixou ensinamentos para a vida, simples lições que o tornaram inesquecível.

### Disciplina se aprende cedo

Um disciplinador. Assim a maioria define Seu Zezinho. Um técnico de decisões firmes, que não admitia questionamentos, reclamações, atrasos e insubordinações de seus atletas. Geraldo Luzia de Oliveira – ou, mais popularmente, Bidal – conta que num jogo em campo pesado, com muita chuva e, conseqüentemente, com a bola ainda mais pesada do que já era, cabeceou e fez um gol aparando um centro que veio da esquerda do ataque estrelense. Ficou meio tonto, custando um pouco a recuperar-se. Olhou para o lado e disparou para um companheiro de equipe: “Culpado é Seu Zezinho, que obriga a gente a cabecear bola molhada”. O velho mestre, ao ouvir o comentário, tirou o atleta de campo por reclamação, embora tivesse acabado de fazer o gol.

Chateado, Bidal resolveu abrir uma “dissidência” com mais três ou quatro “atletas” que ficavam na “cerca” e estavam insatisfeitos. Foram

treinar, no meio da semana, no Cachoeiro. Na sexta-feira, no entanto, já estavam de volta ao campo do Estrela, porque o apelo de vestir a camisa alvinegra era maior do que qualquer “bronca” passageira.

Bidal começou como a grande maioria dos meninos nascidos e criados no bairro do Sumaré, antigo “Morro da Palha”, no Sumarezinho, chegando ao Infantil de Seu Zezinho, ao Juvenil, treinado por Antônio Miguel, o popular Bagulho, e finalmente ao primeiro time, ainda com 17 anos de idade. É formado em Pedagogia e Direito, exerceu durante toda a sua vida profissional a atividade de professor e hoje está aposentado. Lembra com saudade o tempo em que conviveu com o Infantil do Estrela e, especialmente, as lições de vida que aqueles meninos tiveram com o exemplo pedagógico de Seu Zezinho. “Quem passou por ele, teve uma lição de vida”.

Há muitos outros casos de dissidências. Como o de Raul Sampaio, que, também decepcionado com o treinador por conta de um afastamento temporário do time, procurou Mauro Machado, o Goiaba, e foi treinar no Olímpico, time do Dr. Elimário Imperial. “Mas com uma dor enorme no coração, porque sou estrelense de corpo e alma”. O tempo longe do Sumaré durou pouco e Raul ainda jogaria no segundo time, com registro de um gol numa partida contra o Cachoeiro.

Num treino entre titulares e reservas, Paulo “Globo” insinuou ao amigo Batata que eles iriam “espanar” a equipe adversária (no futebol, rebater violentamente a bola para assustar o adversário). Seu Zezinho ouviu, não gostou e colocou os dois para fora de campo. Na semana seguinte, Paulo já treinava no Leopoldina, do Seu Baiano. Num amistoso de fim de semana entre os dois times, no campo do Leopoldina, o time anfitrião vence de 1 a 0. “Foi uma glória para mim”, relembra.

Na segunda-feira, quando passava pelo Campo do Estrela para treinar no Leopoldina, Paulo “Globo” é cercado por Seu Zezinho na entrada do estádio. “Tá indo para onde, menino?”, pergunta o mestre, naquele tom manso mas incisivo. “Estou indo pro Leopoldina”, diz o atleta, sem muita convicção. O treinador, seco e curto, ordena: “Vai nada, entra aqui!”

“Entrei no campo numa felicidade danada. Mas já que podia ne-

gociar, pedi: ‘Poxa, o senhor bem que podia me trocar de posição. Eu queria ir para o meio de campo’”. (Paulo sempre era escalado na ponta direita porque tinha as pernas tortas como as de Garrincha, à época, jogador do Botafogo – time de Seu Zezinho). Seu Zezinho fez que sim com a cabeça e o treino seguiu. No domingo, contrariando a vontade do jogador e prevalecendo a autoridade do mestre, Paulo recebeu a camisa 7, a mesma de Garrincha.

A correção também veio para Luiz Carlos de Freitas, o Batata. Em 1958, o jogador Ivênio, titular no meio de campo se atrasou num jogo de domingo contra o Ita, no estádio do Sumaré, devido a compromissos na igreja. Seu Zezinho segurou a camisa até perto de começar o jogo. Até que o zagueiro Mário Braga pediu: “Seu Zé, o homem não vem, dá a camisa pro Batata” – na época, ponta direita do time. Batata entrou e fez os dois gols da vitória, num placar de 2x1. Fez bonito, mereceu elogios e foi eleito craque da rodada por cronistas esportivos.



Luiz Carlos de Freitas, o Batata, aos 11 anos de idade, em 1958, estreando no Infantil do Estrela.

Pensando que estava com a bola toda, o novo titular chega atrasado ao treino de segunda-feira. Seu Zezinho avistou o jogador e lá de dentro do campo gritou “Batata, seu treino já passou!”, demonstrando que não havia nenhum privilégio por conta de ter sobressaído na última partida. “Fiquei injuriado, mas aprendi a lição”, diz o jogador que conquistaria, com Seu Zezinho, os campeonatos de 1958, 1959, 1960, 1961 e 1962.

A falta de vivência no esporte e a imaturidade levaram muitos meninos atletas a questionarem decisões de Seu Zezinho em campo. Numa época de disputa de espaço em programas esportivos de rádios, comandados pelos célebres Ito Coelho, José Américo Mignoni e Hélio Carlos Manhães, ninguém aceitava punição e nem queria ser um anônimo no time. “Os comentaristas falavam muito bem do Infantil do Estrela. Ficamos mimados, achando que Seu Zezinho passaria a mão na cabeça da gente”, resume Batata, que, numa rebelião no time, falsificou a assinatura da mãe, Dona Rita, para treinar no Grêmio Santo Antônio.

Já o irmão de Batata, Marco Aurélio de Freitas, o Lominha, na década de 1960 chegou a ser afastado do Infantil por duas semanas por ter faltado a um jogo contra o Ouro Branco para jogar numa outra partida contra o Juvenil do Cachoeiro, no mesmo dia e horário. “Nos dias de jogos, Seu Zezinho passava bem cedo na minha casa e dava uns toques em minha janela para me despertar. Só que naquela vez fingi não escutar, porque estava escalado para jogar no Sumaré contra o Cachoeiro; fiz dois gols e fui o melhor em campo. Mas, para minha surpresa, ainda assim fui afastado por alguns dias dos treinos do Infantil, pela desobediência, e hoje tento entender a razão: Seu Zezinho tinha aversão às chuteiras, que usávamos no Juvenil. No time dele só se jogava descalço”.

Lominha fez parte desse grupo dos sete aos quinze anos, foi campeão por várias vezes com a camisa oito, ao lado de grandes craques mirins como Lulu, Iran, Denizart, Biscuinha, Elísio, Maizé, Adilson Pretinho, Dailton, Renato França, Edson, Nelmo, Toca, Parrinha, Dedê, Gute, Braizinho, Bidal, Lincoln, Batata, Luiz, Dalvinho, Cassiano, Paulo Globo, Josafá, Doril, Ivênio, Ronaldo, Verly e Cláudio, entre outros.

Outra reprimenda de Seu Zezinho: numa entrevista ao radialista

Hermogênio Volpato, o saudoso Hélio Carlos Manhães – figura importante do futebol, imprensa e política capixabas – contou que chegou atrasado, com outros dois jogadores, num jogo contra o Cachoeiro Futebol Clube. Seu Zezinho olhou de banda para os três e os manteve no banco até o intervalo. Como o Estrela estava perdendo, fez mudanças no time e colocou Hélio e os outros para jogar, virando e vencendo o jogo. Mas não deixou de dar uma bronca nos meninos. “Seu Zezinho é o pai do nosso futebol, ninguém é igual a ele”, diz Hermogênio.

Mas por trás da correção havia também a leve sagacidade na observação do cotidiano dos meninos. Vez ou outra o treinador não levava tão a sério as reclamações dos atletas. “Certa vez Seu Zezinho ouviu de Adail Braga que iria para o time do Cachoeiro, pois lá eles tratavam os jogadores com mais consideração, serviam água gelada aos craques. Adail não foi para o Cachoeiro e Seu Zezinho, ironicamente, de vez em quando, o chamava nos treinos pelo apelido de ‘Água Gelada’”, lembra Josias Torres Machado, que teve rápida passagem pelo Infantil do Estrela, tendo jogado mais tempo no Infantil do Grêmio Santo Antônio e, posteriormente, quando chegou à idade adulta, integrou a equipe principal do Estrela do Norte.

E ai de quem desobedecesse o mestre! Na década de 1940, o time formado por, entre outros, Domingos Cocco, Tim, Pedrinho Pitanga, Camundongo, Laurinho Braga (irmão de Roberto Carlos) e Fred Ramos, foi jogar em Paineiras. Partiram num trem que saía da Praça Pedro Cuevas Júnior e demorava três horas até Marataízes. O grupo ficou hospedado na Pensão do Sr. Cantídio. Antes, porém, fizeram visita à usina de açúcar. Quando estavam a caminho do campo, passaram por uma casa onde uma senhora os chamou e fez a promessa de que daria um litro de licor ao time vencedor. Naquele dia, o Estrelinha, como era chamado o Infantil, enfrentaria o time local, considerado um adversário forte.

Domingos Cocco lembra que o time não se intimidou, ainda mais diante da promessa de um presente. “Vencemos de 2 a 0, estava frio e chovendo e corremos para a casa da tal senhora para tomar o licor prometido”. Acontece que alguém denunciou os meninos e Seu Zezinho

chegou bem na hora em que Pedrinho Pitanga estava de copo na mão. O riso e a alegria deram lugar à irritação do técnico, que gritou “Para, para!” e chamou todo mundo na conversa.

Pensaram que ficaria por isso mesmo. Mas o troco de José Basílio veio na terça-feira, no primeiro treino daquela semana. Quando chegaram ao campo, viram que estava escrito na conhecida tabuleta de avisos do treinador: “Todos que tomaram licor estão suspensos por quinze dias”.

Assim, fica claro que muitas vezes o conhecimento se origina do vivido, e como bem disse Rubem Alves, “é mais terno, pois já compreende a multiplicidade de conexões que estão ali, prontas para nascer, a cada gesto, a cada palavra entre mestre e aprendiz”.

### **No futebol e na vida não se vence sozinho**

É sabido que o velho mestre não gostava de individualismo no time, embora não desencorajasse jogadas criativas com boas finalizações. Mas era preciso aprender a jogar coletivamente, respeitando as posições estabelecidas pelo técnico.

Até final dos anos 1960, o esquema tático adotado pela maioria dos times brasileiro era o 4-2-4 (quatro zagueiros, dois jogadores no meio-campo e quatro atacantes), disseminado no Brasil, em 1957, pelos húngaros Béla Guttmann, Gusztav Sebes e Márton Bukovi. O esquema ganhou sotaque brasileiro com Pelé e Garrincha, sob a batuta de Didi.

Mais adiante, o meio de campo seria fortalecido com o 4-3-3, quando um atacante recuava possibilitando mais tempo de bola e de controle do meio de campo por meio da vantagem numérica. Há quem diga que esse esquema deixa o time recuado, menos ofensivo. Vá lá, Seu Zezinho não gostava de perder e sabia como ninguém estimular o espírito de equipe em seus meninos.

Era comum ouvi-lo dizer em campo: “Passa a bola, menino! Quer ganhar o jogo sozinho?”. Quando isso acontecia, ele parava o treino e advertia o jogador. “Por outro lado, não interferir na criatividade do garoto era uma de suas muitas virtudes. Orientava, sem tolher sua

espontaneidade”, conta José Eduardo Moreira, o Zédu, jogador do Infantil do Estrela de 1960 a 1961. Não sendo titular absoluto, foi jogar no Ita, que, comandado pelo técnico Roberto Cafunga, montou um grande time infantil em 1962. “Chegamos muito perto do imbatível time do Seu Zezinho. Fomos vice-campeões. No Ita, eu fazia o meio de campo, um pouco mais avançado, com Pelé, que era seu apelido em Cachoeiro, e no Rio de Janeiro, jogando pelo Flamengo, passou a ser conhecido por Tinteiro.”

Obsessivo quanto à escalação e o posicionamento dos jogadores em campo, ainda que virassem protagonistas da partida, Seu Zezinho não perdoava deslizes. “Num jogo contra o Fluminense, de Vitória, marquei, como zagueiro, dois gols: um de falta e outro de cabeça, escorando um escanteio. Depois do jogo, Seu Zezinho, que era um treinador à moda antiga, reclamou que eu tinha abandonado minha posição lá atrás, para atacar. A disciplina de Seu Zezinho não acolhia muito a indisciplina dos zagueiros se mandarem para o ataque em busca do gol”, lembra Adilson Lázaro, que começou sua carreira de atleta da bola em torno dos treze anos de idade, no Infantil do Leopoldina, e foi levado ao Infantil do Estrela por seus colegas de ginásio no Pedro Palácios, Wolnir Alcântara (Biscuinha) e Pedro Henrique Marques (Pedro Cacique), que já atuavam no famoso time do Seu Zezinho. Jogou no Estrela até “estourar” a idade para a categoria. Atualmente conduz um programa sobre cultura italiana em uma rádio em Cachoeiro.

### **A liderança pelo exemplo**

Seu Zezinho teve a missão de liderar os meninos do Estrela do Norte. Uma missão, uma escolha que exigia muita responsabilidade e sabedoria. Foi técnico, pai e amigo ao assumir cada equipe. E como se impor diante de garotos em plena forma física, com vontade de vencer, mas sem experiência em campo e na vida? Como mantê-los unidos e, sobretudo, focados no futebol, mantendo-os longe de qualquer perigo?

Estratégia que o velho mestre não precisou aprender nos gramados porque já trouxera consigo o valor de liderar pelo exemplo, mostrando

como fazer, e atuando junto, trazendo-os para perto em cada atividade. As equipes sabiam que tinham responsabilidades e deveres, e viam na presença do líder Zezinho a segurança e a confiança de que estavam fazendo certo. O técnico mostrou a todo tempo que líder que acompanha sua equipe faz parte dela. O famoso ditado “faça o que eu digo e não faça o que eu faço” não era com ele.

“Há duas formas de você conquistar a liderança de um grupo de jogadores: pelo medo ou pelo respeito. A primeira forma um dia pode virar revolta e a segunda, quando conquistada, fica pra sempre. O futebol não tem mais espaço para treinadores gerais. Hoje, o foco está na capacidade de relação interpessoal e no conhecimento de várias disciplinas que valorizam e sustentam o trabalho. Acredito que meu avô tinha um dom, que era ser treinador de futebol, mas acima de tudo era um profundo conhecedor do ser humano”, diz o neto Alexandre Grasseli.

De seu rigor quanto à honestidade da prática esportiva, Cláudio Braconi lembra de uma Corrida Rústica que ele organizava em Cachoeiro. Os corredores partiam da Praça Jerônimo Monteiro, passavam pela rua Bernardo Horta, atravessavam a ponte da Ilha da Luz, retornavam pela Samuel Levy e Pinheiro Júnior, seguiam pela ponte Fernando de Abreu até chegar novamente à Praça Jerônimo Monteiro. Adenildo “Bambu”, adolescente esperto do Morro do Sumaré, escondeu-se atrás do muro da escadaria da Ponte de Ferro, no lado norte da cidade. Esperou que apontasse lá na curva da Samuel Levy, perto do prédio de Seu Darcy Alcântara (pai de Wolmir e Biscuinha), o primeiro corredor. E, então, partindo da Ponte de Ferro, chegou triunfalmente em primeiro lugar. Foi declarado vencedor, recebeu troféu e tirou retrato com Seu Zezinho. Um menino que havia presenciado a manobra fraudulenta denunciou no ouvido do velho mestre a esperteza. “Coitado de Adenildo Bambu. Seu Zezinho cassou-lhe as honrarias, o troféu e ainda passou-lhe um sabão na presença do grande público que prestigiava o evento”, lembra Cláudio, que teve carreira de grande sucesso no futebol capixaba, numa época em que o profissionalismo já existia, mas a remuneração dos jogadores era inexpressiva em relação aos dias de hoje.

Começou muito cedo no Infantil do Seu Zezinho, tendo chegado ao time principal do Estrela entre os quinze e dezesseis anos de idade. Aos 19 anos já era titular do Rio Branco, num período de hegemonia daquele clube na liderança do futebol capixaba. Jogou até aos 28 anos de idade, quando iniciou carreira na área empresarial.

No livro “O líder do futuro”, Peter Drucker diz que líderes precisam saber de quatro coisas simples:

- Líder é alguém que possui seguidores. Algumas pessoas são pensadoras, outros profetas. Os dois papéis são importantes e muito necessários. Mas sem seguidores não podem existir líderes.

- Um líder eficaz não é alguém amado e admirado. É alguém cujos seguidores fazem as coisas certas. Popularidade não é liderança. Resultado, sim.

- Os líderes são bastante visíveis. Portanto, servem de exemplos.

- Liderança não quer dizer posição, privilégio, título ou dinheiro. Significa responsabilidade.

Assim, foi inevitável Seu Zezinho servir de exemplo para seus seguidores. Embora nem sempre suas decisões fossem unanimidade na equipe, a maioria cresceu convencida de que o resultado tinha como base a confiança, a verdade, a compreensão, o comprometimento e a motivação do treinador.

“A liderança pela força não se sustenta. Meu avô conquistava a todos com sua serenidade e tranquilidade, mas, sobretudo, com sua firmeza. Com uma postura assim, como não dar certo?”, indaga o neto Bruno.

A conduta do técnico em campo também era observada pelos adversários. Antônio Volpini jogou contra Seu Zezinho pelo Infantil do Grêmio Santo Agostinho e lembra de como os rivais eram conduzidos por aquele senhor franzino, mas de muita autoridade em campo. “Nunca o ouvi gritar com seus jogadores. Nem mesmo briga entre eles. O Infantil do Estrela era muito organizado, um exemplo para os demais”.

Seu Zezinho sabia que exemplo vem de cima. Assim como o filho imita o pai, seus jogadores também imitariam suas atitudes, fossem boas ou ruins, já que eles o respeitavam e admiravam. Assim, se distanciou

da liderança fria, autoritária e distante – comuns no esporte – e apostou na liderança próxima, simples e sincera. Mas sem jamais perder a autoridade. Foi espelho para aqueles que um dia, quem sabe?, quisessem ocupar aquele posto ou seguir carreira no futebol.

### Enfrente seus medos

Não é fácil começar carreira no futebol. Há ídolos que foram descobertos por Seu Zezinho meio ao acaso, batendo bola perto de casa, e outros que tiveram que passar por provas de fogo: as peneiras. São raras as histórias de jogador que não tenha experimentado essa ansiedade nos primeiros dez anos de vida.

Sempre acompanhados dos pais ou de um responsável, os meninos chegavam inseguros aos treinos de José Basílio, levados pelo sonho de fazer parte da equipe do Infantil do Estrela. A experiência, para alguns traumática, para outros serviu como um sinal de que a verdadeira vocação ainda seria descoberta. O jornalista Robson Sabadini, antes de despontar para o radialismo esportivo, foi levado pelo pai, o saudoso craque Zininho, a um dos treinos de José Basílio. Morador do Sumaré, o menino também sonhava em seguir os passos do pai nos gramados do estádio. Na primeira tentativa, Robson percebeu que seu lugar não era dentro das quatro linhas, mas – descobriria pouco tempo depois – nas cabines de imprensa do Campo do Estrela, na Equipe Mirim da Rádio Cachoeiro, comandada por Hermogênio Volpato.

“Seu Zezinho não fez de mim um jogador, mas me ajudou a descobrir que minha paixão pelo futebol poderia ser utilizada naquilo que melhor sei fazer: o jornalismo. Lembrar de Seu Zezinho é recordar o futebol romântico que, infelizmente, não existe mais. Meu pai, sim, foi cria dele, foi um grande homem e atleta. Seu Zezinho tem participação nisso”, afirma Robson.

O próprio Hermogênio Volpato, ex-treinador do Estrela, que iniciou no futebol no campo da Campanha, com traves ainda feitas de madeira, relata que, embora tivesse a simpatia do treinador, passou pelo Infantil no banco de reservas. “Não era bom de bola, era tático.

Seu Zezinho me chamava nos amistosos e só. Hoje sou comentarista esportivo e sempre ouço elogios de jogadores que dirigi sobre a forma como eu os orientava, sempre com muito respeito. Da mesma forma que aprendi com Seu Zezinho”.

Numa “peneira”, o número de meninos poderia chegar a duzentos, e ser escolhido pelo mestre era uma glória. Conhecido pela sinceridade, Seu Zezinho descartava o jogador assim que percebia falta de habilidade ou medo de cabecear a bola. Um dos testes mais lembrados é aquele em que o treinador lançava a bola com força exigindo que o jogador a cabeceasse. Até aí nada demais. O problema era o peso da bola, na época confeccionada com couro e não raramente costurada, em remendos, várias vezes pelo treinador.

“Houve muitos casos de desistência após a experiência da bola na cabeça”, diz Ricardo Machado, o Cadinho, zagueiro no time campeão de 1981. “Tinha menino que saía chorando e a gente, já esperto nessa prova de fogo, achava graça da situação”.

Para vencer o medo, Seu Zezinho desafiava seus jogadores das mais diversas formas: lançando bola pesada na cabeça dos meninos ou trocando-os de posição, para analisar a capacidade de adaptação dos atletas. “Uma vez, num treino, me recusei a cabecear. Seu Zezinho me chamou e jogou a bola na minha cabeça. Não gostei e fui treinar no Ouro Branco”, relata Marcelo Costa Moreira, apelidado de Pau Puro. Antes, numa outra ocasião, num jogo contra a Seleção da cidade, Seu Zezinho mandou Marcelo marcar Daltinho Machado, jogador bem mais alto e forte. Numa bola dividida, o adversário atropelou o menino do Estrela. No intervalo, Seu Zezinho falou: “Já vi que você não é Pau Puro nada!”. E Marcelo foi substituído.

“Se o jogador já chegasse definindo a posição em que queria jogar, dizendo, por exemplo, que era goleiro, ele naturalmente discordava dizendo: ‘Pois aqui você joga de centroavante’. O ideal era deixar que ele definisse, embora soubesse logo de início qual seria a posição. Ele nos desafiava o tempo todo”, conta Cadinho.

Orlando Gonçalves, médico em Cachoeiro há quarenta anos, era um daqueles meninos que não tinham a menor chance de jogar no

Infantil do Estrela, tamanha sua inaptidão para a prática do nobre esporte. Mas, como todo moleque daquela época, tinha esse sonho. E o alentava tanto que um dia levou seu primo Ronaldo Gonçalves, conhecido como Marreco, para também tentar uma vaga quase impossível, pois Ronaldo conseguia ser ainda mais inapto.

Reza a lenda que Marreco foi a substituição mais rápida já ocorrida no futebol brasileiro. Canhoto que era, foi, ao final do treino, lançado por alguns minutos, na ponta esquerda. Ao primeiro lançamento em profundidade, Marreco disparou como um bólido em direção à bola. Não precisou chegar nela. Antes disso, Seu Zezinho apitou e o mandou sair, falando baixinho: “Esse não sabe nem correr”.

Henrique Mello de Moraes tem histórias de rejeição e vitória no Infantil do Estrela. “Jogávamos bola em qualquer espaço, praticamente todos os dias, quando tínhamos 10, 11, 12 anos de idade. No paralelepípedo da rua, no largo da Matriz de São Pedro, ao lado da Santa Casa de Misericórdia. Eram muitos os meninos, na faixa de 9 a 14 anos: Quinha, Zédu, Guilherme Sotto, Marimbondo, Edinho Munhão, Lincoln, Mauro Perereca, Perácio, Bebeto, Cleber, Fernando Beleco, Dimica, Vagner, Marcos Lozan e Turquinho Assad. Foi nessa época que alguns se interessaram em jogar no Infantil do Seu Zezinho. E fui lá, no Estrela, no início de 1962, me apresentar, me alistar para tentar um lugar no time de Seu Zezinho. Doce ilusão! À época eu não consegui vaga no time titular porque eram muitos os craques como Batata, Zédu, Paulo Tora e outros. De modo que ficava na reserva e acabei desistindo e me dedicando somente às peladas”.

Mas no ano seguinte, 1963, Batata, Paulo Tora e outros foram para o Juvenil. Zédu foi estudar no Rio de Janeiro. Assim, sentindo a oportunidade, Henrique voltou a frequentar os treinos de Seu Zezinho e conseguiu ser titular do time, campeão invicto e artilheiro do campeonato. Era a glória!

“O time era muito bom. Lembro-me de Cláudio Braconi, Adilson, Gonzaga Pão, Ruimar, Maranhão, Pelé, Meneguelli, Sabadini. E eu, sempre bem servido pelos companheiros craques, acabei sendo artilheiro, com sete gols. No ano seguinte, 1964, fui para o Rio estudar

e encerrei minha carreira em virtude do colégio muito exigente e a indisponibilidade de locais para as peladas”.

Os tempos são outros, mas as peneiras continuam as mesmas: exigem preparação física, dedicação do atleta e paixão. O atleta não pode é desistir. Há grandes jogadores que foram rejeitados num clube e acabaram sendo craques em outro lugar. E, como na história de Henrique Moraes, tem quem não passe de primeira.

### **Seja bom de bola e melhor na escola**

“Se quiser ser bom de bola, seja bom na escola”, dizia a plaqueta pendurada na parede do boteco de Seu Zezinho, no Campo do Estrela. Feita de compensado reaproveitado e escrita com sua própria caligrafia, a placa trazia um ensinamento que décadas à frente seria aplicado em escolinhas de futebol do país inteiro.

O pouco estudo fez com que o velho mestre buscasse outras alternativas para ter mais conhecimento. A leitura foi uma delas. Mas, apesar da limitação, José Basílio nunca deixou de escrever, de dar seu recado à equipe ou homenagear um amigo com um bilhete sempre muito cordial.

Ronaldo, filho mais novo de José Basílio, conta que algumas vezes o pai o aguardava chegar em sua casa para mostrar um texto antes de enviá-lo a alguém. “Ele dizia assim: ‘Veja se tem alguma palavra errada e corrija para mim’. Então eu apontava e explicava o que precisava acertar e ele refazia o texto. Ele tinha muita humildade em aprender”.

A partir desse novo olhar sobre a parceria “futebol e escola”, vários clubes e instituições de ensino adotaram projetos que visam valorizar o futebol como instrumento de saúde preventiva e de formação das crianças, ocupando seu tempo ocioso e incentivando o interesse pelo esporte. Ou seja, descobriram o que há décadas Seu Zezinho já pregava: o futebol desenvolve a capacidade física e mental das crianças, amplia a sociabilidade, a cooperação e espírito de equipe entre os atletas, além de desenvolver e incutir valores éticos e diminuir a situação de exclusão e risco social. Criança precisa de espaço e oportunidades para se desenvolver.

## Craque se faz em casa

O jogo é à vera ou à brinca? Se for para valer, tomemos como exemplo um dos objetivos mais latentes em Seu Zezinho: formar profissionais para o time principal do Estrela, jogadores aptos a defender e se destacar com as cores alvinegras.

Estava escrito, em algum lugar do passado, que seria o velho mestre a conduzir meninos descalços – assim exigia que jogassem no Infantil – a marcantes vitórias no Juvenil, no segundo e primeiro times. Seu Zezinho acreditava que o futuro do clube estava nas mãos, ou melhor, nos pés, daqueles meninos. Sabia que havia um longo caminho pela frente, que passava pelo aprendizado e aperfeiçoamento: as categorias de base.

É nos treinos que os meninos atletas começam seu processo de desenvolvimento, que irá possibilitar a exposição a situações que possam explorar seu potencial e desenvolver todos os aspectos de suas capacidades motoras e cognitivas, físicas, mentais e emocionais.

Nessa fase, os fundamentos do esporte devem ser treinados para que se corrijam desde cedo os vícios que jovens atletas acabam desenvolvendo por falta de orientação adequada. “A visão estratégica e humana de Seu Zezinho supera a de grandes clubes com verbas milionárias, mas que não as utilizam para uma boa formação de sua base”, diz Jota Macedo, que começou aos doze anos no meio campo do Infantil chegando até ao profissional do Estrela.

Jota lembra a formação técnica, psicológica e social que recebeu do treinador do Infantil. Da rotina dos treinos com os colegas Carlitinho, Carlinhos, Nenzo, Siloé e Mário. “Era impressionante como aquela fala mansa e humilde era proporcional à sua autoridade. Não podemos confundir autoritarismo com autoridade. Seu Zezinho sempre soube conduzir suas equipes sem alterar o tom de voz”.

No Infantil, o treinador priorizava o coletivo. Formou times disciplinados, aplicados, acostumados a adversidades e a valorizar o espírito de equipe. Formou campeões. “Seu Zezinho nos ensinou a vencer, mas não a qualquer custo. Isso resume bem o futebol brasileiro atualmente:



Paulo Globo, Negreli, Gilmar, Elísio, Lulu, Iran, Mário Braga, Seu Zezinho e Ruimar. Canelinha, Pacaparra, Lominha, Batata, Ronaldo, Dailton, Geraldo Bananinha, Mauricio e Antônio Miguel.

tem treinador que não está preocupado em fazer seu time jogar, mas, sim, em não deixar o adversário jogar.”, lamenta Jota.

“Seu Zezinho sempre apostou na formação do cidadão por meio do futebol. Não era compreendido, às vezes, pelos diretores e presidentes do Estrela, pois via o futebol como centro da sua vida e não como comércio. Ele entendia que na categoria de base poderiam se formar craques e cidadãos com valores e não media esforços para que fosse assim. Quando muitos diziam ‘não’ para ele, ficava bravo e nervoso, mas sempre seguia em frente com uma nova e brilhante ideia, sem nunca desistir”, destaca o neto Alexandre Grasseli.

Mário Braga é um exemplo de sucesso do trabalho de Seu Zezinho. Em sua passagem pelo Infantil do Estrela, foi campeão por cinco vezes. Com apenas dezessete anos, na lateral direita do time titular do Estrela do Norte, enfrentou o temido Botafogo do Rio de Janeiro, naquele fantástico jogo de 7 de setembro de 1961. Marcou, nada menos, que o campeão do mundo Zagalo. Daí em diante sua carreira decolou rumo ao futebol brasileiro. Aos 18 anos de idade já estava no Flamengo, onde esteve por cinco anos e ganhando muitos títulos. Transferiu-se para o

futebol baiano, e posteriormente encerrou sua carreira no América de Natal, também colecionando títulos.

E por que, então, os clubes investem cada vez menos nas categorias de base? Talvez porque seja difícil fazer o simples: valorizar o jogador, investir no potencial individual e coletivo para criar histórico de sucesso e potencializar o clube. Coisas que Seu Zezinho muito bem fez durante mais de seis décadas.

Pensando no custo benefício: quanto custa para um clube gerar talentos? Por quanto podem ser vendidos, se é que serão vendidos, pois talentos geram títulos, que representam retorno financeiro, exposição na mídia, investimentos no clube, e tantos outros benefícios.

O primeiro vício de formação já vem da filosofia do próprio clube, até mesmo dos grandes clubes brasileiros, calcada na importância primordial de conquistar títulos. Isso acontece até mesmo no sub-12, ou seja, nos campeonatos para atletas até doze anos de idade que antecedem o antigo Infantil. Não há, na formação da base, a preocupação com o treinamento dos fundamentos básicos do futebol: passe, colocação, drible, lançamento, cabeceio, êxito nas finalizações. Isso tudo, que é básico na formação de quem já tem algum talento, cede vez à prevalência de outros dados: é necessário ser alto e forte, ter condicionamento físico para superar as deficiências técnicas. O atleta mirim já tem empresário aos dez, doze anos de idade. São paparicados por empresários, treinadores e cartolas e celebrados como craques ainda na adolescência. São estimulados a queimar etapas com promessa de transferência para países estrangeiros, e, portanto, rápido enriquecimento. Hoje, qualquer menino de dezesseis anos que joga um pouquinho mais do que a média não almeja chegar à seleção brasileira – almeja chegar a qualquer time da Europa.

Exatamente ao contrário do que era o padrão de formação de base na época de Seu Zezinho, servindo esse padrão para todo o futebol brasileiro.

Não que Seu Zezinho tivesse descoberto isso; ele apenas seguia o padrão da época, que era a preocupação com o desenvolvimento do imenso potencial criativo do menino-atleta brasileiro. Também contri-

buiu muito para a formação desse caráter criativo, driblador e plástico/estético do futebol brasileiro a existência dos campos de várzea, onde os meninos, livres da amarras dos “ensinamentos técnicos”, podiam exercitar o seu talento de forma brincalhona e irresponsável. Nos campos de várzea é mais importante dar um drible desmoralizante no adversário do que fazer um gol. Essa molecagem saudável foi acabando, à medida também em que os campinhos de várzea foram sendo ocupados pela expansão imobiliária das cidades.

As categorias de base do Estrela formaram craques que, por mais talento natural que tivessem, jamais alcançariam a brilhante passagem pelo time se não tivessem uma formação com mentalidade ética, técnica e vencedora. Seu Zezinho compreendia a importância desses valores para o clube e para a base da formação do atleta, por isso não via o formando como jogador, mas como pessoa a ser ensinada com valores desportivos que garantissem a continuidade e a tradição do Estrela.

### **Tenha bons adversários**

O esporte é, sem dúvida, o melhor aprendizado para a aceitação da derrota, porque ensina o atleta a se levantar depois dela. No futebol, Seu Zezinho gostava de ganhar, mas soube reconhecer o talento e a valentia dos adversários.

“Seu Zezinho sempre dizia: ‘Quer ver o Estrela forte? Basta ter um Cachoeiro forte’”, lembra o radialista Antônio Geraldo, que teve uma rápida passagem pelo Infantil do Estrela como lateral direito e ponta direita. “Ele dizia isso porque sabia que quanto mais forte o adversário, maior seria a dedicação de sua equipe”.

No livro “História e Glória do Futebol Cachoeirense”, Osvaldino Pedro Vieira diz que a rivalidade entre Estrela e Cachoeiro vem de longe. “Há quem diga que ela nasceu antes do primeiro jogo entre os dois clubes, em 1918.”

De fato, o general Zezinho se alimentava de espírito competitivo e se fortalecia diante dos conflitos. Formou equipes vitoriosas, de jogadores por vezes infernais, de fazer seu principal adversário, o Cachoeiro

Futebol Clube, perder o sono. Mas sempre manteve a cordialidade com as equipes que enfrentavam seu time.

O Juvenil do Ouro Branco teve um time imbatível, de 1964 a 1969, com Paulo Caetano como treinador e José Lopes como diretor. Em setembro de 1966, o *Jornal Sete Dias* publicou uma reportagem sobre o tricampeonato do clube com o destaque “Título fez justiça ao melhor – Ouro Branco: tricampeão juvenil”. Paulo Caetano diz que acredita que a publicação tenha motivado Seu Zezinho a lhe escrever uma carta.

“A carta chegou num papel e envelope com timbres do Estrela do Norte Futebol Clube. Seu Zezinho apertou minha mão, me abraçou, fez alguns elogios e saiu como chegou, sem ninguém perceber. Na carta, escrita do próprio punho, ele fez uma comparação com um maestro: ‘Você, com a batuta na mão, levou seus comandados a esse extraordinário feito de tricampeonato juvenil’”, relembra o ex-técnico do Ouro Branco, que atualmente mora nos Estados Unidos.

Por que esse episódio ficou gravado em sua memória? Paulo diz que no futebol de Cachoeiro, naquele tempo, Seu Zezinho era respeitadíssimo, era o mestre, e receber elogios dele era uma honra muito grande. “Comparando com hoje, seria receber elogios do Tite, técnico do Corinthians”.

Outra passagem que mostra o respeito de Seu Zezinho pelos técnicos e dirigentes de outros clubes está numa carta enviada por Irlando Antônio Viana Filho, em 8 de Janeiro de 1987, quando assumia a presidência do Cachoeiro Futebol Clube. Um trecho diz:

“Quero, inicialmente, agradecer os votos que me foram almejados pelo Senhor e as palavras de incentivo e apoio à pessoa do presidente do Cachoeiro Futebol Clube [...] O conteúdo de sua carta veio fortalecer meus ideais e espero não decepcioná-lo; pode crer que tudo farei para promover nosso futebol dentro e fora do Estado e, por que não?, sonhar com um novo título para o Cachoeiro Futebol Clube. Se é verdade que vença o melhor, nosso clube terá condições, pois é pretensão da atual diretoria fazer dele um dos melhores do Espírito Santo.”

O médico Abel Sant’Anna Júnior conta que sempre jogou pelo Basileia contra o time de Seu Zezinho, na época de menino, e que,

mesmo quando seu time tomava um dos melhores jogadores estrelenses – Jorginho Malandrino –, o velho mestre mantinha a cordialidade. “Uma pena não termos mais Zezinhos no futebol. Quanto nossas crianças aprenderiam com mais técnicos como ele”.

Competir em lados opostos não significava para José Basílio desqualificar o opositor. Pelo Infantil, vivenciou jogos duros e campeonatos disputadíssimos, com jogadores de alto nível, porém sempre ensinou que o adversário era apenas adversário, não um inimigo, e que grandes adversários são essenciais para construir nossas próprias vitórias.

### Elogie em público, corrija em particular

A frase “repreende o amigo em segredo e elogia-o em público”, atribuída a Leonardo da Vinci, foi um dos ensinamentos mais perfeitos que Seu Zezinho aplicou em suas equipes. Apesar da relação em campo não passar pela amizade, o mestre sempre soube corrigir sem ofender, e orientar sem humilhar.

Assim relata Romildo Tavares, por dez anos titular do Estrela: “Em 1973, no Juvenil, eu observava Seu Zezinho nos treinos, o jeito carinhoso e respeitoso com que tratava os meninos. Mesmo quando precisava ser mais duro, chamava-os individualmente no campo. Foi uma referência para nós, sem dúvida”.

Ely Fraga, também iniciante no Juvenil, lembra que bastava um simples olhar do treinador para o jogador perceber que a bronca não demoraria. “A gente tinha que fazer o que ele pedia. Se não fizessemos, com certeza ele chamava num canto e, baixinho, dava seu recado. Gostava de disciplina, mas não inibia nem constrangia ninguém”.

O *feedback* positivo em público também acontecia. Mas sempre discretamente, do modo Zezinho de ser, que não soasse como bajulação. “Certa vez, em 1972, após um jogo contra o SAAE, no Campeonato das Indústrias, estávamos no vestiário comemorando o tricampeonato da Escelsa, quando vimos Seu Zezinho entrando com um pastel e um refrigerante nas mãos. Meus colegas brincaram: ‘Olhe o que ele trouxe para nós!’. Seu Zezinho, com aquela sinceridade que sempre lhe foi



Seu Zezinho em festividade do Dia da Criança, no A. C. Ita, tendo ao lado o ex-atleta Murilo Bernabé e seu filho Leandro.

comum, respondeu: 'Para vocês, não, para Murilo que foi o melhor jogador em campo'. Aquele elogio foi melhor que o troféu", relembra o ex-jogador Murilo Bernabé.

Um simples lanche fez crescer ainda mais a admiração da equipe por Seu Zezinho. Murilo se tornaria, tempos depois, diretor do Atlético Clube Ita, um dos clubes rivais do Infantil do Estrela, onde o velho mestre seria convidado de honra em todas as festividades do Dia das Crianças. "Ele participou de todos os eventos para os quais o convidamos, sempre com aquela humildade que escondia o maior desportista de todos os tempos na história do futebol capixaba".

### **Aceite as decisões de seu líder**

O cotidiano dos profissionais da bola não é fácil como muitos imaginam. Para ser treinador de futebol é preciso ter conhecimentos técnicos, táticos, físicos, fisiológicos, médicos, psicológicos, nutricionais, pedagógicos, sociais, comportamentais, políticos, econômicos entre outros requisitos. Além disso, exercer uma liderança eficiente e motivar seus atletas a todo momento.

Ser questionado faz parte do trabalho do técnico. Ele precisa estar próximo da direção, da torcida e da imprensa e saber dar respostas convincentes, que neutralizem rumores entre os atletas. Decidir escalação, a estratégia de jogo, quem fica e quem sai na partida, são atitudes que devem ser assumidas por alguém preparado e que assuma o resultado, seja ele favorável ou não. O modelo de organização não mudou muito do tempo de Seu Zezinho para cá. Sempre haverá embates entre técnico e jogador, técnico e dirigentes, dirigentes e torcida, torcida e imprensa.

O grande impasse talvez continue o mesmo: a desautorização dos técnicos diante da equipe. Algo inimaginável para Seu Zezinho, com quem o time aprendeu a vê-lo como centro da autoridade. A ordem era jogar descalço porque acreditava que o jogador "sentia" a bola, tinha contato direto com ela; depois, tinha o aquecimento em campo, que nada mais era que motivá-los no trabalho em equipe na limpeza do estádio; nas partidas em outros campos dentro da cidade, seguiam

todos a pé atrás dele e em ordem absoluta; as notas na escola tinham que corresponder ao mesmo bom desempenho em campo; jogador tinha que aceitar ser escalado em qualquer posição para ajudar o grupo; não admitia atrasos, faltas e nem desrespeito aos colegas e adversários. Apoiar sempre o time, mesmo não concordando com as convocações feitas pelo treinador, é um desafio desde sempre.

Maurício Coelho dos Santos, que começou a frequentar o Sumaré aos seis anos, conta que não era nada fácil aceitar certas regras de Seu Zezinho; por isso os rompimentos eram tão comuns quanto passageiros. “A gente brigava, sim. Não aceitávamos imposições dele, sempre rígido, às vezes até inflexível. Daí, íamos treinar em outros times da cidade. Mas sempre voltávamos para o Estrela e ele sempre nos recebia de volta.”

O tão comum “o mestre mandou, mas não é bem assim” nunca funcionou com o velho mestre. Para Seu Zezinho, se o técnico ordenou, o jogador tinha que obedecer. “Jogador desobediente perdia lugar, não tinha vez no time”, diz o médico Gastão Coelho, que teve rápida passagem pelo Infantil. “O rigor que tanto nos incomodava na época se traduziu na boa formação de muitos médicos, engenheiros, empresários, professores, enfim, diferentes profissionais que hoje são exemplares em suas profissões”.

A famosa régua que media a altura dos jogadores, que não podiam ultrapassar a 1,65 metro, causou muitas discordâncias nos campeonatos organizados por Seu Zezinho. Na época, não existia Liga Desportiva. Ele defendia que as disputas não poderiam ser por idade e sim por tamanho, pois se criava uma “desvantagem” sobre o adversário. Assim, antes do jogo, quem não estivesse dentro da margem estabelecida, estava fora.

Joacyr Pinto, então com 14 anos, jogava pelo time da Rua Moreira. Numa partida contra o Infantil do Estrela foi impedido de participar porque já estava com 1,67 metro. “Fiquei numa tristeza danada, achei injusto. Acompanhei o jogo do lado de fora, gritando, tentando motivar meus colegas”, lembra Joa, que se tornaria um dos mais fiéis parceiros de José Basílio na imprensa cachoeirense.

Na década de 1950, com a Liga Desportiva já criada, o time da rua

Moreira também chegou ao campeonato. A pedido de Joacyr Pinto, Newton Braga escreveu uma de suas mais célebres crônicas, intitulando Seu Zezinho como “Fazedor de Craques”.

Também houve quem concordasse com a regra do jogo, como o ex-jogador e vizinho de Seu Zezinho no Sumaré, Domingos Cocco. “Ele estava certo, porque existiam meninos de mais idade que eram pequenos e outros de menor idade que eram mais altos. Seu Zezinho colocava pra jogar por tamanho, não por idade. Achava justo”, defende.

Assim, a “Unidade Métrica Seu Zezinho” prevaleceu por um tempo e, concordando ou não, os times se organizaram e competiram dentro dela. Diz a lenda que muitos meninos tentavam se encolher debaixo da régua para não perder a chance de jogar contra o Infantil do Estrela.

### **Faça amigos dentro e fora de campo**

Dadá Maravilha, um dos maiores artilheiros do país, disse certa vez, em entrevista, que o futebol é um universo maravilhoso, que faz as pessoas se aproximarem, multiplicarem amigos e ensina a amar e respeitar o próximo. Carismático e sempre com uma frase de efeito, como “com Dadá em campo não há placar em branco”, o ex-centroavante fez carreira como jogador e treinador, depois como comentarista esportivo.

As amizades sempre tiveram espaço dentro das quatro linhas. Porém, o ambiente competitivo, de profissionalismo e de trocas constantes de clubes que tanto atrapalham vínculos mais afetivos entre seus companheiros também faz surgir grandes amizades, como as que começaram no Sumaré a partir da paixão pelo Infantil de Seu Zezinho. Vínculos que se iniciaram na infância e perduram até os dias de hoje entre lembranças e histórias.

Em 1980, ex-jogadores do Estrela formaram um grupo que se reuniria uma vez por ano no Estádio do Sumaré para um jogo entre veteranos, onde hoje se reúnem para jogar bola, relembrar momentos passados e, num gesto de preservação da memória do clube, prestar homenagens àqueles que fizeram história no Estrela, entre eles José Basílio de Souza.

“Os iluminados Feijão, Kiko, Gonzaga e Paulo “Globo” organizaram o primeiro jogo de Master do Estrela, de ex-jogadores que moravam em Cachoeiro contra os que moravam fora. Completamos 35 anos desse jogo de pura amizade. Não tenho conhecimento de que exista outro clube no Brasil que faça esse encontro durante todo esse tempo”, relata Batata, que atualmente organiza o evento junto de Paulo “Globo”, Rizzo, Sargento, Murilo, entre outros.

Nesse tempo, o grupo já prestou muitas homenagens, tais como às famílias dos jogadores Gonzaga, Feijão, Zininho, Fabiano Bueno e a outros nomes importantes do clube como Jurandir, Geraldo Cerqueira, Kiko, Batata, Paulo “Globo” e Alcenir, além das famílias de Deusdedit Baptista e Newton Braga.

Desde 1990, ano da morte do ídolo maior dos veteranos, o mestre Zezinho, o grupo já perdeu dezenas de desportistas. O Master já jogou em Brasília, Santa Catarina, Minas Gerais. Nesse tempo, entre uma partida e outra, o grupo se organizou para também ajudar entidades filantrópicas na cidade, a partir de doações arrecadadas nos eventos: Asilo João XXIII, Lar Adelson Moreira, Grupo Beneficente Princesa do Sul, Lar Nina Arueira, Santa Casa, Centro Espírita Pedro da Rocha Costa, Centro Espírita Jerônimo Ribeiro, Cento Espírita Maria Paula Brandão, Capela Nossa Senhora da Penha e Associação Damas de Caridade já receberam significativas doações provenientes dessas ações.

Esse belo exemplo pode-se dizer que também veio do velho mestre Zezinho, que durante seu tempo no Sumaré teve a sabedoria de olhar ao redor, perceber a necessidade de pessoas e entidades sociais. Em frente ao campo, viu ser erguido o Hospital Infantil Francisco de Assis, fundada pela Mocidade Espírita, por quem o treinador tinha muito respeito.

Uma das ações do treinador em favor do hospital ocorreu em 1987, durante a construção do Centro de Terapia Intensiva (CTI), importante setor que ajudaria na recuperação e na salvação de muitas crianças, inclusive vindas de outras cidades. Seu Zezinho realizou um torneio infantil com toda a arrecadação para as obras do novo setor e depois mobilizou o clube e teve o apoio do presidente à época, Solimar Cagnin, na doação de quinze por cento do valor de cada ingresso

## É sempre bom recordar

Newton Braga

Joacyr Pinto, que conheci no juvenil da crônica esportiva da cidade e joga hoje na seleção local, me pede uma colaboração sobre o Estrela do Norte Futebol Clube. O assunto global é imenso: o Estrela foi todo um pedaço grande da minha vida. E, aqui de longe, é-me grato saber de suas vitórias, amarga-me suas derrotas. Como falar, pois, do Estrela numa rota sucinta?

Falo de Zezinho. E não é isto falar do Estrela?

Certo que é. Às vezes as pessoas se confundem com o seu meio. Não sei imaginar o Correio do Sul sem Hélio Ramos, o Grupo Bernardino Monteiro sem João Pinheiro, o Correio sem o Casemiro, Comissão de Finanças sem Quincas Leão, o Ita sem Darci Alcântara, Liceu sem o Deusdedit. Estrela do Norte e José Basílio de Souza: onde acaba um e começa o outro?

Pela madrugada era entregador de pão à freguesia certa do Álvaro Dâmaso. O resto do dia era em função do Estrela que vivia – que vive até hoje. Varria, cortava a grama, ajeitava um buraco na cerca, cuidava do material do clube e dos jogadores, tomava conta do bar. Pequeno, quieto, humilde, apagado.

De uns trinta anos para cá, entretanto, raro o jogador de futebol de Cachoeiro que não lhe deve alguma coisa de disciplina, de técnica, de amor ao seu clube. Os moleques mais incontroláveis iam se sucedendo nas ruas, nos colégios, nos cinemas – pais, polícia, professores não conseguiam, com reprimendas e castigos, o que Zezinho obtinha a um apito e uma ordem breve no comando de suas equipes infantis e juvenis. O homenzinho descalço, franzino, miúdo, calado, modelava-os à sua maneira, impunha-lhes o senso de horário, do esforço, o sentido de equipe, a noção de responsabilidade.

Tem tido um título – além de tantos e tantos de técnico campeão absoluto: fazedor de craques.

Sim: Zezinho fez craques e mais craques que empolgaram multidões. Mas não fez apenas craques: fez homens.

Revista Sete Dias – Novembro/1957

15 DE AGOSTO DE 1987 7 DIAS PÁGINA 5

## CAMPANHA DO C. T. I. DO HOSPITAL INFANTIL Ganha Ajuda Também do Estrela do Norte

Primeiro por iniciativa do velho e querido José Basílio de Souza - "Seu" Zezinho - dia que promovemos ao matinal do último domingo, no estádio de Sumaré, um torneio de futebol infantil com toda sua arrecadação sendo destinada em favor da obra de construção do C. T. I. do Hospital Infantil "Francisco de Assis". E numa bela atitude, também associando-se na bonita campanha, o presidente Solimar Cagnin, do Estrela do Norte F. C., decidiu oferecer 15% a cada ingresso vendido pelas integrantes da campanha para o jogo amistoso de 6 de setembro, entre Estrela e América do Rio, em favor do início das obras do C. T. I. E o apoio que também se junta nesta arrojada caminhada, passando também a prestar sua colaboração em favor da saúde de nossas crianças. No flagrante, José Basílio de Souza e o presidente Solimar Cagnin, acompanhados de alguns integrantes da campanha em favor do C. T. I., o casal Conquistador-Teddy Osman, a jovem Graça e uma das maio-

ras belistas desta jornada, Jandira Pinheiro, ela que não tem hora nem local para prestar sua colaboração, estando sempre presente e fazendo de tudo em favor de nossas crianças. (Foto de Joazez).



vendido durante amistoso entre o Estrela do Norte e o América do Rio de Janeiro. A partida ocorreu no dia 6 de setembro, um domingo. O *Journal Sete Dias* fez o registro da entrega da doação à entidade.

Jandira Pinheiro, voluntária por mais de quarenta anos no hospital, presidia a entidade nesse tempo e conta que Seu Zezinho era muito solidário e sensível a todas as causas que envolvessem as crianças. "Ele viu a necessidade e se ofereceu para ajudar. Dias depois oficializou a entrega do valor, que muito ajudou na construção do C.T.I.", lembra a ex-presidente.

Anos antes, Seu Zezinho receberia uma carta da Sociedade São Vicente de Paulo, assinada pelo presidente Sílvio Mothé e pelo secretário Francisco Penedo, agradecendo donativos recebidos para o Albergue Noturno João XXIII e para a Vila Vicentina. O documento não especifica o tipo de doação, se em dinheiro ou alimentos ou outros produtos. Menciona apenas "um donativo substancial, produto da dedicação e benevolência" do doador.

Em 1984, Seu Zezinho também já realizara outra partida de futebol com o Infantil do Estrela do Norte, dessa vez para beneficiar o Lar Jerônimo Ribeiro. Décio de Oliveira Silva, diretor administrativo da entidade, fez os agradecimentos por meio de carta datada de 8 de dezembro, em que o gesto do treinador é destacado como "nobre e dignificante" por toda a diretoria. A doação foi no valor Cr\$78.200,00.

Destal vir a Billa  
as crianças

**Lar "Jerônimo Ribeiro"**

"Para de Caridade não  
há indignação"

ALLAN KARGUE

INSTITUIÇÃO ESPÍRITA CRISTÁ PARA MENINOS ORFÃOS E POBRES  
RECONHECIDA DE LITURGIA MUNICIPAL, ESTADUAL E FEDERAL  
FUNDADA POR ZEZINHO DE SOUZA EM 25 DE DEZEMBRO DE 1963

CEP 22.200 CACHOEIRO DE ITAPEIRIM CAIXA POSTAL, 204 FONE 322-0000 ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Of. LJR/049/84 Cachoeiro de Itapeirim, 08 de dezembro de 1984.

EXMº SR.  
JOSÉ BASÍLIO DE SOUZA  
N-STA

Prezados Senhores

Formulamos a presente para comunicar ao ilustre amigo das crianças do Lar "Jerônimo Ribeiro", que a Diretoria reuniu extraordinariamente para tratar de diversos assuntos, e na pauta deixar registrado em ata o voto de agradecimento a V.Sa., pelo gesto tão nobre e dignificante pela brilhante idéia em marcar uma partida de futebol com a escolhinha do Estrela, cuja renda seria uma parte revertida ao Lar "Jerônimo Ribeiro".

Assim é que, aproveitamos a oportunidade para acusar o recebimento da importância de Cr\$ 78.200 (setenta e oito mil, e duzentos cruzeiros), cujo recibo fazemos anexar.

Ratificamos nesta oportunidade, os nossos mais ardentes votos de agradecimentos, esperando que o amigo possa ser iluminado para que atitudes como esta, sejam repetidas em favor de outras entidades de igual ideal, para a glória de todos nós.

Receba pois nosso abraço fraternal, extensivo a todos os seus familiares.

Atenciosamente,  
*Décio de Oliveira Silva*  
DÉCIO DE OLIVEIRA SILVA  
1º DIRETOR ADMINISTRATIVO.

Seu Zezinho também conquistou a credibilidade e confiança de muitos comerciantes, industriais e homens públicos de Cachoeiro, que ajudaram o Infantil do Estrela, em várias ocasiões, entre eles os empresários José Guilherme Lima, Camilo Cola (através do seu funcionário Bertholdo de Oliveira Netto), Hilário Mucelini, Antônio Alves Pinto, José Onofre Lopes, Seu Carletti, "Tia" com o seu caminhão, o empreiteiro Esdras "Vavá" e os agentes públicos Juarez Tavares Matta, José Carlos Amaral, Braz Zagotto e José Tasso de Andrade, entre tantos

outros que estiveram sempre disponíveis para atender aos apelos do Mestre, sempre em favor da promoção do esporte.

Quem também foi importante nos anos finais de vitalidade física de Seu Zezinho para comandar o Infantil do Estrela foi o comerciante José Madella, que o auxiliou durante os últimos anos de comando do mestre, chegando mesmo a treinar e a se ocupar de todos os afazeres próprios de direção do futebol infantil, já por conta da fragilidade e do peso dos anos de Seu Zezinho; afinal, ele já estava com mais de 80 anos de idade.

Que Seu Zezinho era a companhia perfeita quando o assunto era futebol, todo mundo sabia. Simplesmente porque ele respirava futebol. Mas o que pouca gente sabe é o quanto sua generosidade foi muito além dos muros do Sumaré. O futebol lhe proporcionou grandes amigos, que o ajudaram não somente a cuidar do Estrela do Norte, do estádio e de suas crianças, mas também em diversas boas ações de igual ou maior importância para outras entidades. Seu Zezinho levou o futebol a sério e tudo mais que o esporte agrega, como, por exemplo, a solidariedade.

### Cuide da memória de seu clube

Não há como contar a história de Cachoeiro de Itapemirim sem fazer referência aos dois maiores clubes da cidade: o Estrela do Norte e o Cachoeiro Futebol Clube. O Estrela foi a razão de vida de José Basílio de Souza. Como escreveu Newton Braga, não se sabia onde acabava um e começava o outro.

Afinal, dos cem anos do clube, Seu Zezinho viveu e escreveu sessenta anos dessa história. Participou de etapas importantes da construção do campo, arquibancadas e vestiários, assistiu a partidas inesquecíveis contra times nacionais, viu gols, vitórias e derrotas de parar o coração da torcida. Nesse tempo, o ritual era sempre o mesmo: cuidar do campo e treinar meninos.

Em sua casa, na rua Carlos Silva, no Sumaré, a família ainda guarda memórias de um tempo de glórias: troféus, flâmulas, fotografias e muitas histórias. A família lembra que nos dias de jogos o treinador tinha um



Estante com troféus conquistados pelo Infantil do Estrela durante o tempo em que foi dirigido por Seu Zezinho. Ainda permanece na Sala de Troféus, em sua casa.



ritual: amarrar fogos de artifício na grade da janela em frente ao campo, enquanto ouvia o hino do clube. Depois seguia para o campo, onde passaria boa parte da partida no seu bar, atendendo aos torcedores.

O acervo de Seu Zezinho reúne importante material histórico sobre o Estrela, desde sua fundação. Era considerado um guardador da memória do lugar onde tantas vezes ergueu taças e comemorou títulos. Nas categorias de base, seu último título foi em 1982, no Campeonato Sulino de Juniores. O Estrela do Norte conquistaria o título mais duas

vezes no Capixaba de Juniores, em 1991 e em 2004; duas vezes no Sulino Juvenil, em 1996 e em 1997; e uma vez no Sulino de Infantil, em 1997.

No primeiro time, o título mais perseguido, no Campeonato Estadual, só veio em 2014, após 98 anos de espera. O alvinegro garantiu o título numa vitória de 1 a 0 sobre o Linhares, no jogo de volta das finais, no Estádio Eugênio Bitti, em Aracruz. O gol do título saiu aos 21 minutos com o atacante Geraldo, que terminou a competição como artilheiro, com 11 gols marcados. Uma conquista inédita, que Seu Zezinho não teve a oportunidade de ver.

Porém, assim como todos aqueles que de alguma forma se envolveram com os antigos times de Cachoeiro de Itapemirim, como Seu Zezinho no Estrela, torna-se cada vez mais importante que o município tenha espaços e cuidados específicos dedicados a essas importantes histórias do futebol cachoeirense.

### Forme novos líderes no futebol

Ídolo do Estrela do Norte e ícone de uma geração do futebol cachoeirense, Seu Zezinho soube, como poucos, manter a unidade das equipes e incentivar a autoconfiança e o espírito de liderança entre seus atletas. E como ninguém é chamado de mestre por acaso, foi seu exemplo de líder que lhe rendeu crédito, respeito e admiração.

Existem dois tipos de líderes: aqueles com as características inatas de liderança e aqueles que podem ter essas habilidades desenvolvidas. Não é para todo mundo, mas a maioria dos requisitos pode ser ensinada, desde saber comandar até praticar a inteligência emocional.

Mike Carson, no livro “Os Campeões”, lembra que no coração da liderança reside a habilidade de inspirar pessoas. “Ouvimos discursos inflamados e o brado da torcida, que podem nos convencer de que inspiração está intrinsecamente relacionada com motivar as grandes multidões. Certamente, essa é uma parte importante. Mas, na sua base, a liderança que inspira começa no indivíduo. Os líderes apenas são líderes se tiverem seguidores, e os verdadeiros seguidores são inspirados em grande parte pela conexão interpessoal.”

O autor cita o líder sul-africano Nelson Mandela, que sempre lidou muito bem com as multidões. Mas quem o conhecesse pessoalmente, perceberia claramente que se estava diante de uma grandeza. Assim, na simplicidade de sua vida, inspirou muitos seguidores apaixonados pelos mesmos ideais.

No futebol, os jogadores representam a verdadeira liderança de seu técnico, pois um jogador inspirado pode elevar um time. “Exemplo disso foi David Beckham no jogo pela Inglaterra contra a Grécia, nas eliminatórias da Copa do Mundo em 2001: seu talento sublime e sua energia inesgotável foram decisivos na medida em que ele cobria cada centímetro do campo, de uma goleira a outra, desesperado pela vitória, servindo de grande inspiração aos seus companheiros. O indivíduo é a força vital da equipe”, diz Mike Carson.

Seu Zezinho motivava sua equipe com sua própria motivação. Era o primeiro a chegar ao campo todos os dias, sempre com a mesma disposição, concentrando-se no trabalho a ser realizado e enfrentando a conhecida saga da falta de recursos para o esporte. Todos os líderes vivenciam a pressão, e no futebol não é diferente.

Todavia, sabia da importância de reter talentos que muitas vezes ele mesmo criara. Era preciso fazer mais que um bom trabalho de forma individual e depois coletiva. Teria que manter o foco daqueles meninos na paixão e no crescimento como pessoas e atletas e motivar outros atletas a fazer parte do time.

“Eu queria ser campeão. Falei para seu Zezinho que queria uma vaga no time, mesmo sabendo que o elenco estava fechado, e havia muitos craques de grande valor. Um dia apareceu a oportunidade de jogar como centroavante, entrei e aproveitei a chance”, relata José Jorge Fabiano, o Tinteiro.

Uma vaga no time de Seu Zezinho era sonho de muitos meninos. Mas o mestre tinha sonhos ainda maiores para eles, o sonho de vê-los bem-sucedidos, líderes de sucesso no futebol ou em qualquer outra área de atuação e vencedores apesar dos desafios, das decisões difíceis e de uma vida muitas vezes no anonimato, mas de grande valor e aprendizado como cidadãos de bem.

COM 8 ANOS EU COMECEI  
A DAR, OS PRIMEIROS  
EM BOLA FEITA DE MEIA  
PATIO DO ANGO CAM  
DA TETRELA

capítulo 10





## O ídolo Zezinho

O futebol é um fenômeno que desperta interesse de pesquisadores no mundo inteiro e o fascínio de jogadores, técnicos, equipes, torcidas e mídia, capaz de marcar e mudar a histórias das pessoas, como meninos de infância pobre que viraram ídolos de clubes nacionais e internacionais, jogando nas quatro linhas ou comandando equipes como técnicos. A imagem dos ídolos alimentou sonhos de gerações apaixonadas pelo jogo, pela competição e, sobretudo, pela vitória.

A palavra ídolo vem do grego *eidólon* e significa imagem. No futebol, essa imagem é estabelecida pela importância dos feitos do atleta. Está ligada ao tempo cotidiano, à construção da imagem no dia a dia em campo, batalha após batalha, jogo após jogo, num período duradouro na história de um clube.

Numa sociedade em que vencer é o que importa, não é de se admirar que muitos ídolos sejam esquecidos com o passar do tempo. Não Seu Zezinho, mitologizado por seu modelo de vida, por atletas e pela torcida estrelense. Se os jogadores se destacaram pelos feitos em campo – Batata, Pedrinho Pitanga, Raynor, Pacaparra, Nerinho, Elias Apolinário, Mimica, Pedrinho, Adilson Caetano, Itim, Jurandir, Alcenir, Lico, Geraldinho Cerqueira, Ciro, Denizart, Osvaldino, Kiko, Noquinha, Cláudio Braconi –, com suas jogadas geniais e inesquecíveis, o velho mestre demonstrou inteira devoção ao Estrela. Além de realizar um

excelente trabalho como treinador, numa época de poucos recursos tecnológicos e midiáticos, Seu Zezinho exercitou em suas equipes os ideais de amor e de fidelidade ao clube.

“Independentemente de cor partidária ou de time, para todos os amantes do futebol, Seu Zezinho foi mito e lenda. Nunca ouvi, nem de times adversários, torcedor ou dirigente, ninguém que ousasse criticar a alma dedicada do professor dos pés das crianças ou do homem fazedor de homens. Quando se falava em aprender a jogar futebol, a garotada só entendia haver um caminho: passar pela escolinha do mestre em preto e branco. Se anjos têm filhos, estão agora aprendendo a bater um bolão com este ícone cachoeirense, de corpo franzino e de espírito imaculado”, afirma Jackson Rangel Vieira, ex-dirigente do Cachoeiro.

O ex-jogador e estudioso do futebol Osvaldino Pedro Vieira não foi pupilo de José Basílio, e só o conheceu no início da década de 1960, mas afirma que o mestre do Estrela é um dos maiores treinadores e educadores na formação de jovens em todos os tempos. “Grandes homens como Seu Zezinho não morrem, pois nascem para a eternidade”.

Defender as cores do Estrela por mais de sessenta anos ajudou a cimentar a lenda, o mito. Não apenas de um treinador cercado de sucesso e glória, mas de um homem simples, autêntico e de valores inquestionáveis. O mito Zezinho, para muitos, transcende sua obra e a própria história do clube, alimenta o imaginário da torcida que ainda vê, na figura frágil, humilde, vestida tradicionalmente de calça social dobrada, camisa de botões e chinelo de dedo, o exemplo de um grande líder que o tempo não apagou.

“Seu Zezinho me lembra Gandhi na estatura, na fragilidade e na pureza de caráter. Se compararmos fotos dos dois, veremos pessoas frágeis, mas que deixaram mensagens de valor imensurável. Frases de Gandhi pronunciadas há mais de setenta anos têm o mesmo peso, importância, até hoje. O mesmo acontece com Seu Zezinho: sua mensagem nunca será apagada”, compara Romildo Tavares, ex-jogador do Estrela nas décadas de 1960 e 1970.

Mahatma Gandhi foi um líder espiritual e pacifista indiano e uma das principais figuras no processo de independência da Índia. Era con-

tra a violência, defendendo as formas pacíficas de protesto como um meio de revolução. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (*satya*) e não-violência (*ahimsa*).

“Com aquele jeito calmo, de pouco riso e palavras, Seu Zezinho conseguia atrair os olhares e o interesse das administrações na realização de obras importantes e urgentes no estádio. Assim aconteceu quando fui prefeito e nas demais gestões. Ele chegava ao meu gabinete com bilhete na mão, escrito por ele mesmo, sempre pedindo algo para o clube. Nunca pedia nada para ele”, relembra Roberto Valadão, ex-prefeito de Cachoeiro.

Apesar de jamais ter sido agente público, político ou representar qualquer entidade que não fosse o Estrela, Seu Zezinho conseguia juntar lideranças antagônicas nos eventos do clube e nas festas em sua casa. Para ele, o Estrela devia estar acima de qualquer divergência política.

“Meu avô comemorava todos seus aniversários com a família e com os amigos no quintal de casa. Todos os convidados, embora fossem adversários políticos, eram tratados de igual forma”, frisa a neta Andressa.

Toda essa admiração por Seu Zezinho fez com que seus ensinamentos fossem imitados de forma simbólica por seus liderados. Ainda que o velho mestre não tenha alcançado as facilidades tecnológicas do século XXI (os tira-teimas e câmeras instaladas no uniforme do árbitro da partida), sua leitura do jogo, que passava por uma seleção do olhar, inspira até hoje profissionais da área esportiva. A presença de um ídolo como seu Zezinho na infância reforça a importância dessas figuras na formação de caráter de futuros profissionais, líderes e chefes de família.

“Seu Zezinho foi meu treinador, meu amigo, meu segundo pai. Eu nasci e cresci no Sumaré e o tenho como uma de minhas principais referências de infância. Certa vez, num jogo em Mimoso do Sul, houve uma confusão no final da partida e alguém disse que iria bater num dos meninos. Seu Zezinho cresceu um metro e disse assim: ‘Para bater num menino meu tem que bater em mim primeiro!’. Ninguém bateu e ninguém apanhou. Ele nos protegia de tudo, e o que ficou dessa história foi a amizade que ele proporcionou ao Veteranos do

Estrela, grupo que completa 35 anos, e que começou pelas mãos de Seu Zezinho”, diz César Fiel.

Júlio Ferrari, atualmente presidente da Câmara Municipal de Cachoeiro, também treinou no Infantil, por quase quatro anos e afirma que o treinador marcou sua infância. “Para mim foi uma honra muito grande ter um treinador como ele. Eu era goleiro. Eu me lembro que todos os atletas do Seu Zezinho tinham que jogar com a cabeça erguida. Nada de olhar pra baixo. Isso era para o toque da bola sair melhor. Aprendi muito com ele. Foi um professor da bola, da moral e da ética”.

Seguir os mesmos caminhos, admirar e respeitar, porém, não significa ser igual ao ídolo. Por vezes, ao contrário, comportamentos conspiratórios dos atletas deixaram transparecer a falta de afinidade com as decisões de Seu Zezinho.

Como mitos não foram criados para serem explicados e muitas verdades vão de encontro ao caminho da mitificação, fica claro que nem toda memória interessa àqueles que decidem tornar mitológica ou não a trajetória de alguém.

Eliane Brum, no livro “Meus Desacontecimentos”, revela: “Entender rápido demais pode ser um perigo, já que tudo pode significar – ou não significar coisa alguma. O passado só existe a partir de um narrador no presente, que é tanto um decifrador quanto um criador de sentidos”.

Seu Zezinho foi uma figura pública – embora não buscasse essa condição – que viveu na contramão daqueles que buscam estar em permanente evidência. Não buscou a perfeição e sim a correção, na mais tenra idade, no início dos sonhos de meninos, na paixão de cada um de defender o time do coração. Não prometeu glórias aos seus atletas, mas mudança de vida, que para garotos significava compromisso com horários, com os colegas e com o treinador.

Até mesmo a rigidez do mestre, tão incômoda quando se tem dez, doze anos, foi dando lugar, ao longo do tempo, à compreensão de que não se faz bons discípulos sem a devida correção. Sim, era um treinador exigente demais com os meninos, desde a conduta em campo até em casa, na escola, na rua. Não abria mão para nenhum deles, nem mesmo o neto Alexandre, quando passou pelo time.

“Não havia regalias, preferência qualquer porque eu era seu neto. Corrigia, punia da mesma forma. Eu era inquieto e temperamental, mas ele teve comigo a mesma paciência que tinha com os demais.”

Tornar-se um mito no esporte, principalmente como técnico de futebol, é um caminho pessoal e não depende necessariamente de conhecimento, como provou Seu Zezinho, e sim de escolhas e estratégias na construção da história. Até mesmo o que pode ser considerado defeito, pode ser um diferencial, porque “cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”, como escreveu Clarice Lispector.



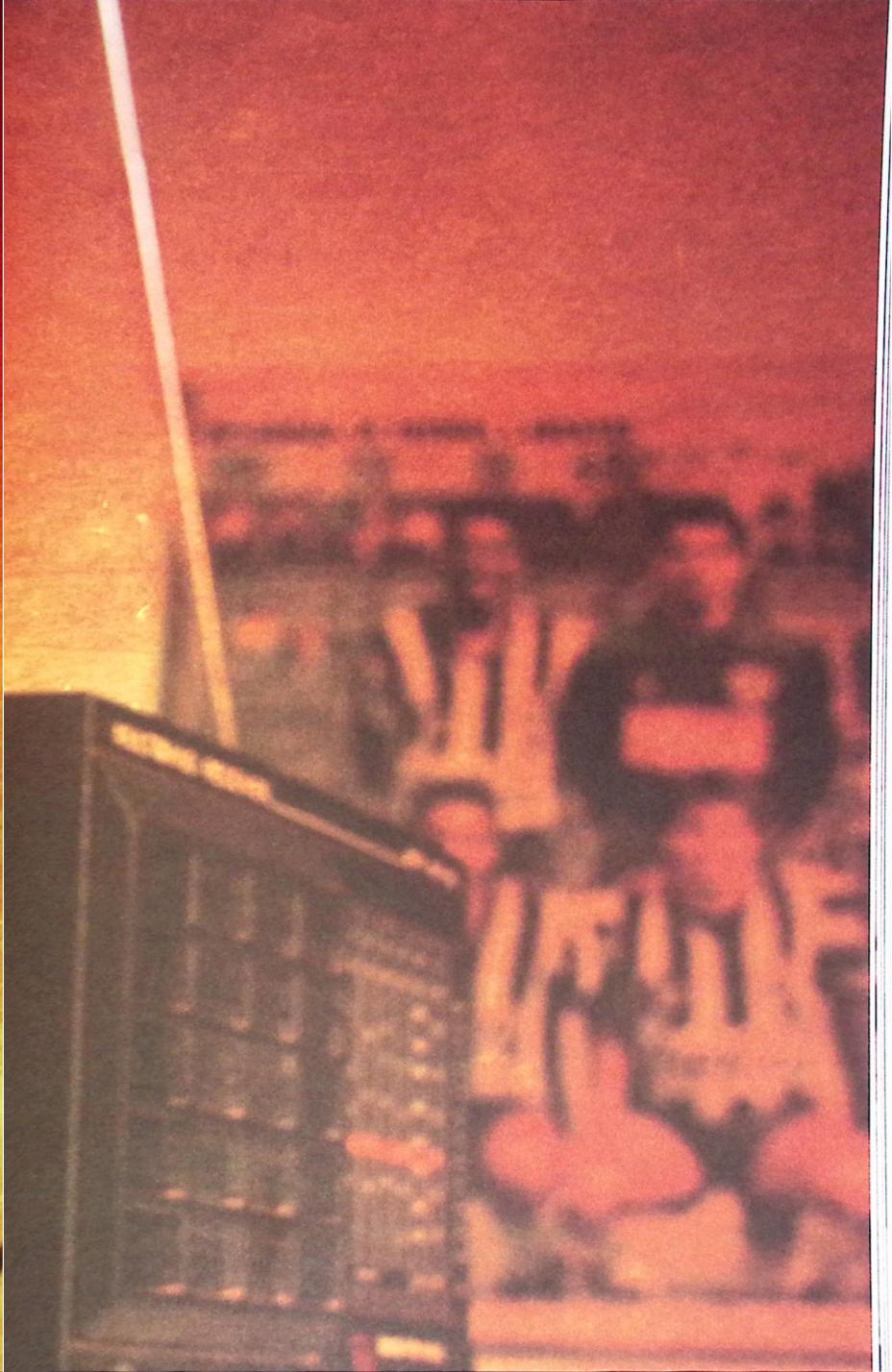
“Seu” Zezinho ao lado do Prefeito Municipal. Valadão está sempre presente às iniciativas de José Basílio de Souza e, na prefeitura, quando recebe sua visita, faz com que as portas da municipalidade sejam de imediato abertas para o maior patrimônio de nosso esporte. São dois grandes amigos.

(Foto de Joarez - 05/11/88)

Legenda extraída da revista Sete Dias



*capítulol1*



Numa rara entrevista a Hermogênio Volpato, num intervalo de uma partida contra o Grêmio, no campo do Santo Agostinho, o treinador destacou alguns desses desafios, ainda comuns nas categorias de base:

*Sr. Zezinho, o senhor tem seis décadas no Estrela. Qual foi o melhor jogador que passou lá nas bandas do Sumaré?*

O melhor jogador que passou pelo Sumaré foi Raynor de Brito. Morava em Cachoeira Grande.

*Como ele jogava?*

Ele jogava em qualquer posição, meia esquerda, meia direita, e o irmão dele era ponta direita, chamava Donato de Brito. Muito bom jogador.

*Em que época ele jogou no Estrela?*

É, agora tá difícil. Porque tá difícil distinguir a data porque não recordo muito não, mas tem muitos anos.

*Como o senhor compara o futebol de antigamente com o de hoje? Naquela época, quando fui jogador do Estrela do Norte, ficava até difícil para tirar dois times. Eu mesmo fiquei muitas vezes sentado no banquinho esperando o final do treino para ganhar uma vaga. E agora? A garotada chega como chegava antes? Que diferença tem de ontem pra hoje?*

Ah! Mudou muito, professor! Mudou muito mesmo. Não parece nunca ser o futebol do passado. Naquela ocasião você marcava o treino para sete horas, quando era “seis e pouca” o campo estava cheio de jogador. Hoje há dificuldade para marcar para oito ou nove horas, não vem nem a metade.

*Então o senhor acha que houve uma diferença. Mas por que houve essa diferença?*

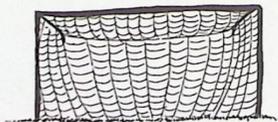
Essa diferença eu não posso explicar direito porque os elementos não tão com aquela vontade de jogar conforme antigamente.

*Está faltando apoio Senhor Zezinho? Por que o senhor faz o futebol praticamente aqui sozinho, com ajuda da Nely, sua filha, e do Verly, mas eu sinto que a direção do Estrela não chega junto.*

Você está certo, porque, antigamente, quando eu levava, chamava o time pra treinar ou para jogar, a diretoria do Estrela estava toda em peso na arquibancada assistindo o treino.

*Por que era dali que saíam os craques do futuro?*

Era dali que saíam os craques. Ali tinha homens da marca de Jairo Campos, Newton Braga, tudo isso fazia parte da direção.



## Unanimidade na imprensa

A relação entre técnico de futebol e imprensa é sempre uma corda bamba, passando por momentos bons quando o time vai bem e por momentos complicados quando o time vai mal. No futebol, o treinador precisa se habituar às críticas e estar preparado para, depois de um resultado, responder à imprensa com convicção e respeito.

Vimos até aqui que Seu Zezinho foi um treinador de poucas palavras. Preciso nas respostas, econômico nas explicações, mas muito cordial com a imprensa, o mestre fez grandes amizades numa época em que o rádio era o ator principal das transmissões. De perfil reservado, pouquíssimas vezes deu entrevistas. “Em todo o tempo de convivência em campo, consegui entrevistar Seu Zezinho apenas duas vezes”, diz o radialista Carlos Damasceno. Ele treinou no Infantil aos quatorze anos e aos dezessete iniciou carreira como radialista esportivo na Rádio Cachoeiro, apadrinhado por Clivaldo Miranda.

Cachoeiro de coração, mas influenciado pelo pai Alvinho Damasceno, estrelense roxo, Carlos lembra que a amizade com José Basílio começou no tempo de menino. “Ele sabia que eu torcia para o Cachoeiro, mas ainda assim me levou para o Estrela. Foi meu treinador, me ensinou muito, mas em pouco tempo vi que minha área era outra. No rádio, aprofundamos a amizade”.

Dailton Dessaune também tem história com Seu Zezinho muito

antes de se tornar respeitado nome pelas rádios *Cachoeiro*, *Difusora*, *Diocesana*, *Tribuna AM* e *Litorânea*. Começou depois das peladas na rua Pinheiro Júnior e na praça Gil Goulart, no bairro Independência. Quando menino, quis jogar no Infantil de Seu Zezinho, mas encontrou resistências em casa porque os pais e praticamente toda a família eram torcedores do Cachoeiro.

Insistente, Seu Zezinho não deixou escapar o futuro ponta esquerda e, mais tarde, lateral esquerdo do time. “Ele apareceu na minha casa numa noite chuvosa para falar com meu pai. Lembro que ele gritou lá do portão: ‘Está faltando jogador no Estrela, preciso do Dailton!’ Meu pai fez que não ia deixar, mas minha mãe interveio. No outro dia cheguei no Sumaré antes de Seu Zezinho, para treinar. Não poderia imaginar que já adulto continuaríamos essa convivência no futebol”, diz Dailton.

Elyan Peçanha começou na adolescência na *Rádio Cachoeiro*, como aprendiz da equipe de Hélio Carlos Manhães, Oswaldo Amorim, Sabrina Abdalla e Solimar Cagnin, quando passou a frequentar o Sumaré para as transmissões dos jogos.

“Não fui pupilo de futebol de Seu Zezinho. Bem que queria ser como Bolão, Batata, Mauricinho e tantos mais, mas me orgulho de, pelo menos uma vez, ter jogado pelo infantil do Jabaquara ao lado do, hoje também colega de rádio, Hermogênio, sob o comando do esforçado Macário Volpato. Uma vez num amistoso no gramado do Sumaré, contra o time de Seu Zezinho, levamos uma goleada histórica de oito pra lá. Não saí triste do campo; ao contrário, saí orgulhoso, pois tive a chance de jogar contra a famosa equipe-escola do mestre alvinegro.”

Para Elyan, que seguiu carreira no jornalismo, o aprendizado com o velho mestre foi além das quatro linhas, fazendo com que seu exemplo motivasse todos à sua volta com ideais de boa conduta, carisma, respeito e paciência. “Não tenho dúvidas de que tudo isso me deu oportunidade de ocupar os microfones de diversas emissoras de Cachoeiro com mais sabedoria. Acompanhei boa parte da trajetória dele, que tem uma marca inesquecível na vida do Estrela do Norte”.

Esse foi um período bom, de consolidação do futebol como o

principal esporte para os brasileiros, que teve o rádio como um dos pilares de sua difusão. Como os torcedores tinham dificuldade de ir aos estádios e acompanhar de perto as partidas, as emissoras investiam em equipes de comentaristas, narradores e repórteres nas transmissões ao vivo para os ouvintes. Num tempo em que os campeonatos ferviam no Sumaré, disputavam espaço nas cabines José Américo, Hélio Carlos Manhães, Hermogênio Volpato, Elyan Peçanha, Carlos Damasceno, Dailton Dessaune, José Cláudio Magalhães, Luiz Carlos Santana. Essas vozes narraram e comentaram jogadas inesquecíveis que fizeram a arquibancada tremer, e gols de parar o coração dos estrelenses.

E mesmo na imparcialidade que o jornalismo esportivo deve ter, era impossível não se envolver nas dificuldades que o futebol sempre enfrentou. Seu Zezinho fez muitos parceiros na imprensa, sempre com o objetivo de promover seu time e incentivar as crianças no esporte. “Seu amor e dedicação pelo Estrela é algo insuperável. Quem teve o privilégio de ser treinado e educado por ele nunca vai esquecer seus ensinamentos”, diz o jornalista e radialista Wiliam Lima.



## Entrevista de Helena Carone

Do livro “Newton Braga, Cachoeirense Ausente”  
Edição comemorativa do centenário de nascimento

*Seu Zezinho, o que o senhor poderia contar sobre Newton?*

Primeiro o que todo mundo já sabe: que foi o fundador da Festa de Cachoeiro, depois que foi jogador do Estrela. Presidente do Estrela, bom jogador, bom educador, bom companheiro.

*Há quantos anos o senhor está no Estrela?*

Há 65 anos. Sempre treinei as crianças. O Newton Braga mesmo treinou o time de adulto. Parou de jogar e treinou.

*Contam que ele era bruto no campo.*

Nada disso; quem falou, mentiu. Ele era até muito técnico, jogava direitinho. Não era um assombro, mas jogava direitinho, e era um educador dos companheiros dentro do campo. Às vezes, um companheiro querendo aprontar alguma coisa, o Newton ia, falava com ele.

*Me contaram até o caso de um chute que ele deu...*

Ora, não pode ser verdade, não podem falar isso. Eu o conheci aqui no campo e nunca vi nada disso, ele dizia assim: quem falasse do Estrela e não falasse do Seu Zezinho não tinha falado do Estrela, e quem tivesse falado no seu Zezinho e não tivesse falado no Estrela, não tinha falado no seu Zezinho.

*Quer dizer que o senhor não acha que ele foi violento no campo?*

Quem falar isso eu não vou dizer que está mentindo porque é falta de educação, mas não é verdade. Ele era um sujeito até muito distinto, tinha até muita classe para jogar.

*Como era o estilo dele em campo?*

A classe dele era o seguinte: ele jogava com Elias Apolinário, o atacante vinha com a bola, ele levava o peito à frente e espantava.

*Então era mesmo violento? O pessoal tinha era medo dele...*

Não, ele fazia por graça. Uma vez o atacante veio, ele entrou de peito e o cara foi por trás dele e fez o gol. Aí, ele virou pro Elias. “Ô crioulo, você não agarra a bola, não?”. O Elias: “Você mete o peito no homem, larga e ainda quer que eu pegue?”

*Olha, eu estou achando que o senhor gostava era muito dele, mas não está parecendo que ele era um bom jogador, não.*

Não vou dizer que ele era um craque, mas jogava, sim. Tanto que jogava no primeiro quadro. E era inteligente para o futebol. Quando ele foi presidente do Estrela, nessa época que teve a Liga, eu ia a Mimoso levar os meninos para jogar, ele quis ir comigo. Eu falei: “Eu vou num caminhão velho”. Ele disse: “Não faz mal, vou assim mesmo”. Chegando lá, ele tratou com o Independente e o Ipiranga de Mimoso, depois com dois times de Alegre, dois de Muqui, dois de Castelo e montou um campeonato aqui com nove clubes. Isso aqui encheu de gente. E o Cachoeiro ficou de fora, na Liga. Ele era muito inteligente, chegava e ficava ali embaixo no bar, encostadinho. Um sujeito muito modesto.

*Ele jogou aqui por quanto tempo?*

Uns quatro ou cinco anos. Ele era beque, naquele tempo dizia beque, jogava dentro da área.

*Quem era o companheiro dele naquela época?*

O Elias Apolinário era o goleiro dele, um preto velho que estava sempre no campo. Elias, Carlos Portinho, esses eram companheiros de equipe. Ele disputou campeonato e tudo.

*E por que deixou o futebol?*

A idade chegou, foi diminuindo a bola. E ele foi obrigado a deixar.

*Ele era bom treinador?*

Servia.

*E as molecagens de campo, o senhor tem alguma coisa a contar? Ele fazia brincadeiras com os colegas?*

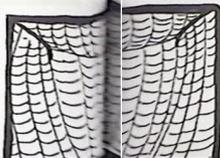
Não fazia. Era meio sério, çaçoava, assim, mas não era de brincadeira, não. Conversava pouco. Chegava no boteco, encostava, tomava uma biritazinha e depois ia treinar. Perguntava: “Como é que vai, Zé?”. Eu respondia: “Como é que tá isso aí?”. “Tá bom”. E só. Tem uma taça de um campeonato que teve aqui e deram o nome dele. Tá gravado aqui: “Estrela do Norte Futebol Clube – 1963-1965”.

*Ele gostava de beber uma caninha. Isso não atrapalhava o jogo?*

Que o quê! Não atrapalhava nada. Aquele era um sujeito especial, o Newton Braga.

*O senhor também ficava no boteco?*

Ficava... O boteco era meu.





## A vida tem dessas coisas

Joel Pinto

Quatro dias, ainda os ponteiros não tinham dado sete horas e o Zé Basílio de Souza dava bom dia à minha senhora, perguntando por mim. Foi do Morro da Palha até a rua Moreira, vencendo a distância necessária de um convite amigo: queria que eu me incorporasse à delegação do Infantil do Estrela que foi ao Rio enfrentar o seu homônimo de Vila Izabel, no dia 7 de setembro, como jornalista.

Zé Basílio, você é uma coisa rara. Tão rara, tão difícil, tão extraordinária que eu me sinto pequenino diante de sua humildade. E, olhe, Zé Basílio, você é dessas criaturas que chegam ao estrelato, alcançam a glória e o reconhecimento público usando o mesmo boné, ensinando os mesmos garotos a chutar a bola, enfrentando as mesmas dificuldades de sua profissão de padeiro.

Não fossem as dificuldades, meu amigo, praticamente intransponíveis, eu seria, com prazer, o jornalista de sua delegação. Honrado como nunca, reconhecido o meu esforço em procurar cultivar a sua amizade, galardão supremo de quem como eu não faço do jornalismo um trampolim para nenhum objetivo político, mas olho os pequenos, os humildes como eu sou, daquela forma, meu amigo, daquela maneira que faz com que você e eu, eu e você, você padeiro e técnico de futebol, eu um simples cronista, sejamos um só coração na fraternidade, uma só alma conjugando o verbo bom da amizade, o verbo que só tem o indicativo presente, aquele indicativo da sinceridade, da ternura, da afetividade.

E como é tão difícil a gente ver o reconhecimento dos atos! Como é difícil a gente constatar que ainda há no reino encantado dos humildes a compreensão! Você, Zé Basílio, com seu convite não me elevou pela honra de ser um simples jornalista, mas pela lembrança do trabalho que eu tenho procurado realizar por minha, por nossa terra. E sempre que possível, o Seu Zezinho do esporte mirim é focalizado numa página, é reconhecido numa crônica, recebe algumas palavras por prêmio à sua dedicação na causa esportiva. Pena que o bom desportista não seja encontrado todos os dias. Pena que outros Zé Basílio não ocorram todos os dias, levando a criança para o meio do campo e exigindo amor pela camisa do Estrela e aplicação nos estudos, a consciência e respeito paterno e respeito aos mais velhos, simbolizando a sua presença de mestre. Mestre que os cabelos brancos simbolizam toda uma epopeia de luta, de trabalho e de abnegação.

Faço questão de considerar este fato, meu amigo. Faço questão de registrar o seu convite e considerá-lo muito além de uma simples honra, mas algo mais, uma espécie de prêmio e uma prova de reconhecimento a este labor de escrever e de pugnar, de lutar e de protestar, de ser útil aos que necessitam, de ser honesto para os que merecem, de ser inconveniente para os errados, de ser presença sempre que as necessidades e os interesses do povo reclamem pela ação de um seu porta-voz, de um defensor de suas causas.

Receba o meu abraço e votos de felicidades.

Meus votos, votos dedicados a um desportista inigualável, a um pai sereno e diligente que já tem um filho estudando engenharia, simplesmente amassando pão levando-o ao forno, sendo padeiro, mas sendo sobretudo um pai, um esteio, uma força permanente a serviço da educação dos filhos e da manutenção da família.

Obrigado, velho amigo. Infelizmente, se não o atendi pelas dificuldades, o considero pela sinceridade.

No mais, pensando bem, a vida tem dessas coisas.





# Ordem do Mérito Domingos Martins



Criada pela Resolução nº 1300 de outubro de 1984

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, Sr. Estrela Geral da Ordem do Mérito Domingos Martins, de acordo com a Resolução nº 1300 de 10 de novembro de 1984, mandou inscrever na Ordem do Mérito conforme preceitua o artigo 4º da Resolução nº 1391 de 17 de novembro de 1984, que regulamenta a Ordem, o Dr. José

Basilio de Souza, Cavaleiro. Para constar, concedendo-lhe o grau de Cavaleiro. Para constar, eu, Ronaldo Lopes, Chanceler da Ordem, determinei a expedição do presente diploma nos termos do artigo 7º do Regulamento que foi passado, selado e registrado sob o nº 1523/89 na Secretaria da Ordem do Mérito Domingos Martins, na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo.

## Flávio Domingos Martins

30.08.89

Sr. Estrela Geral da Ordem

Chanceler

Secretário da Guarda dos Selos



## Ídolo consagrado

Na história do futebol brasileiro muitos ídolos foram enterrados e esquecidos, mesmo tendo escrito capítulos importantes de superações e vitórias nos clubes. Há muitos nomes que gerações inteiras jamais conhecerão, pela falta de quem cuide da memória desses ídolos.

Rodrigo Taves e Cláudio Nogueira lembram, no livro “Os dez mais do Vasco da Gama”, de Edvaldo Izídio Neto, o Vavá, o Peito de Aço, um excelente centroavante na década de 1950, que depois de carreira gloriosa como artilheiro implacável e destruidor de defesas adversárias jogando pelo Vasco, de jogar pela Seleção Brasileira e de dirigir a Portuguesa, o São Cristóvão, o Madureira e o Bangu, morreu esquecido e em grandes dificuldades financeiras, mas “conformado com a tradição do futebol brasileiro que, diferentemente do europeu, sempre preferiu não dar atenção a sua história”.

Ruy Castro destaca, no seu “O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo”, a importância da convivência dos “meninos infernais”, nas escolinhas do clube, com os treinadores antigos ídolos rubro-negros que depois de aposentar as chuteiras, continuaram trabalhando pelo clube. Homens como Galo, Flávio Costa, Newton Canegal, Bria, Jaime de Almeida, Zizinho, Joel, Dida, Evaristo, Zagallo, Walter Miraglia, Joubert, Carpeggiani, Junior e muitos outros. “A presença deles na Gávea era a presença da história. Dava, por exemplo,

a um menino que estivesse se revelando nos juvenis, a consciência de que, antes dele, já se jogou grande futebol no Flamengo – mesmo que esse grande jogador seja agora aquele senhor alquebrado que ele vê no clube, jogando buraco com os idosos. Mas as fotos nas paredes estão lá para provar: entre os Flamengos de outros tempos, com seus calções fora de moda e camisas de cadarços, vê-se aquele velho quando jovem – de faixa de campeão no peito. No Flamengo, os garotos deveriam sentir-se, desde cedo, responsáveis pelo passado. Há uma tradição a ser continuada”.

Tradição que o futebol capixaba também precisa manter, seja por meio do poder público, da iniciativa privada, de associações ou de torcedores de forma organizada.

“Um museu, ou se preferir um Baluarte de Imagens, e diversos outros acervos, é vital não unicamente para o nosso balípedo. É também para a História, para a glória e por todas as vitórias – as esportivas, as cívicas e as familiares. Rubem Braga, Sérgio Sampaio ou José Basílio de Souza concordariam em fundar um Museu do Futebol? Acredito que sim, e igualmente a escrever uma nova História”, questiona Vinícius Muline dos Santos, professor de História, secretário adjunto do Instituto Geográfico do Espírito Santo e membro da Associação de Cronistas Esportivos Capixabas.

Vinicius defende que os times, atletas e personagens do Futebol Espírito-santense sejam itinerantes: no museu, nos livros e residentes no imaginário das próximas gerações. “Dois mil e dezesseis é um ano ímpar: o da centésima edição do campeonato espírito-santense de futebol e do centenário da fundação do Estrela do Norte Futebol Clube. Em tais circunstâncias, o merecimento de um museu esportivo aumenta. Como compreender a importância das fotografias? A melhor resposta está na ida ao museu mais próximo da sua residência.”

Torcedor do Rio Branco, o professor indica quais seriam figuradamente, os coliseus do Ludopédio Capixaba. “Na Região Metropolitana da Grande Vitória, o primeiro Estádio Kleber Andrade. No sul do estado, o Mário Monteiro, de epíteto Sumaré. Uma agremiação de 100 anos, na ausência de um baluarte de imagens, tem a sua história

preservada por seus torcedores alvinegros. Os vivos falam. Os ausentes e respectivos familiares são possuidores de um legado significativo: fotografias, vestimentas, bandeiras, sorrisos e lágrimas”.

Enquanto a criação de um museu que abrigue a história do futebol capixaba ainda é um sonho para torcedores e guardadores de memórias, há iniciativas que merecem destaque. Em 2007, Seu Zezinho foi eternizado em busto de bronze no Estádio do Sumaré. O projeto recebeu apoio de diferentes segmentos e patrocínio de Theodorico de Assis Ferraço. A inauguração ocorreu nas festividades da cidade.

“A ideia foi minha, de Paulo Globo, Cláudio Braconi e Ademir Félix. O busto é para ninguém esquecer da imagem e da importância de Seu Zezinho para a cidade. Levamos mais de seis anos para fazer o busto, produzido pelo artesão Adilson Ferreira, de Cachoeiro. Ficou sendo o ponto de encontro dos ex-atletas e visitantes”, conta Luiz Carlos de Freitas, o Batata.

Conta-se que o busto teve que mudar de local por orientação da diretoria, que decidiu colocá-lo de frente para o campo, livre das grades que o protegiam. O curioso é que essa mudança ocorreu pouco antes da boa campanha que deu ao Estrela do Norte o campeonato de 2014. “Coincidência ou não, o busto dentro do campo deu sorte ao time”, diz Adilson Conti, atual presidente do Estrela.

Na Câmara Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, foi criada, em 2009, a Comenda José Basílio de Souza, de autoria do vereador David Lóss, para homenagear atletas que despontaram no cenário esportivo da cidade.

“Por mais que se homenageie Seu Zezinho, nunca será suficiente, devido à sua importância para a cidade e para o futebol capixaba. Ele pensava grande, queria o melhor para as crianças e para o Estrela”, justifica David.

Entre os desportistas já homenageados com a comenda estão Jair Bala, Fabiano Bueno, João Cardoso, Alcenir e Alexandre Grasseli.

Uma agremiação carnavalesca homenageou o Estrela com o enredo “Estrela do Norte, Magia que me faz sonhar”, com letra de Jonil Calixto: “Estrela no céu a brilhar, magia que/ Me faz sonhar seu

Zezinho que emoção ser/ Estrelense deixou nossa gente e foi morar/ Numa constelação e sua lembrança renova a/ Esperança desse time campeão”.

Entre todas as homenagens em vida, a que teve um significado especial – não por ser mais importante que as outras, mas a que conseguiu reunir maior número de familiares, amigos, admiradores e autoridades da época – foi, sem dúvida, a Comenda de Ordem do Mérito Domingos Martins, no Grau de Cavaleiro, indicada pelo então deputado estadual Luiz Carlos Santana, seu amigo e conterrâneo.

A solenidade ocorreu no dia 30 de agosto de 1989, um ano antes de sua morte. O mais interessante dessa passagem na vida de Seu Zezinho foi a ansiedade em torno do evento. Conta-se na família que houve uma grande preparação para essa homenagem, que incluía inclusive uma mudança de vestimenta, que pudesse causar melhor impressão aos demais homenageados e convidados. Seu Zezinho, todos sabiam, frequentava todos os lugares vestido da mesma forma: calça e blusa dobrados e chinelo de dedo. Como convencê-lo a entrar num terno, ou num paletó mais modesto que fosse, para fazer bonito na Assembleia Legislativa? Compraram *blazer*, camisa nova de botão e até um sapato.

Apesar das interpelações da família, não houve jeito. Seu Zezinho foi vestido de Seu Zezinho. “Meu avô disse: ‘Não estou sendo homenageado pelo que sou? Então vou do jeito que sou!’”, conta o neto Ronaldo Souza Guimarães, com quatorze anos na época.

E, assim, no dia 30 de agosto de 1989, José Basílio de Souza virou comendador. Na solenidade, Luiz Carlos Santana, o deputado propoente, conta aos convidados um pouco da história do homenageado, que à época já somava 66 anos de serviços prestados ao Estrela do Norte, quando todos devem ter compreendido o porquê de homenagear o maior patrimônio do esporte cachoeirense. “Foi a primeira vez que vi meu avô chorar. Penso que ficou comovido com as palavras de Luiz Carlos e com a presença da família e de tantas autoridades e amigos que o aplaudiam de pé”, lembra o neto Ronaldo.

Na edição de 15 de setembro, a revista *Sete Dias*, de Joacyr Pinto, publicou a cobertura do evento em que Seu Zezinho aparece ao lado

dos também homenageados Dr. Waldemar Mendes de Andrade e Carlos Alberto Marão e dos amigos Cabo Taveira e Jamil Moysés.

Ao longo das décadas de dedicação ao clube, Seu Zezinho seria homenageado por diversas instituições. Em 1971: Honra ao Mérito pela Associação de Futebol Infanto-Juvenil Sul Capixaba, localizada em Castelo; 1975: Título Honorário dos esportes capixabas, pela Federação Desportiva Espiritossantense; 1975: Título de Amizade Maçônica, pela Loja Maçônica Fraternidade e Luz; 1995: calçada localizada à rua Estrela do Norte, que liga o Hospital Infantil à Praça Gilberto Machado, denominada pelo prefeito José Tasso de Andrade como “Calçada José Basílio de Souza”; além de quadra poliesportiva no bairro BNH e rua no bairro Sumaré, que levam seu nome. Em 1999, a Equipe Tradição da *Rádio Diocesana* e a *Folha do Espírito Santo* entregam o troféu “Deusdedit Baptista” a Dona Filinha, em homenagem ao saudoso Seu Zezinho.



Quadra Poliesportiva no bairro BNH, homenagem ao grande desportista capixaba José Basílio de Souza, o Seu Zezinho.





## Seu Zezinho, o Desportista do Século

Luiz Carlos Santana

Quando era deputado estadual tive a oportunidade de homenagear o Seu Zezinho com a Comenda de Ordem Cavaleiro, uma alta insígnia com que a Assembleia homenageia homens dessa terra que muito fizeram para o engrandecimento do nosso Estado.

O nosso amigo Joacyr Pinto, em seu jornal *Sete Dias*, sempre publica sobre o brilhante trabalho realizado pelo Seu Zezinho na formação esportiva, educacional dos nossos jovens da época.

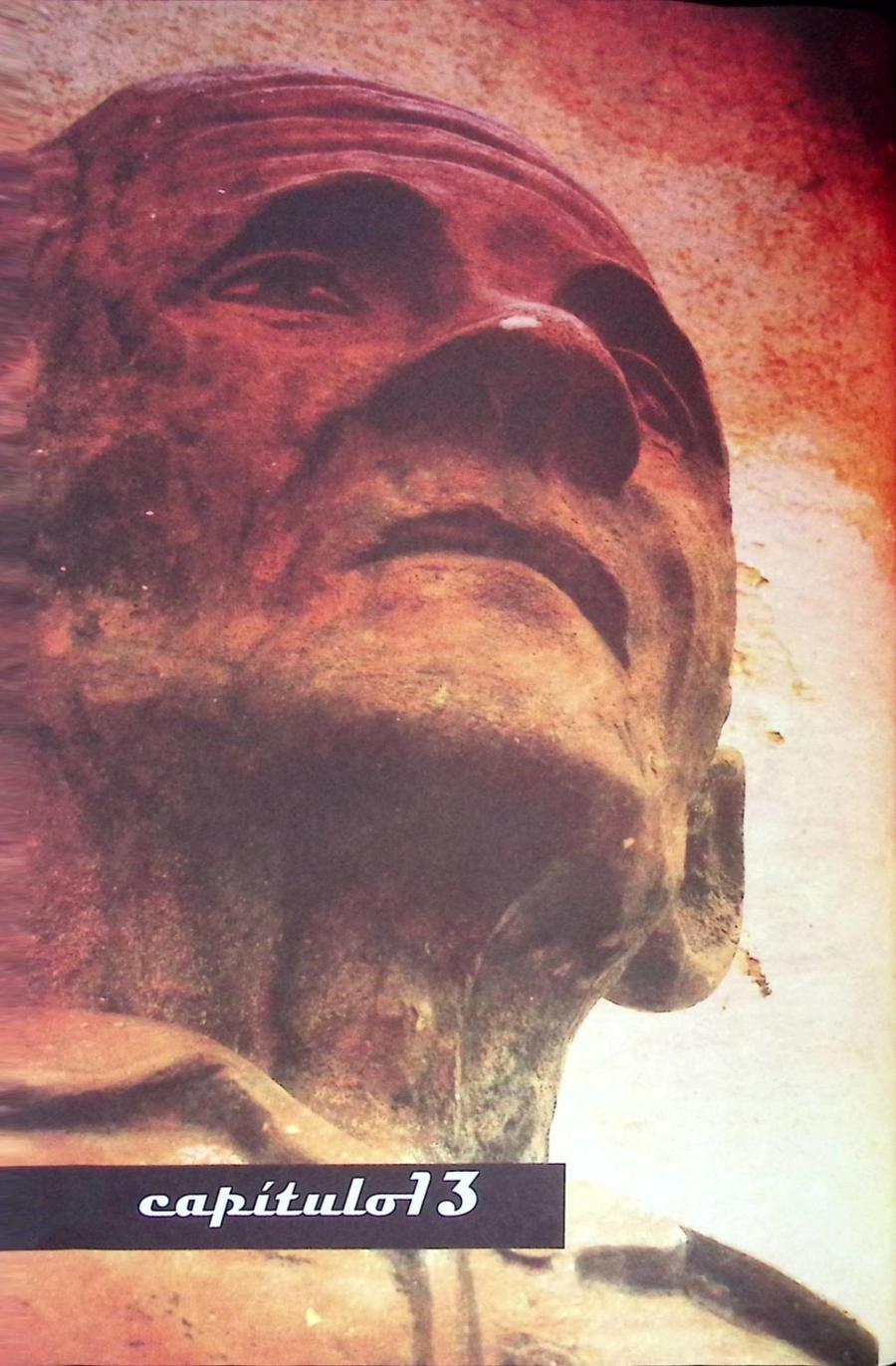
Para este comentarista que durante um período chegou a pegar no gol do infantil do Seu Zezinho, sempre afirmei de que o esporte de Cachoeiro é muito agradecido a este homem correto, simples e de coração gracioso – na intimidade – é um homem e tanto.

Seu Zezinho, nome lembrado em todos os momentos do futebol capixaba, o seu coração não cabia no gigante de Sumaré que ele viveu eternamente, desde a construção do antigo Campo do Estrela onde hoje é o Liceu, até a do Sumaré, sempre com sua enxada, ou agachado catando tiririca no campo de jogo.

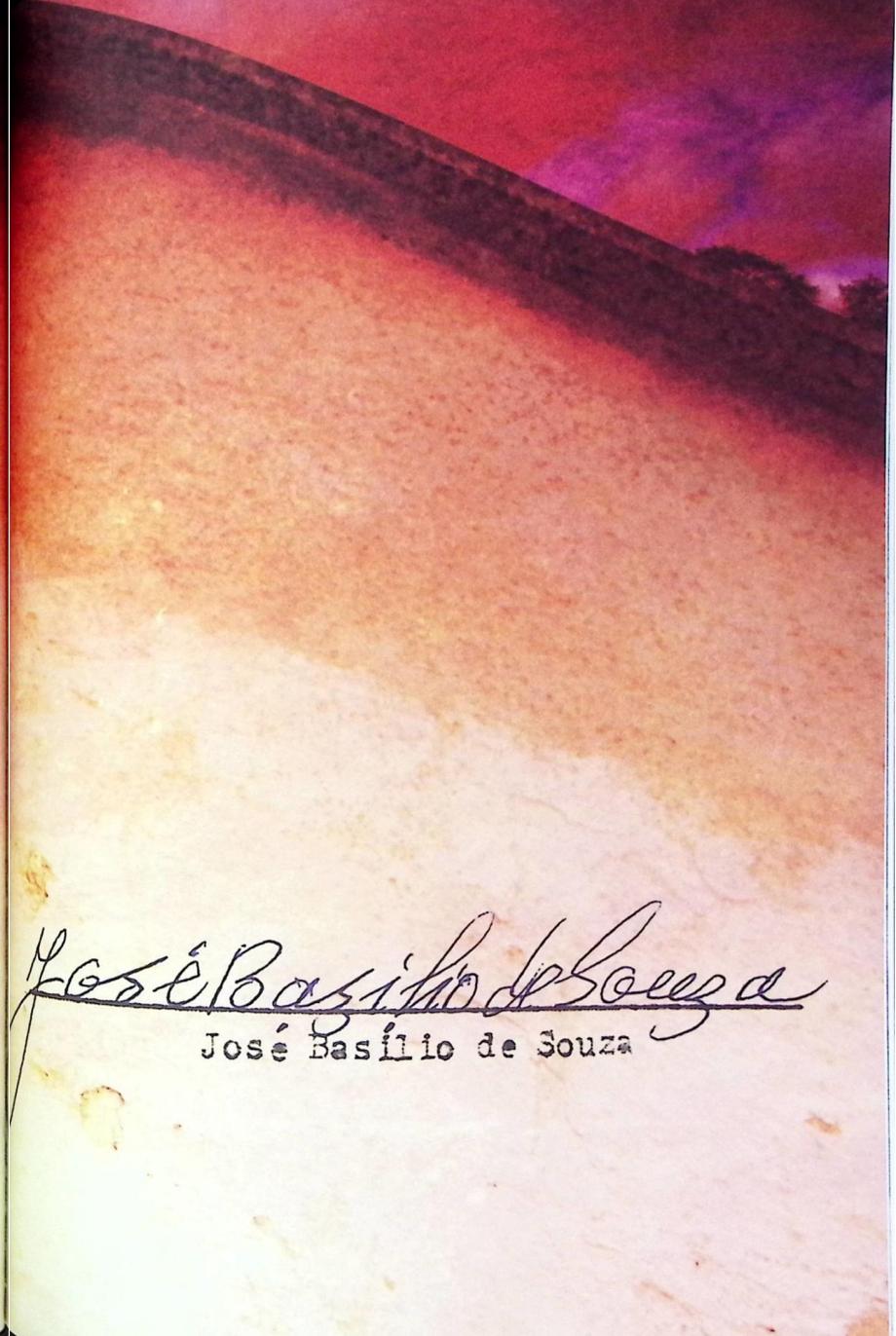
Seu Zezinho tinha sua maneira pessoal de agir na formação dos jovens de nossa Princesa do Sul, sempre ensinando e educando os jovens para o futuro, sob a égide da disciplina, da obediência à família e acima de tudo exigia boas notas na escola, pois como um homem humilde, mas de grande visão, admitia que só pela educação o homem conseguiria vencer.

A Equipe Tradição da Rádio Diocesana escolheu este homem, simples, humilde, inteligente, genial para ser homenageado como o Desportista do Século na Capital Secreta do Mundo.





**capítulo 13**



*José Basílio de Souza*

José Basílio de Souza



## Por que não temos mais Zezinhos?

Quando o histórico da maioria dos técnicos acusa passagens por vários clubes, o de Seu Zezinho – ao contrário – se resume ao Sumaré, pois nunca vestiu outra camisa que não fosse a do Estrela do Norte. Quando a maioria dos clubes já não mais considera treinadores como patrimônios seus como fazem com jogadores, o velho mestre continua vivo na memória alvinegra, após vinte e cinco anos de sua morte.

O tempo não apagou as tardes de treinos no campo, comandados pelo senhor simples, sempre muito elegante e sereno no falar, mas no gramado um verdadeiro xerife, inflexível, sisudo, que exibia muito amor à camisa. A memória dos meninos se confunde apenas quando é pedido que mencionem uma desaprovação ao ídolo estrelense. Ninguém consegue lembrar um momento que não fosse de alegria, como a de ter sido escolhido por Seu Zezinho para entrar em campo, a limpeza obrigatória do estádio antes dos treinos, a criançada ao redor do técnico para ouvir as orientações que serviriam para a vida inteira, a caminhada a pé pelas ruas de Cachoeiro para treinar ou jogar em outros campos de futebol, as viagens de caminhão, Kombi ou trem para jogarem em outras cidades da região, as manhãs de jogadas inesquecíveis e as tardes de muitos gols.

Ao escolherem o Infantil do Estrela do Norte, muitos desses me-

ninos viveram temporadas inesquecíveis, sob a batuta de um técnico rigoroso, com fome de títulos e que não gostava de perder. Aprenderam que não existe adversário invencível, campeonato perdido e ídolo no time. Aprenderam que títulos se conquistam com muito treino, suor e sacrifícios. Aprenderam a respeitar o maior patrimônio do clube: a torcida.

Nelson Rodrigues dizia que ninguém é modesto no futebol. “O que sustenta, o que nutre, o que dinamiza o futebol é a vaidade (...)”, afirmava sempre, em sua coluna “À sombra das chuteiras imortais”, publicadas na *Revista Manchete*, de 1955 a 1959. De fato, a vaidade no sentido literal da palavra não traduzia a personalidade de Seu Zezinho, que naquela época devia viver cercado de palpites por todos os lados. Ele foi um técnico de convicções, o único que mandava, que decidia. Imperava absoluto, com poucas palavras.

Estamos falando de categorias de base, de formação de atletas para os times principais, da ética e da construção de uma carreira no esporte. Das partes interessadas dentro e fora das quatro linhas do gramado, da boa reputação de dirigentes, técnicos e jogadores, das estratégias bem-sucedidas baseadas na transparência e no respeito e, sobretudo, pela paixão que move as partes seja diante da torcida, da imprensa, seja nos bastidores do futebol.

José Basílio de Souza, além de ensinar a arte de jogar bola, ensinou valores no esporte e na vida àqueles meninos de antigamente, que hoje cuidam da memória alvinegra: os troféus, as fotografias, o busto de bronze frente ao campo e a presente biografia. Esses “garotos” se sentem responsáveis pelo passado do Estrela, sua história que precisa ser continuada. Todos esses que fizeram o Infantil de Seu Zezinho campeão ainda têm muito a contar sobre o Gigante do Sumaré, onde ainda é possível imaginar o velho mestre à beira do campo, de cabeça branca, chinelos, comandando seu time, eterno.

## Seu Zezinho



**Wilson Márcio Depes**

Trata-se de um conto que teria ocorrido na África. Mas eu não acredito: foi em Cachoeiro. No Campo do Estrela. Pierron voava para cumprir a missão. O bem ou o mal não lhe dizia nada e o inimigo era cúmplice do mesmo papel.

Sol fortíssimo. Mesmo assim Pierron distingue, ao longe, o povoado de Cuala, no Congo: em trinta segundos estará sobrevoando a ponte que tem por missão destruir. Mas, ao ver a ponte, ele vê também, ao lado, um campo de futebol de crianças.

Está na hora de deixar cair as duas bombas aninhadas nas asas do avião. Ele tem que cumprir a ordem de seus patrões, se não, terá que curtir, na Europa, o desemprego e o tédio.

Atrás do para-brisa estratégico, após uma curva de inclinação, ele reconhece negrinhos de pés descalços fazendo firulas com uma bola. Dentro daquelas cabecinhas nunca tinha passado a ideia de guerra. Nem dos preconceitos. Nem das grandes maldades do mundo.

A aviação militar lhe havia aberto alternativas de ficar rico. A Indochina, a Argélia e, agora, as missões mercenárias do Congo. A guerra realmente parecia tê-lo arrancado definitivamente de sua doce infância.

Mas eis que Pierron se deixa dominar por recordações remotas. daquelas gritadas por aquele homenzinho de pés chatos, imponente, quase herói, cheio de fibra:

“Põe a cabeça na bola, menino! Solta a bola! Vamos tocar de primeira!”

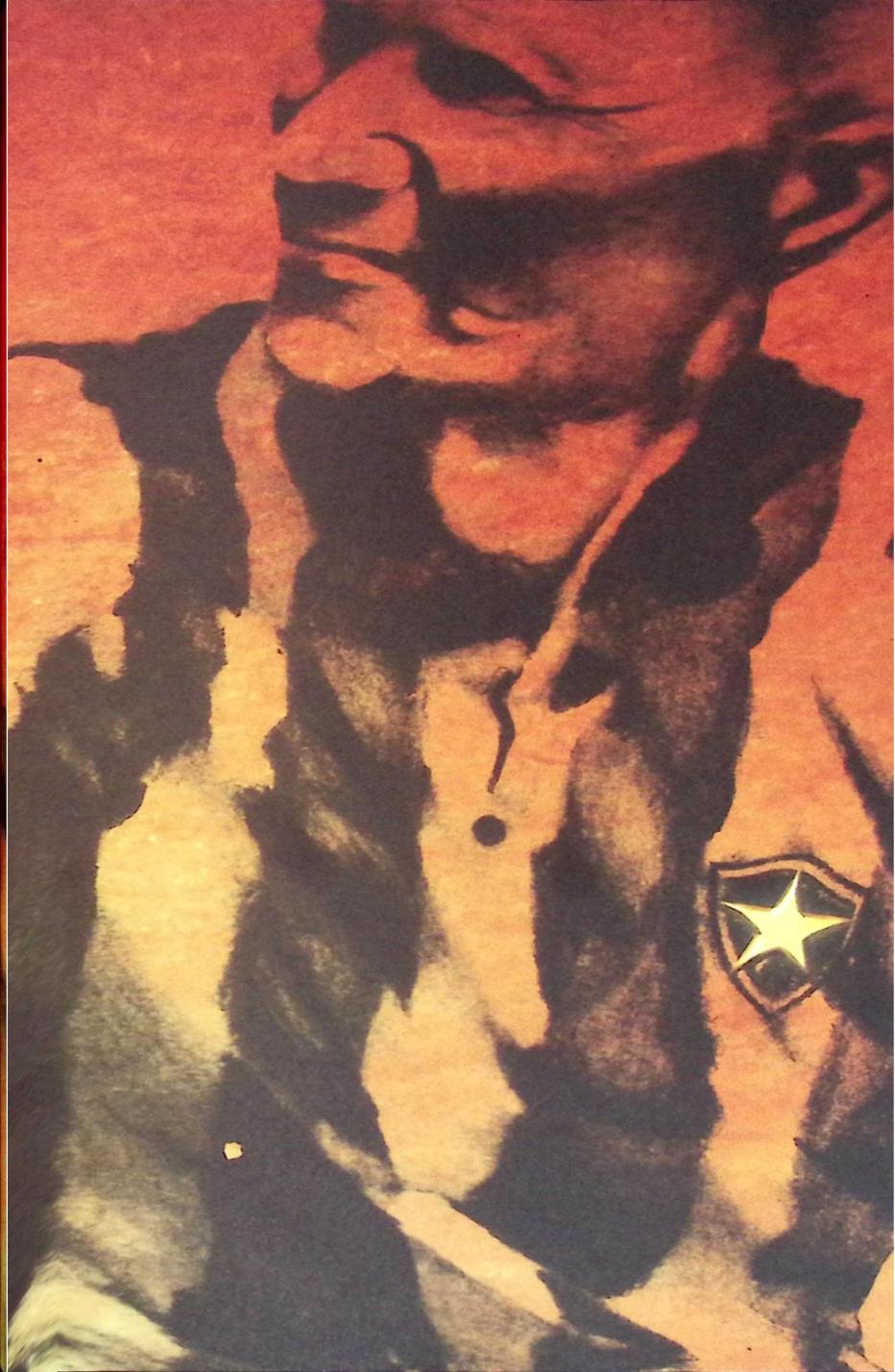
A caminho do pouso, Pierron imagina: como explicar aos patrões que ele recusou destruir uma ponte só porque jogara futebol em criança?

Um grupo de crianças a correr num caminho de futebol despertou em Pierron um sentimento que nunca mais passara por sua cabeça: a compaixão.

Hoje, mais do que nunca, tenho a certeza de que Seu Zezinho não é apenas um eterno fazedor de craques. É um formador de homens. Uma alma de herói. Um poema épico escrito com dribles, toques, passes, bicicletas, bolas rolando pela linha de fundo. Uma grande mensagem de amor colhida num campo de futebol.

No campo do Estrela.

*Esse era  
Seu Zezinho...*



## Carona, não

Certo dia, José Guilherme Lima, filho de Délio Moreira Lima, fundador do Café Campeão e presidente do Estrela no ano de 1956, estacionou o carro em frente à sua casa, acompanhado de sua esposa, Maria Luiza. Seu Zezinho vem passando pela calçada, em seu passo miúdo, para ao lado da janela do motorista e pergunta: “O que vocês estão fazendo aí, parados?”. Zé Guilherme, em tom de brincadeira, responde: “Estamos namorando”. Seu Zezinho deixa escapar um sorriso maroto e, ele que era de pouco riso, diz: “É, namorar é bom”. Segue-se, então, que Zé Guilherme lhe oferece um pernil de carneiro, que trazia no carro, perguntando-lhe se gostava daquele tipo de carne. Ele responde que sim e aceita o pernil. Quando, no entanto, o amigo insiste em lhe oferecer carona para levá-lo em casa, Seu Zezinho lhe responde: “O pernil, eu aceito; a carona, não”. A história confirma o que todos dizem: Seu Zezinho não aceitava carona e preferia fazer até mesmo os mais longos trajetos a pé.

## Trocadinho

Subir o Morro da Palha a pé exige preparo físico e muita disposição. Já com certa idade e tendo que fazer algumas paradas para descansar no meio do morro, Seu Zezinho senta no meio fio para pegar fôlego e continuar o caminho até sua casa. Uma senhora muito atenciosa, e que provavelmente não o conhecia, o aborda com um uma nota de dinheiro na mão, pensando que Seu Zezinho fosse um andarilho ou alguém simplesmente precisando de apoio. Ele sorri, agradece e recusa a oferta. Mas a senhora bondosa insiste: “Olha, o senhor sozinho aqui na rua... toma esse trocado para chegar até em casa”. Com a costumeira educação, Seu Zezinho aceita o dinheiro e continua seu caminho. Chegando em casa conta o ocorrido a família e entrega o dinheiro dizendo: “Façam o que acharem melhor com isso. Fiquei sem jeito de dizer que eu realmente não precisava”.

## A conga

O chinelo de dedo era marca de Seu Zezinho. Com ele, treinava os meninos, andava quilômetros a pé, frequentava a casa dos amigos. Não tinha a menor vaidade por sapatos. Pelo contrário: se precisasse usá-los, era uma luta. Quando foi a Vitória receber comenda na Assembleia Legislativa, o velho mestre teve que enfrentar a rejeição. A família lhe comprara um par de congas para motivá-lo a usar com a roupa igualmente simples, como fez questão. A contragosto, colocou o par de congas numa sacola de plástico e seguiu viagem com suas havaianas. Na hora de receber a honraria calçou as nem tão desconfortáveis congas azul marinho, para o alívio dos que o acompanhavam. Apesar de feliz com a homenagem, quando chegou a Cachoeiro foi logo avisando a família: “Não uso mais esse sapato!”. Mudou de ideia tempos depois, quando foi visto usando as conguintas em outros eventos menos pomposos.

## Cara de Gato

Os apelidos são comuns no futebol. Muitos jogadores não conseguem ser identificados pela torcida se a imprensa, por exemplo, só identificá-los pelo nome de batismo. José Moacyr de Freitas é um deles. Na infância e adolescência, jogou durante sete anos, no Infantil e no Juvenil do Estrela sob o comando de Seu Zezinho, na posição de meio de campo. Foi campeão pelo Infantil em 1949 e 1951 e também no Juvenil, em 1953. Moacyr ficou conhecido por Cara de Gato, apelido dado por Seu Zezinho, pois o mestre achava que o jogador parecia um gato. O apelido pegou e até hoje, mesmo morando em Araranguá (SC), os amigos e torcedores da época só o reconhecem pelo apelido. Cara de Gato guarda uma pequena frustração em sua carreira, feita toda ela no Sumaré: não chegou a jogar no time principal. Em sua época não havia o costume de se aproveitar no chamado “primeiro time” os jogadores que eram revelados nas bases.

## Black Power

Essa história aconteceu com Ricardo Braz da Conceição, filho do conhecidíssimo Waldir “Campeão”, que também foi atleta e de quem herdou o apelido. Ricardo começou no Estrela no ano de 1966, no Fraldinha, categoria que antecedia o Sumarezinho. No Infantil, jogou em 1976, aos dezesseis anos. Nessa época, os cabelos compridos eram praticamente um uniforme para toda uma geração de jovens, e até mesmo para os marmanjos. Num treino, Seu Zezinho reúne a meninada e dá a ordem: “Daqui pra frente, só vai jogar quem cortar o cabelo”. Ricardo “Campeão”, orgulhoso de sua cabeleira *black power* resolveu que não ia cortar a juba. Por conseguinte, não voltou aos treinos e aos jogos. Dias depois, Seu Zezinho apareceu em sua casa e, na presença de seus pais, perguntou o motivo de sua ausência. Ricardo ponderou que não queria cortar o cabelo, por isso não comparecera mais aos treinos. Seu Zezinho então virou-se para ele e disse: “Cabelo de preto cresce pra cima e não cai no olho, atapalhando a jogada. Pode voltar.”

## Mais apelidos

Paulo César Miranda Marques, foi batizado por Seu Zezinho de Paulo “Tora”, devido ao porte físico privilegiado. Era centroavante e gostava de fazer seus gols, até a chegada de Gabriel Machado, que seu Zezinho efetivou em seu lugar. De início chateou-se, por ter sido deslocado para a posição de zagueiro central. Hoje reconhece que Seu Zezinho tinha toda a razão. Saiu-se muito melhor na nova posição que o olho clínico do mestre havia detectado para ele. Para identificar melhor seus meninos, Seu Zezinho os apelidava com nomes que lembravam suas características físicas ou algum fato ocorrido em campo. Assim surgiram “Maranhão”, Zé Pirulito, “Zoinho”, “Fenemê”, Paulo “Globo”, Luiz “Cara Larga”, Caminhão, Valdir “Piquira”, Luiz “Noventa”, entre outros. Todos lembram com saudade esses “codinomes” de infância.

## Filho de dirigente

Entre os fanáticos do Estrela do Norte esteve Newton Garcia de Mattos, durante um bom tempo dirigente da equipe alvinegra, na época de Alfredinho Duarte Abreu e Antônio Mello. A paixão levou também o filho Newton Carlos Garcia, hoje médico gastroenterologista em Cachoeiro, a participar de muitas peladas na quadra que havia atrás do gol da entrada do estádio de Sumaré, para depois ingressar no infantil do Estrela, na época em que as chuteiras já eram usadas pelos meninos do Infantil. Jogou pouquíssimas vezes, tendo preferido ir para o Infantil do Brejeiro, na época uma dissidência do Ouro Branco. Diz que não lembra exatamente os motivos que o levaram a tomar essa decisão, à revelia de seu pai, que foi buscá-lo de volta ao saber que ele havia se mudado para outro time, não admitindo aquela “traição”. Ele, no entanto, imagina que o rigor que Seu Zezinho observava em relação ao tratamento igualitário a todos os meninos pode ter sido o motivo que o levou a deixar o Estrela, tendo ele se sentido preterido exatamente pela preocupação de Seu Zezinho em parecer que não concedia privilégios a quem quer que fosse, sendo ele filho de um dirigente do clube.

## Juiz ladrão

Renato França foi um daqueles pupilos de Seu Zezinho que não primavam por uma técnica mais refinada. Foi um lateral viril e esforçado. Numa partida do Infantil, Renato estava no “banco” e o titular não estava indo bem, o que levou Seu Zezinho a decidir por sua substituição. Chamou Renato, deu as instruções de praxe e o colocou em campo. O mestre distraiu-se um pouco, talvez observando os outros jogadores, talvez pensando numa estratégia para melhorar o rendimento da equipe. Passaram-se alguns minutos e Seu Zezinho vê Renato sentado novamente no banco. “Ô Renato, já não mandei você entrar?”. O jogador responde cheio da razão: “Já entrei Seu Zezinho, mas esse juiz ladrão já me expulsou”.

## Além do campo

José Augusto Nogueira, hoje vitorioso empresário do ramo de combustíveis, lembra que Seu Zezinho sempre se preocupava em saber do comportamento dos meninos também em sua vida familiar. Que era comum ele passar na sua casa, para conversar com seus pais, que tinham inabalável confiança em entregar seu filho aos cuidados do velho treinador. José Augusto lembra ainda que, por duas ou três vezes, “olheiros” do Rio de Janeiro vieram a Cachoeiro tentar levá-lo para fazer testes em clubes cariocas, o que sempre foi negado pelo seu pai, pois dizia “que precisaria do menino para substituí-lo em seus negócios”, o que realmente veio a acontecer no futuro.

## A revanche

Mário Braga, conhecido em todo o Cachoeiro por Maizé, lembra uma passagem curiosa e sagaz do velho mestre Zezinho. Certa vez, ele levou o Infantil do Estrela para uma partida contra o Infantil de um dos times de Castelo, que sempre foi berço de grandes craques. Perderam a partida por 6 a 1. Na volta, todo mundo de cabeça inchada. Seu Zezinho mudo. Não dizia uma palavra. Acontece que o homem não gostava de perder. Astucioso que só ele, armou, para daí a alguns dias, uma revanche no Sumaré. Recebeu a “delegação” de Castelo com toda a educação, levando os visitantes para almoçar em sua casa, antes do jogo. Afinal, como os meninos iriam jogar sem estarem bem alimentados? Preparou com zelo e capricho uma macarronada especial para a molecada. A turma caiu na massa com disposição. A macarronada estava muito bem feita, mas Seu Zezinho perdeu um pouquinho a conta do sal no molho. Depois, foi servida a sua famosa cocada como sobremesa, onde Seu Zezinho também apertou um pouco a mão no açúcar. Resultado: a molecada de Castelo passou o jogo inteiro indo à beira do campo pedir água. Estima-se que cada um bebeu pra mais de litro e meio durante a partida. Resultado do jogo: 9 a 1 para o Estrela.

## Singela ironia

Joaquim Humberto dos Santos também precisa de ser chamado por seu apelido de Cabrita para que todos saibam que foi aquele craque que passou pelo Estrela, desde o Infantil até o time principal. Ele conta que o mestre não abandonava seus pupilos quando se tornavam adultos ou veteranos. Vivia organizando torneios para que se encontrassem e mantivessem a amizade e a proximidade com ele. Nesses torneios, vestia-se obrigatoriamente a camisa do Estrela e não se permitia que os marmanjos jogassem outros torneios envergando camisas de outras agremiações. Num desses encontros, um político famoso, ex-centroavante estilo “tanque” ou “caminhão”, chegou um pouco atrasado, colocou o uniforme rapidamente, foi para a beira do gramado e apresentou-se para jogar. Seu Zezinho disse, com singela ironia: “Chegou cedo para o segundo tempo”.

## Qualquer posição

Se alguém se referir a Cléber da Silva como um dos craques que passaram pelos ensinamentos de Seu Zezinho, ninguém se lembrará. Mas se dissermos Gute, aí sim, estará identificado um dos seis irmãos que fizeram parte da história do futebol cachoeirense: Ubiracy, Leônidas, Antoinzinho, Clézio e Bolão (Élcio). Hoje, ferroviário aposentado e passarinheiro, Gute relata uma situação que demonstra com clareza um pouco da verve sutil do grande mestre. Levado por Antoinzinho, que já era jogador do Estrela, foi apresentado a Seu Zezinho como seu irmão mais novo, e que gostaria de fazer seu primeiro treino no Infantil do Estrela. O mestre o acolheu e foi logo perguntando: “Em que posição você joga, menino?”. Gute, querendo bancar o esperto, encheu o peito, tomou coragem e disse: “Jogo em qualquer posição, Seu Zezinho”. Ao que o mestre, de imediato, completou: “Então, senta aí no banco e comece a procurar a sua posição. Quando achar, me diga”.

## Rígida disciplina

Hércules Silveira foi vizinho, por um tempo, de José Basílio, na rua Carlos Silva. Um em frente ao outro. Começou a jogar bola no Grêmio Santo Antônio, e no Estrela do Norte era convocado vez ou outra, quando faltava atleta para treinar no aspirante. Teve o sonho de ver jogando no Infantil de Seu Zezinho os sobrinhos Renato e Lula. “Meninos bons de bola”, afirma Hércules. Levou os garotos ao Campo do Estrela para Seu Zezinho conhecer, e de cara o velho mestre mandou Lula cortar o cabelo, à época até os ombros. Rejeição à primeira vista. Renato ficou e treinou um tempo, mas não se “enquadrou” na disciplina rígida do treinador. Não fez carreira no futebol, mas brilhou no vôlei. Hércules também não frequentou mais os gramados, se formando em Contabilidade, em Direito e, por último, em Medicina. Foi vereador e atualmente é deputado estadual. Mas a disciplina de Seu Zezinho, essa ele diz que levou para vida e para a profissão.

## A flâmula

Fernando Antônio Ferreira Netto é médico em Cachoeiro há quarenta anos. Pertence a uma família de desportistas. Filho de Sinval Ferreira Netto e Virginia Magalhães Netto, é sobrinho de Aúa, Kafunga e Jurinha. Sempre soube que não era craque de bola, limitando-se apenas a jogar as peladas nos campinhos de terra do bairro Gilberto Machado, onde residiu por muitos anos. No ano de 1964, no entanto, conseguiu uma vaguinha no Infantil do Estrela. Para variar, foram campeões daquele ano, com um gol solitário, de sua autoria, na partida final. Assim que foram proclamados campeões, Seu Zezinho organizou uma festa comemorativa, a que Fernando não compareceu. Foi embora de Cachoeiro para prosseguir seus estudos e, quando retornou, logo começou a exercer o seu ofício de cirurgião. Alguns poucos meses depois de sua chegada, foi abordado por Seu Zezinho na calçada da rua Ana Machado. Seu Zezinho o abraçou e,

vendo-o vestido de branco, felicitou-o pela conquista profissional. Pediu-lhe que esperasse ali um pouco, pois iria em casa buscar algo que queria lhe entregar. Fernando esperou e logo ele estava de volta, trazendo-lhe como presente a flâmula comemorativa daquele campeonato ocorrido onze anos atrás e com o nome “Fernando” grafado naquela flâmula. Por onze anos Seu Zezinho guardou aquele prêmio individual de um de seus pupilos. Isso demonstra o quanto o zelo e o carinho com os seus atletas era rigorosamente o mesmo em relação a qualquer um deles.

## Desportista incomparável

Jurandir Moreira, servidor público estadual aposentado e tendo, hoje, por volta de seus oitenta anos, foi craque nos anos de ouro do futebol cachoeirense.

Conseguiu a admiração unânime da duas torcidas antagônicas da cidade. Torcedores do Cachoeiro e do Estrela têm por ele o mesmo respeito e sentem a mesma saudade de seu futebol fino, clássico e elegante, e que era comparado, em estilo, ao do craque Didi, bicampeão do mundo em 1958 e 1962.

No programa “Cantinho da Saudade”, comandado pelo grande desportista Hermogênio Volpato, Jurandir fala de sua admiração por Seu Zezinho, com quem começou no futebol, no Infantil do Estrela. Ressalta que uma das muitas virtudes do mestre do Sumaré era a sua visão de futuro: ele conseguia enxergar aqueles meninos que seriam craques e os orientava para que aproveitassem o seu talento. Sua admiração por ele vai ao ponto de dizer que lamentava que ele não tivesse sido treinador do time profissional. Diz que com a sua grande sabedoria e estatura moral, ele teria tido também muito sucesso na orientação dos atletas do primeiro time.

Considera que Seu Zezinho foi um ser humano e um desportista tão especial que é impossível fazer comparação com qualquer outro desportista que tenha conhecido em sua vida de atleta.

## Malandrinho

Quem conta esse “causo” é Jorge Antônio Ferreira de Souza, o Jorginho “Malandrinho”, que recebeu esse apelido porque corria dos exercícios de aquecimento, por achá-los enfadonhos. Certa vez o Infantil do Estrela foi ao Rio de Janeiro para disputar um jogo no Morro do Macaco, em Vila Isabel, num campo que pertencia ao Exército (1º Regimento Sampaio de Infantaria). Diz Jorginho que quem chegou com fama de “estrela” para esse jogo foi Batatinha. Fama de bom de bola, de irmão de Jair Bala e de cantor de samba de breque, estilo Moreira da Silva. Logo fez sucesso no Morro do Macaco, a ponto de desaparecer da delegação, só chegando em cima da hora do jogo. Seu Zezinho não gostou da indisciplina do craque do time, mas aceitou que ele jogasse. No final, deu Estrela 2x1, com gols de Batatinha e Alberto Mazzocco. Batatinha até hoje explica o sumiço dizendo que conheceu uma “senhora” que foi muito atenciosa com ele e o levou para “almoçar” na casa dela, daí o atraso para a preleção antes da partida. Histórias do Estrela de Seu Zezinho. Malandrinho fez carreira e chegou a jogar no Corinthians de Rivelino e Zé Maria e, a seguir, no Botafogo de Gerson, Afonsinho e Paulo Cesar Caju.

### Foto histórica

Ruy Soares da Silva, que os desportistas cachoeirense conhecem por Ruyzinho, nasceu em 8 de agosto de 1939, mas não chegou a ser atleta de Seu Zezinho. Só veio jogar no Estrela no ano de 1958, sendo atleta do time Juvenil, comandado por Antônio Miguel. Nesse mesmo ano chegou a titular do esquadrão do Sumaré.

Ruyzinho tem uma história curiosa para contar, em que os protagonistas são o seu filho Roger Castilho Soares e Seu Zezinho.

Num determinado dia o seu filho veio ao Sumaré para uma partida contra o Infantil do Estrela, integrando o time Infantil do Bairro Ferroviários.

Ruy acompanhou o filho, então com seus 13 ou 14 anos, observando o jogo através do alambrado. Com a partida em curso e sendo arbitrada por Seu Zezinho, eis que o mestre interrompe a peleja e se dirige ao Ruy, perguntando se ele estava ali acompanhando algum daqueles meninos. Ruy responde que sim, que um deles era seu filho, jogando pelo time visitante. Seu Zezinho então chama o Roger, pede que ele vista o uniforme do Infantil do Estrela, tira uma fotografia com o braço sobre os ombros do menino. Roger volta a trocar o uniforme e continua a partida conforme começara. A curiosidade é que essa fotografia ilustra a capa do livro “História e Glória do Futebol Cachoeirense”, do professor Osvaldino Pedro Vieira e que é leitura obrigatória para quem quer saber da história secular do futebol cachoeirense. A outra curiosidade é que Roger nunca chegou a vestir a camisa do Estrela como atleta. Com este pequeno gesto de generosidade, Seu Zezinho demonstrou ao Ruy o quanto o admirava.

E Ruy afirma que a admiração era recíproca.



Seu Zezinho e Roger, filho de Ruyzinho.

Abel Sant'Anna Júnior  
Ademir Félix da Silva (Batatinha)  
Adilson Conti  
Adilson Lázaro  
Alcenir Ramos  
Aldir Meireles de Souza (Gatinha)  
Alexandre Grasseli de Souza  
Anderson Grasseli de Souza  
Andressa Grasseli de Souza  
Antônio Geraldo  
Antônio Volpini  
Bruno Vale de Souza  
Carlos Damasceno  
Cláudio Luiz Braconi  
Cleber da Silva (Gute)  
Dailton Dessaune de Almeida  
David Alberto Lóss  
Domingos Sampaio Cocco  
Ely de Souza Fraga  
Elyan Peçanha  
Fábio Luiz Vale de Souza  
Fernando Antonio F. Netto  
Gastão Gonçalves Coelho  
Geraldo Cerqueira  
Geraldo Luzia de Oliveira (Bidal)  
Henrique Mello Moraes  
Hércules Silveira  
Hermogênio Volpato  
Híger Mansur  
Jair Félix da Silva (Jair Bala)  
Jackson Vieira Rangel  
Jandira Pinheiro  
Joacyr Pinto  
Joaquim Humberto dos Santos (Cabrita)  
Jorge Antônio Ferreira de Souza (Malandrinho)  
José Augusto Nogueira  
José Eduardo Moreira (Zédu)  
José Guilherme Lima

José Jorge Fabiano (Tinteiro)  
José Mariano Lopes  
José Moacyr de Freitas (Cara de Gato)  
Josias Torres Machado  
Jota Macedo  
Júlio Ferrari  
Jurandir Moreira  
Luiz Carlos de Freitas (Batata)  
Luiz César Fiel  
Marcelo Costa Moreira  
Marcos Aurélio de Freitas (Lominha)  
Maurício Coelho dos Santos  
Mário José Braga  
Murilo Barnabé  
Newton Carlos Garcia  
Orlando Gonçalves  
Osvaldino Pedro Vieira  
Paulo Roberto "Globo" Silva  
Paulo Pacova  
Paulo Sérgio Caetano  
Paulo César Marques  
Raul Sampaio Cocco  
Renato França  
Ricardo Braz da Conceição  
Ricardo Machado  
Ricardo Ferraço  
Roberto Valadão  
Robson Sabadini  
Romildo Ribeiro Tavares  
Ronaldo Basílio de Souza  
Ronaldo de Souza Guimarães  
Ruimar Bernardo da Silva  
Ruy Soares da Silva  
Sinésio Benedito da Silva  
Theodorico de Assis Ferraço  
Vinicius Muline dos Santos  
William Lima

## Referências Bibliográficas

BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CARSON, Mike. Os campeões – por dentro da mente dos grandes líderes do futebol. Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2015.

CASTRO, Ruy. O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CARVALHO, Marco Antônio de. Memórias de Cachoeiro. Rio de Janeiro: Booklink Publicações, 2005.

DRUCKER, Peter F. O líder do Futuro. São Paulo: Futura, 1996.

MACIEL, Manoel Gonçalves. Voltando ao Cachoeiro Antigo. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2003.

MOREIRA, Evandro. Cachoeiro uma história de lutas. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2004.

MOREIRA, Evandro. Newton Braga – o poeta franciscano. Cachoeiro de Itapemirim: Heliograf, 2006.

MOREIRA, Evandro. Seleta de Crônicas. Cachoeiro de Itapemirim: Heliograf, 2006.

NEWTON BRAGA, CACHOEIRENSE AUSENTE. Edição comemorativa do centenário de nascimento. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2011.

NORIEGA, Maurício. Os 11 maiores técnicos do Futebol Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2009.

REVISTA ESTRELA DO NORTE 100 ANOS. Jornal Espírito Santo de Fato. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2016.

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais – crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAVES, Rodrigo. NOGUEIRA, Claudio. Os dez mais do Vasco da Gama. Rio de Janeiro: Maquinária, 2011.

VIEIRA, Osvaldino Pedro. História e Glória do Futebol Cachoeirense. Cachoeiro de Itapemirim: Gráfica Espírito Santo, 2004.

## Créditos das imagens

Ademir Félix da Silva

Adilson Conti

Adilson Lázaro

Alexandre Grasseli de Souza

Anderson Grasseli de Souza

Andressa Grasseli de Souza

Dailton Dessaune Almeida

Diário Capixaba

Domingos Cocco

Hermogênio Volpato

Higner Mansur

Jorge Antônio Ferreira de Souza

Jornal A Boca

Jornal Folha do Espírito Santo

Jornal Sete Dias

Josias Torres Machado

Leandro Brant

Luiz Carlos de Freitas

Murilo Bernabé

Paulo Roberto Silva

Revista Estrela do Norte 100 anos

Revista Sete Dias

Ricardo Braz da Conceição

Ronaldo Basílio de Souza

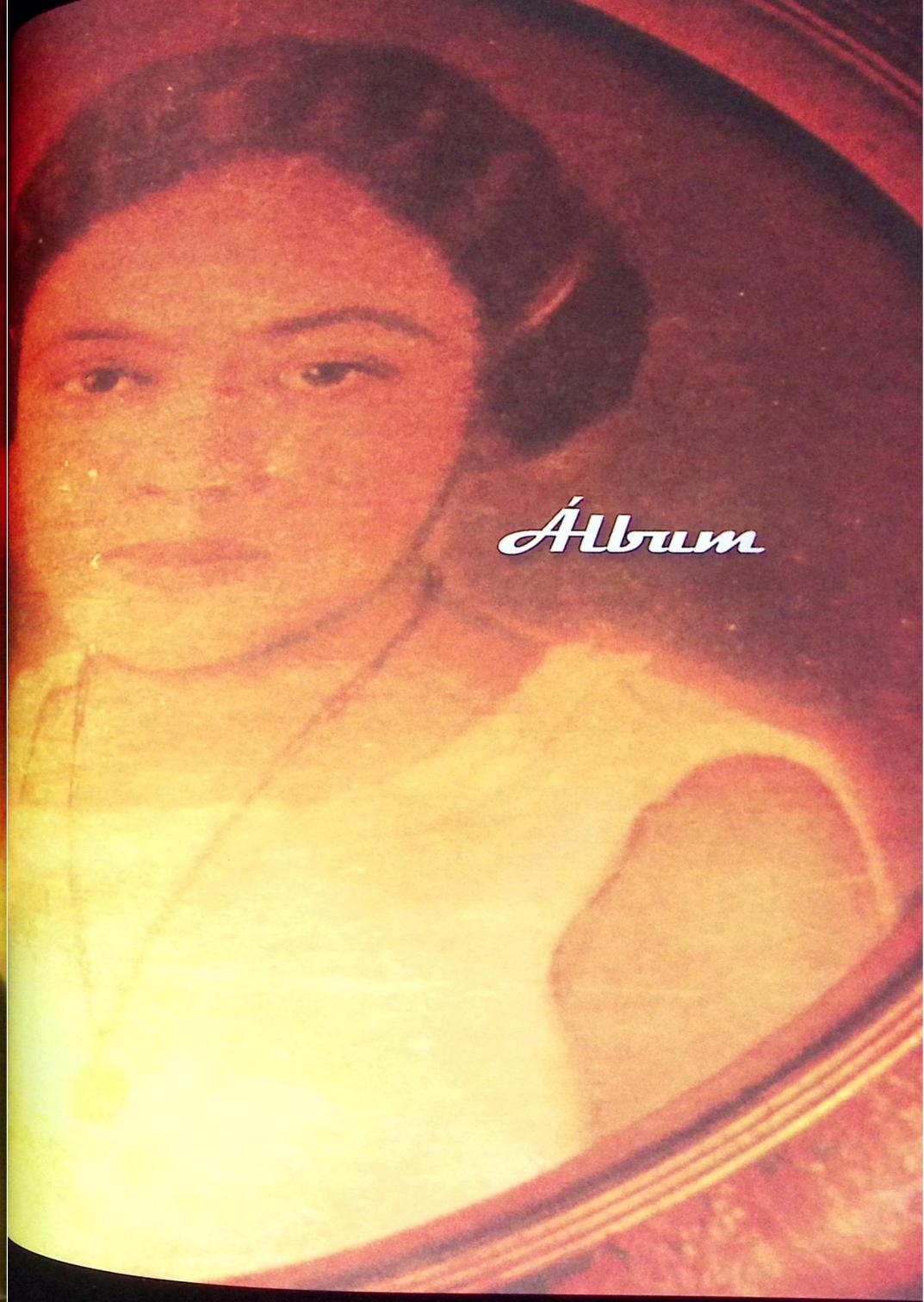
Ronaldo Souza Guimarães

Ruy Soares da Silva

Sérgio Neves

Wilson Márcio Depes





*Album*



A nora Ildete com o primogênito Alexandre



Seu Zezinho, quatro netos, os filhos Ronaldo e Nely, e a nora Ildete.



Batizado do neto na Igreja Matriz de São Pedro.



Verly, Nely, Vanderli e Ronaldo.





Aniversário de Seu Zezinho.



Comemoração dos 90 anos de Dona Filinha.



Seu Zezinho e Dona Filinha junto de Paulo Soares.



O casal Zezinho e Filinha com o filho Verly e esposa, e netos.





Familiares e amigos em festa.



Ângela Meneguelli, Dona Inah, Seu Zezinho, Dona Mariquinha Meneguelli, Cibele Carvalho, Dona Filinha, Honorina Francisca Miranda dos Santos e Jamil Moysés.



Festa de 15 anos da neta Andressa.



A nora Ildete e o neto Alexandre.





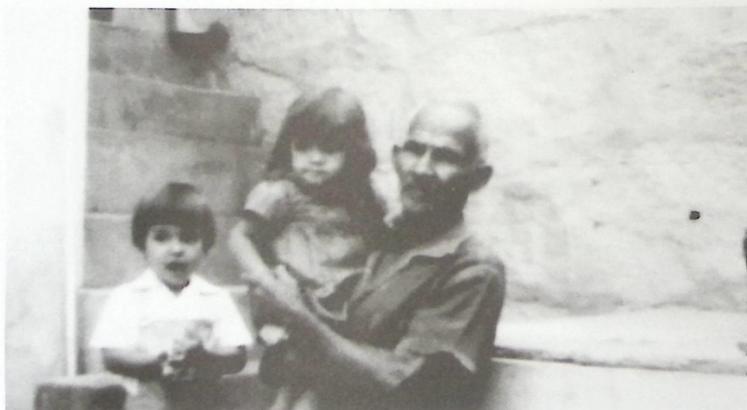
Missa Campal nas Bodas de Ouro do casal,  
em 1978.



Hélio Carlos Manhães saudando  
o casal nas Bodas de Ouro.



Seu Zezinho com os netos.



O casal entre os amigos Iran Canuto, Clícia Santos,  
Oswaldino Vieira e Edna Santos.





Seu Zezinho com seu esquadrão Campeão de 1954, tendo ao seu lado o filho Ronaldo.



Seu Zezinho, Batata, Brazinho, Lincoln, Lominha, Dailton, Nelmo, Pacaparra, Negreli, Pireli, Biscuinha, Mário Braga e Lulu.



Infantil do Estrela, Campeão da Cidade em 1961.  
Denizart, Gabriel, Jadir, Ronaldo, Jaó, Cláudio Braconi,  
Zé Luiz, Ferraço e Seu Zezinho.  
Luiz Cara Larga, Jorginho Meneguelli, Dedê,  
Batata, Renato França e Clésio.



Seu Zezinho com a Escolinha do Estrela nos anos 1980.





Seu Zezinho, ao lado de Osvaldino Vieira e Edinho Moreira, em confraternização com a meninada do Infantil.



Infantil do Estrela recebendo uma equipe visitante.



Marquinho Aborrecido, Valdemiro, Jadir, Jaó, Cláudio Braconi, Adilson Lázaro, Marilene Zanetti e Seu Zezinho. Nélio, Jorginho Meneguelli, Edvino, Henrique Moraes, Ruimar, Sabadini e Adilson Roupeiro.



Antônio Melo foi infantil, juvenil, titular, árbitro e presidente do Estrela.





Sumarezinho de chuteiras.



Infantil do Estrela comemorando o Dia das Crianças



Seu Zezinho em momento de descontração com seus meninos.



Seu Zezinho com atletas e seus familiares.





Batata (Luiz Carlos de Freitas),  
Ely Fraga (ao fundo) e Antônio Volpini.



Batata no Encontro Anual de Ex-atletas,  
no Campo do Sumaré, em janeiro de 2016.



Jéferson 109, Adail Braga, Seu Zezinho, Fabiano  
Bueno, Josias Machado, Geraldinho Bueno  
e Pedrinho Pitanga.



Paulinho "Globo", um dos baluartes da organização  
do Encontro Anual de Ex-atletas, tendo ao seu lado  
Zédu, Cachoeirense Ausente de 2016.





Batatinha, um convidado,  
Mauricinho e Marcelo Pau Puro.



Irlando, Adail, Bulau, Albino, Jéferson 109, Pedrinho  
Pitanga, Seu Zezinho e Raphael Santana  
Geraldo Cerqueira, Fabiano Bueno, Geraldinho  
Bueno, Josias Machado, convidado e Miltonho.



Valdir Campeão, Adilson Lázaro, Braulino, Ruyzinho,  
Geraldo Latufe, Vanderley e Seu Zezinho.  
Sinézio, Cabrita, Nogueira, Gute e Gatinha.



Jogo anual entre ex-atletas residentes  
em Cachoeiro e ex-atletas residentes  
fora da cidade, na década de 1980.





Feijão, Baleia, Valter, Sinézio, Paulo Globo, Seu Zezinho, Mário Conde, Denizart, Paulinho Pacova, Cláudio Braconi, Gute, Dailton e Maurício, entre outros.



Abel Sant'Anna Junior e Ely Fraga



O ex-goleiro Zeca Peneira, Carlinhos Depes, Cláudio Braconi e Tinteiro.



Cuca e Jéferson 109.





Zé Lopes, César Fiel, Tinteiro, Zédu e Jéferson 109.



Marcelo Pau Puro, Ely Fraga, convidado,  
Renato França, Manoel Preto, Néelson Gava,  
Gaspar do Pandeiro, Profeta e Aurinho.



Osvaldino Vieira, David Lóss e Romildo Tavares.



Seu Osmar, Zé Tainha, Valdir Campeão,  
Seu Zezinho e Seu Batata.





Seu Oscar de Freitas e Seu Zezinho, tendo ao lado o folclórico jornalista Geraldo Pedrosa, vulgo Carolino.



José Cocco e assistente, por ocasião da construção da arquibancada do Sumaré, na década de 1950.



Seu Zezinho em solenidade transmitida pela Rádio Cachoeiro, entre Elias Apolinário, Rubens Motta, Rubens Penedo, Washington Bisi e o Professor Deusdedit Baptista falando ao microfone de Sabra Abdalla.

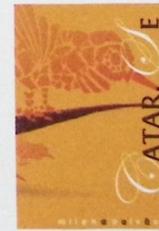
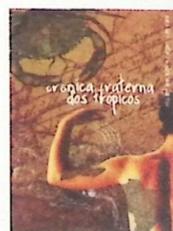
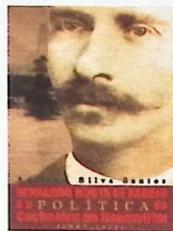
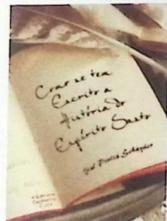
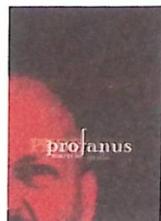
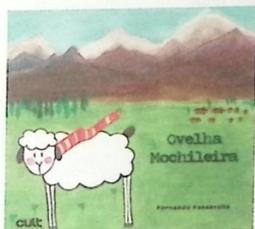


À direita, Antônio Carlos Braconi, em foto do início da década de 1950. Fez carreira como atleta do Estrela, formou-se engenheiro e, mais tarde, tornou-se Presidente do clube.





O trabalho da Editora Cachoeiro Cult dentro da cultura cachoeirense, em dez anos de mercado, tem-se pautado na constante elevação do nível das publicações de autores capixabas, além do compromisso incessante de revelar novos e promissores talentos literários.



**CLÁUDIA SABADINI** é jornalista e escritora. Nasceu no bairro Sumaré, em Cachoeiro de Itapemirim, cercada de estrelenses por todos os lados. É filha de Luzia e do saudoso árbitro Isael Sabadini. Veterana ouvinte das transmissões esportivas da Rádio Cachoeiro, não teve a oportunidade e a sorte de receber os ensinamentos do mestre Zezinho, mas encontrou nesse projeto o desafio de contar a odisseia de um treinador que deixou grandes exemplos para suas equipes, seus meninos e quem mais se juntasse ao seu sonho: formar cidadãos de bem.

**DIEGO SCARPARO** é cachoeirense do bairro Aquidaban, publicitário, artista plástico, designer e cineasta – dirige documentários e ficções. É o capista oficial da Editora Cachoeiro Cult. Nunca jogou bola – preferia os jogos de RPG –, mas soube captar o espírito do livro e da lenda “Seu Zezinho”.

**FERNANDO GOMES** é sócio da Editora Cachoeiro Cult. Cachoeirense de 1949, frequentou o Estádio do Sumaré no período em que o Infantil do Estrela foi seguidamente campeão (final dos anos 1950 e início de 1960). Conviveu, naquele período, com a maioria dos meninos da mesma geração que se tornaram craques do futebol. Empenhado no trabalho de editar a biografia de Seu Zezinho, tem tido a oportunidade de reencontrar amigos e relembrar os bons momentos vividos numa época em que, espelhados na figura mítica desse grande personagem, viveu-se uma época de ouro no futebol cachoeirense.

**MARCELO GRILLO** é fundador da Editora Cachoeiro Cult. Escritor insistente, tem sido premiado nas esferas municipal, estadual e nacional. Envereda, às vezes, pelo cinema. É ativista cultural e inconformado de nascença – por isso faz tantas coisas ao mesmo tempo, e todas com prazer, como este livro sobre a “Estrela Eterna do Sumaré”. Buraramense, jogou contra e a favor de muitos ex-atletas de Seu Zezinho, admirando a disciplina e o senso de profissionalismo que possuíam. Ex-bom de bola, mas rebelde em campo, gostaria de ter sido aluno do Mestre.

Depois da família,  
a grande paixão de  
Seu Zezinho foi o Estrela  
do Norte, clube ao qual  
dedicou a vida por  
sessenta e seis anos,  
onde fez amigos e deixou  
um legado importante  
como treinador. Para a  
grande maioria, foi um  
segundo pai.

A presente obra  
concretizou-se por  
iniciativa do ex-atleta  
Luiz Carlos de Freitas  
(Batata), com o apoio de  
veteranos e torcedores do  
Estrela do Norte, com o  
objetivo de contar a  
história de um dos maiores  
desportistas capixabas,  
no ano do centenário  
do time.

O projeto contou com a  
participação de mais de  
70 entrevistados,  
personagens importantes  
na história de  
José Basílio  
e da torcida estrelense.

A Editora Cachoeiro Cult  
se orgulha em assinar  
esse projeto.